

# A Defesa Nacional

REVISTA DE ASSUNTOS MILITARES

DIRETOR PRESIDENTE: João Batista de Magalhães

SECRETARIO: H. Castello Branco

GERENTE: João Batista de Matos

ANO XXI

BRASIL — RIO DE JANEIRO, JUNHO DE 1934

NUM. 241

EDIÇÃO DE 64 PÁGINAS

## S U M A R I O

### EDITORIAL

- A execução da reforma* ..... 283

### COLABORAÇÃO

- Um apanhado sobre a organização do Ministério do Ar, na França*  
— Cmt. P. Fay, da M. M. F. ..... 287
- O problema da defesa das costas* — Ten. Cel. Agostinho Santos ..... 290
- Uma solução (tema tático formulado aos candidatos à Escola Superior de Guerra da França)* — Tradução do Cap. Claudio Duarte ..... 295
- A tática e o armamento* — Cel. Corbé, da M. M. F. ..... 312
- Ficha de organização e execução da limpeza do armamento nas Cias.*  
— 1º Ten. Iremar Pinto ..... 315
- A Infantaria* — 1º Ten. Geraldo de Menezes Cortes ..... 317
- Para que morteiro?* — Cap. Roberval Ozorio ..... 323
- Notas sobre unidades aereas divisionarias* — Cap. Nilo Sucupira ..... 324
- Reconhecimento de Grupo* — Tradução do 1º Ten. H. B. Fortes ..... 328
- Arraçoamento dos equinos da tropa* — Relatório ..... 340

### Sugestões:

- Administração e instrução* — 1º Ten. Irapuan Xavier Leal ..... 337
- Cadernetas de ordens, mementos e roteiros* — 1º Ten. Irapuan Xavier Leal ..... 338
- Inspetoria regional dos tiros de guerra da VI Região Militar* —  
Cap. A. de Castro Nascimento ..... 339

### DA REDAÇÃO

- A liberal democracia e os Exércitos* ..... 289
- Interesses particulares e interesses coletivos* ..... 311
- Bibliografia* ..... 339

# A DEFESA NACIONAL

## GRUPO DE ADMINISTRAÇÃO

*Diretoria:* — Presidente - J. B. Magalhães; Secretario - H. Castello Branco  
e Gerente - J. B. Matos.

*Conselho de Administração:* — Gervasio Duncan, Renato B. Nunes, Emilio Ribas Junior,  
Arthur Carnaúba, Alexandre Chaves e Lamartine Paes Leme.

## CORPO DE REDATORES

Redator-chefe — Cap. H. Castello Branco — Redatores das armas: Infantaria — Major Tristão Araripe; Cavalaria — Major Orozimbo Martins Pereira; Artilharia — Cap. Olivio de Oliveira Bastos; Engenharia — Major Heitor Bustamante; Aviação — Ten. Cel. Ajalmor Vieira Mascarenhas; Serviços: Saude — Cap. A. Gentil Basílio Alves; Intendencia — Major Raul Dias Sant'Anna; Veterinaria — 1º Ten. Armando Rabelo de Oliveira.

## AUXILIARES

Das armas - Inf.<sup>a</sup>: Capitais J. B. Matos, J. B. Rangel, Segadas Viana, e Nilo Guerreiro;  
Cav.<sup>a</sup>: Cap. Ladario C. Teles; Eng.<sup>a</sup>: Cap. J. Lima Figueiredo; Dos Serviços - Int.<sup>a</sup>: 1º Ten. José Salles.

## CORPO DE REPRESENTANTES

### Estabelecimentos e Repartições Militares

M. G. — Major Rodrigues Ribas  
E. M. E. — Cap. Joaquim Dutra  
1º Gr. Regiões — Ten. Moziul  
D. P. G. — 1º Ten. Toscano de Brito  
D. C. — 1º Ten. Toscano de Brito  
Dir. M. B. — Ten. Abda Reis  
Dir. Eng. — Major Moraes Carneiro  
Dir. Av. — Cap. Godofredo Vidal  
Dir. Remonta — Cap. Diogenes Anacleto  
Dias dos Santos  
Dir. I. G. — Ten. José Salles  
S. G. E. — Cap. R. Pedro Michelena  
Serv. Geogr. — Cap. Castello Branco  
Serv. Radio — Ten. Juracey Campelo  
Dist. A. Costa — Cap. Ary Silveira  
Q. G. 1<sup>a</sup> R. M. — Ten. Romão Leal  
Q. G. 2<sup>a</sup> R. M. — Cap. Gilberto Reis  
Q. G. 3<sup>a</sup> R. M. — Cap. Carlos Analio  
Q. G. 4<sup>a</sup> R. M. — Cap. Oscar Costa  
Q. G. 6<sup>a</sup> R. M. — Major Lopes da Costa  
Q. G. 7<sup>a</sup> R. M. — Major I. José Veríssimo  
Q. G. 8<sup>a</sup> R. M. — Cap. Edgardino Pinta  
Q. G. Cir. Militar — Cap. Olivio Bastos

M. M. F. — Cap. Jurandy Palma Cabral  
E. E. M. — Cap. Luiz Pinheiro e Tte. Basílio Magno  
E. I. — Cap. J. B. de Mattos  
E. A. — Ten. Luiz Batista Pereira  
E. C. — Cap. Armando Ancora  
E. E. — Cap. Luiz Betamio  
Escola Técnica — Cap. Jandir Galvão  
E. Av. — Cap. Arquimedes Doria  
E. M. — Ten. Alexino Bitencourt  
E. E. F. E. — Maj. Raul Vasconcelos  
E. I. — Cap. E. José Granja  
E. Ot. E. — Cap. Armando Oliveira  
C. A. S. I. — Ten. Hugo Faria  
C. M. R. J. — Cap. Milton de Sousa  
C. M. P. A. — Cap. Hugo Silva  
C. M. C. — Cap. Djalma Baima  
F. C. A. G. — Ten. Brito Junior  
F. P. S. F. — Cap. Pompeu Monte  
F. P. A. — Ten. João Carlos Ribeiro  
Serv. de Subsistência — Ten. Claudio M. Rego

## TROPA

### INFANTARIA

Btl. Escola — Ten. Augusto Presgrave  
Btl. Guardas — Ten. Francisco M. Rolim  
1º R. I. — Cap. Fernandes Guedes  
2º R. I. — Ten. Roberto de Pessoa  
3º R. I. — Ten. Antero de Almeida  
4º R. I. — Ten. Paulo A. Miranda  
1/5º R. I. — Cap. Rafael F. Guimarães  
III/ 5º R. I. — Alcides P. Coelho  
I/6º R. I. — Cap. Armando Moraes  
6º R. I. — Ten. Ary Ruch  
7º R. I. — Cap. Gilberto V. Carvalho  
8º R. I. — Ten. Jacintho Godoy  
9º R. I. — Ten. Nicolau Fico  
I/9º R. I. — Ten. Edson Vignoli  
10º R. I. —  
11º R. I. — Ten. Ajax Corrêa  
12º R. I. — Cap. Nilo Chaves  
I/13º R. I. — Ten. Djalma Cravo

13º R. I. — Ten. Armando Alvim  
1º B. C. — Cap. Nizo Montezuma  
2º B. C. — Ten. Almeida Magalhães  
3º B. C. — Ten. Moacyr Rezende  
4º B. C. — Ten. Nelson de Carvalho  
6º B. C. —  
7º B. C. — Ten. Nelson do Carmo  
8º B. C. — Ten. Gelci Brun  
9º B. C. — Ten. Domingos J. Filho  
10º B. C. — Ten. Ary Lopes  
13º B. C. — Ten. Domingos P. Neves  
14º B. C. — Cap. Barata de Azevedo  
15º B. C. — Ten. João da Cruz Albernaz  
16º B. C. — Ten. Arlindo P. de Figueiredo  
17º B. C. — Ten. Miguel Mozzilli  
18º B. C. — Ten. Delio Lobo Viana  
19º B. C. — Ten. Murilo B. Moreira

MINISTERIO DA GUERRA

# CONFEDERAÇÃO COLOMBOFILA BRASILEIRA

C R I A D A  
PELO DECRETO  
N. 22.894

DE 6 DE JULHO DE 1933

REGULAMENTADA  
PELO DECRETO  
N. 23.905 DE 22 DE  
FEVEREIRO DE 1934



BOLETIM

OFICIAL

ANO I

JUNHO - 1934

N. 3

*Ata da quinta Sessão da Diretoria da Confederação Colombofila Brasileira:*

As dezeseis horas do dia tres de Maio do ano de mil novecentos e trinta e quatro, reuniu-se em sua séde a Diretoria da Confederação Colombofila Brasileira, com a presença dos Snrs. Ten. Cel. Amaro Soares Bittencourt, Presidente, Dr. Roberto de Freitas Lima, Vice-Presidente civil, 1.º Ten. Rodrigo Otavio Jordão Ramos, 1.º Secretario, Braulio Ribeiro Macedo Soares, 1.º Tesoureiro, Dr. Leonidio Ribeiro, 2.º Tesoureiro, representado pelo Sr. Vice-Presidente civil e Jorge Rodrigues da Silveira, vogal sobre exposições, ausentes o Sr. Major Nestor Rodrigues Silva, Vice-Presidente militar e Dr. Antonio Gomes de Matos, 2.º Secretario.

Constatada a presença da maioria de seus membros, a Diretoria passou a deliberar. Aberta a sessão, o Sr. Vice-Presidente civil lê a ata da sessão anterior, a qual é aprovada; em seguida lê o expediente que constou de uma fatura de Marques e Araujo & Cia., relativa ao fornecimento de sessenta volumes, constante da ata da 3.ª sessão da Diretoria, sendo aprovado o respectivo pagamento correspondente á primeira prestação; duma proposta do Sr. Vice-Presidente civil para adoção dum tipo de copiador de 26 x 36, a qual é aprovada; de outros ofícios enviados pela C.C.B. e das respostas, ficando todos estes documentos

arquivados na Secretaria. O Sr. Vice-Presidente civil propõe um aumento de 20 % na importancia de custo dos livros a serem fornecidos aos Clubes filiados, o que é aprovado.

E nada mais havendo a tratar foi encerrada a Sessão, da qual eu 1.º Ten. Rodrigo Otavio Jordão Ramos, primeiro Secretario, lavrei a presente ata que vai assinada por mim e por todos os membros presentes.

Rio de Janeiro, 17 de Maio de 1934.

(aa) Rodrigo Otavio Jordão Ramos.  
Amaro S. Bitteincourt.  
Dr. Roberto de Freitas Lima.  
Braulio Ribeiro de Macedo Soares.  
Jorge Rodrigues da Silveira.

\*\*

*Ata da sexta Sessão da Diretoria da Confederação Colombofila Brasileira:*

As dezeseis horas do dia dezenove de Maio do ano de mil novecentos e trinta e quatro, reuniu-se em sua séde, a Diretoria da Confederação Colombofila Brasileira, com a presença dos Srs. Ten. Cel. Amaro Soares Bittencourt, Presidente, Dr. Roberto de Freitas Lima, Vice-Presidente civil, Major Nestor Rodrigues da Silva, Vice-Presidente militar, 1.º Ten.

Rodrigo Otavio Jordão Ramos, 1º Secretario, Braulio Ribeiro Macedo Soares, 1º Tesoureiro, Dr. Leonidio Ribeiro, 2º Tesoureiro representado pelo Sr. Vice-Presidente civil, Dr. Antonio Gomes de Matos, 2º Secretario e Jorge Rodrigues da Silveira, vogal sobre exposições; constatada assim a presença de todos os seus membros, a Diretoria passou a deliberar. Aberta a sessão, o Sr. 1º Secretario lê a ata da sessão anterior a qual é aprovada, com a retificação solicitada pelo Sr. Vice-Presidente Civil, de constar o total da importância de 1:292\$000 e mais 4\$500 de um carimbo «Gratis», pagas a Marques Araujo, conforme ficou deliberado em sessão anterior; em seguida lê o expediente que constou de diversos ofícios sobre requisição de passagens e frétes, para o treinamento de pombos correios; numa solicitação de recursos ao Ministro da Guerra na importância de 10:000\$000 (Dez contos de réis) a qual foi atendida e já recebida pelo 1º Ten. Paulo Lacerda, que a depositou no Banco do Brasil em conta corrente; de um ofício do Proprietário da Avicultura São Carlos, cota á rua dos Andradas 1.719, Porto Alegre, Sr. Alfredo Carls, comunicando que faz comércio de pombos correios e que a C.C.B. poderá ainda dirigir-se á Sociedade Avicula de Pelotas afim de informar-se sobre a existência ali de uma Sociedade Colombofila; de uma comunicação do 1º Tesoureiro relativa a quantia de 2:000\$000 que fôra depositada na Contadoria do Serviço Telegráfico do Exercito, sendo a mesma empregada nos pagamentos á Marques e Araujo, 1:292\$000, e saque do Banco do Brasil a favor dos Srs. Henri Vercaemert, na Belgica, para aquisição de material colombofilo, 588\$600; restando um saldo de 119\$400 em poder do mesmo Tesoureiro. Em seguida o Sr. Presidente propõe a concessão de diárias de 10\$000 a 15\$000 aos condutores de pombos enviados em treinamento, bem como uma gratificação ao motorista do auto-caminhão que faz o serviço dentro da Cidade, o que é aprovado. Por proposta do Sr. Presidente é aprovada e autorizada o Sr. 1º Tesoureiro a realizar pequenas despesas.

E nada mais havendo a tratar, foi encerrada a Sessão, da qual, eu 1º Ten. Rodrigo Otavio Jordão Ramos, lavrei a

presente, digo, 1º Secretario lavrei a presente ata que vai assinada por mim e por todos os membros presentes.

Rio de Janeiro, 7 de Junho de 1934.

(aa) Rodrigo Otavio Jordão Ramos.  
Amaro S. Bittencourt.  
Dr. Roberto de Freitas Lima.  
Braulio Ribeiro de Macedo Soares.  
Nestor Rodrigues Silva.  
Dr. Antonio Gomes de Matto  
Jorge Rodrigues da Silveira.

### *Treinamentos e Concursos realizados por intermedio da C. C. B.*

**Entidade:** — Clube Colombofilo Carioca, filiado sob o nº 1.

<b>Treinamentos no Ramal de Victoria</b>	Alcantara Pto. das Caixas Rio Bonito Juturnáiba Rio Dourado
------------------------------------------	-------------------------------------------------------------------------

<b>Treinamentos no Ramal de Minas</b>	Meriti Raiz da Serra Alto da Serra Petropolis Itaipava
---------------------------------------	--------------------------------------------------------------------

<b>Treinamentos no Ramal de S. Paulo</b>	Cascadura Deodoro Nova-Iguassú Bélem Paracambi.
------------------------------------------	-------------------------------------------------------------

### *Concurso*

**Local:** Rio Dourado — **Distância:** 130 quilometros — **Categoria:** filhotes — **Data:** 2-6-934 — **Tempo:** estavel — **Hora da solta:** 7 horas e 30 minutos — **Tempo de vôo:** 2 horas e 2 minutos — **Velocidade por minuto:** 1 quilometro 65 metros e 57 centímetros.

### *Classificação:*

1º lugar - Dr. Roberto de Freitas Lima, pombo nº 5  
 2º " - 1º Ten. Jefferson Braune, pombo nº 448  
 3º " - 1º Ten. Jefferson Braune, pombo nº 256

### *Material a venda na sede da C. C. B.*

Anilhas de alumínio para o ano de 1934 .....	(Mil)	150\$000
Anilhas de borracha para os concursos .....	(500)	35\$000
Livros: Atas, Borrador, Caixa, Diário, Copiador, Entradas e Saídas de materiais .....	(Total)	309\$000
Assinatura de "A Defesa Nacional", órgão oficial .....		18\$000

# A Defesa Nacional

REVISTA DE ASSUNTOS MILITARES

DIRETOR PRESIDENTE:  
João Batista de Magalhães

SECRETARIO:  
H. Castello Branco

GERENTE:  
João Batista de Matos.

ANO XXI

BRASIL - RIO DE JANEIRO, JUNHO DE 1934

NUM. 241

## EDITORIAL

### A execução da reforma

*'On ne vaut que pour ce qu'on fait'*  
Foch.

*"Quand les hommes s'assemblent,  
leurs oreilles s'allongent."*  
Voltaire.

Examinando a materia relativa aos assuntos que interessam á defesa nacional, vitoriosa na nova carta politica, sob a significativa rúbrica - Segurança Nacional - e sob varias outras, verifica-se que o que é essencial para que a Nação possa organizar-se militarmente achar-se-ia ali consignado em "quantum satis" si a ausencia de uma simples medida e a presença de outra não viesse anular, em grande parte, o valor práctico de todos os demais dispositivos.

É o resultado das decisões tomadas **por maioria de votos**, sem se levar em conta a capacidade dos votantes na materia. É a consequencia dos trabalhos em que cooperam espiritos desnivellados e contraditorios, cuja resultante é fatalmente apoucada.

De fato, o dispositivo que determina a extensão do **direito de votar**

aos cadetes e sargentos, completoado pela ausencia do que proibia aos militares a arregimentação politica, basta para neutralisar quasi todos os beneficios do resto.

Como em tempos muito nossos conhecidos, foi a vitória da **consagração do militar politico** e da politica apoiada nas armas infieis, obtida pelos adversarios da bôa ordem, isto é, a dos golpes armados, das sublevações de quartel, das ameaças e demonstrações de força.

Esse principio herdado da Velha Republica, fruto do desconhecimento da psicologia das classes armadas e das necessidades da organização da segurança nacional, a qual deve independer dos fluxos e refluxos das opiniões politico-partidarias, vai certamente continuar a produzir seus efeitos, porem mais energicos que os que tem até

agora produzido, muito mais intensos, generalizados e perigosos, por isso que são maiores e mais íntimos os **pontos de contato** entre a política e as classes armadas.

É curioso constatar que, enquanto **soldados**, que honestamente restringem suas atividades á esfera profissional, propugnam intensamente pela exclusão total dos **militares da ativa** das competições eleitorais, políticos paisanos e fardados se batem como leões para que estes usufruam também da **maravilhosa dignidade democrática** de concorrer ás eleições dos que vão ter imunidades e subsídios, que é em que se exercita, por 99%, nossa política.

O primeiros invocam a missão e as necessidades da profissão, a experiência de nações mais cultas e até da Turquia e da própria Russia comunista; os segundos tangem as cordas da lira demagógica e dos sofismas da soberania popular (que não é a opinião pública) e fazem vibrar o patético, que tanto impressiona as bôas almas simples.

Estes vencem.

E' triste e penoso, porém, constatar as razões que predominaram para manter o intangível princípio. Vê-se claramente o interesse público relegado para segundo plano e sente-se, através de entonações de canticos de sereias, de argumentos abstratos e demagógicos, o **ponto nitido que é visado** por uns e por outros, os quais ou almejam o puro enfraquecimento das classes armadas pela solapa á sua disciplina, ou apenas e simplesmente procuram obter a possibilidade de mais **alguns votos**, nas proximas eleições.

\* \* \*

Não fôra essa lastimável mentalidade que predominou, a nova Constituição republicana conteria as bases necessárias, de acordo com a situação da guerra moderna, para que, sem tropécos, pudesse o Brasil **organizar-se militarmente**, com lógica, economia e eficiencia.

Os dispositivos **constitucionais orgânicos** (não os que fazem levemente política eleitoral com os sagrados interesses da segurança externa e interna da Nação) e as **reformas** do que diz respeito ao Exército, já decretadas por antecipação nestes ultimos tempos, desde as leis que reorganizam o Conselho da Defesa Nacional até a dos **Quadros e Efetivos** que define a forma prática a revestir pela organização do Exército Ativo, assentam evidentemente numa mesma mentalidade construtiva que comprehende a **fisionomia da guerra moderna**, o caráter e as necessidades de sua preparação, do mesmo passo que comprehende e sente o Brasil e o ambiente nacional.

São inegavelmente frutos de uma meditação profunda, bem orientada e objética, inspirada por um patriotismo intenso e prático que se revela com energia, embóra restrito ainda a algumas almas de élite, mas apoiado francamente por muitas outras não menos eleitas.

Á revolução de 30 muito deve agora a **defesa nacional** e muito mais devêra si, ao apagar das luzes, velhos hábitos políticos, de subconsciente, não anulassem em grande parte os benefícios alcançados, consagrando e ampliando a intimidade politiqueira entre profissionais políticos e militares propria e impropriamente ditos.

Seja, porém, como fôr, estamos agora diante de **fatos** e torna-se preciso aguardar um futuro em que se possa extirpar os males constatados.

Esses fatos induzem naturalmente ao estudo e á ação, para que a **nova mentalidade**, que conseguiu vir a tona e quasi impôr-se por completo, prossiga sua grande obra.

Estamos em presença de princípios que se traduzem num ciclo de leis gerais e particulares quasi completo, a que falta apenas um termo, a Lei de Organização da Nação para a Guerra, derivada consequentemente da nova constituição e que deve ser obra da Nova Legislatura e inspirada e orientada pelo Conselho de Segurança Nacional.

Feita esta lei, que regulará a aplicação dos dispositivos constitucionais, que por sua vés impõem deveres a todos os cidadões (de qualquer sexo ou condição), que mandam empenhar em caso de guerra tudo que é força viva, moral ou física, que determinam sua organização e preparação desde a paz, salvaguardando convenientemente os interesses gerais da defesa nacional, ficará completa a nossa alta legislação militar.

Não basta, porém, decretar leis; é preciso cumpri-las.

\*  
\*\*

Evidentemente do modo de serem postas em execução as novas leis, do modo de ser realizada a reforma, tudo depende, pois que é fato incontestável que as leis por si mesmas não podem prevalecer em todos seus salutares efeitos contra a vontade dos que lhes devem dar vida.

De outro lado, pelas disposições que conteem, pelas regras e processos que adotam, vê-se bem que pretendem estabelecer **hábitos** e **costumes** diferentes dos até agora em voga, em virtude de uma **séria concepção da função pública**, cujos interesses procuram assegurar contra os criterios puramente individualistas até agora em prática.

O sucesso, portanto, da reforma vai depender do gráu de compreensão que os Chefes responsáveis tenham de seu espirito, da sinceridade, do patriotismo, da dedicação pela causa pública e da energia de caráter com que saibam executá-la.

Estas virtudes, proprias aliás da situação de **responsáveis** pela direção e pela impulsão das atividades coletivas (responsabilidade correspondente ás respétivas posições hierárquicas), vão ser postas à prova em virtudes das resistências passivas ou ativas que a adoção das novas leis vai provocar.

Uns, por não poderem compreender a necessidade e os benefícios que trazem, outros, por comodismo e indiferença; outros ainda, pelo estado de corruptividade em que se acham, todos vão reagir, lançando mão dos mais variados recursos.

Entre tais recursos, aparecerão naturalmente os dos que tentarão provar a **impossibilidade** de serem praticadas certas medidas, porque acarretam, dizem estes, determinados inconvenientes no momento. Dessa maneira, fazendo de casos **particulares e insignificantes** pontos essenciais e obscurecendo os **interesses gerais** e do futuro, procurarão satisfazer apenas suas imediatas conveniências pessoais.

Outros, dos que teem olhos fitos em certas vantagens materiais, indiferentes á coletividade e á profissão que desamam, vão sofismar ou **desbordar**, procurando atenuar os efeitos das leis, ou mesmo neutralisa-los por completo, valendo-se da **insuficiencia politica** de seus amigos politicos.

É preciso, portanto, que os Chefs que promoveram a reforma, manifestem na execução as mesmas qualidades de inteligencia, e sobretudo de carater, com que souberam faze-las adotar.

Sua inteligencia deve manter-se lúcida e bastante viva para puderem impôr, fazerem obedecido o espirito da reforma contra os **sophismas tendenciosos ou as insuficientes interpretações**, que certamente lhes serão propostas sob os mais variados pretextos, e também para não se despistarem na determinação de medidas cuja necessidade a prática faça surgir.

Seu carater deve ser inabalavel, **de firmeza, sem vacilações**, mesmo contra as **amisades pessoais** ou a **piedade** que por certo não deixará de ser invocada, de modo que ateste uma **vontade** conciente de suas graves responsabilidades.

\* \* \*

De um modo geral, é necessário que todos, capazes de o fazerem, contribuam energica e decisivamente para a **nova vida**, fazendo cada um o que sabe que deve fazer, o que lhe corresponde fazer, de acordo com a posição que ocupa.

Dessarte, rapidamente se hão de colher beneficios inumeraveis para a coletividade, os quais redundarão afinal a favor dos próprios individuos, dirigidos e dirigentes.

Si assim não acontecer continuaro a prevalecer os criterios individualistas e os pontos de vista particulares, que são nocivos á coletividade e á maioria dos individuos e só servem ao reduzido número dos favorecidos.

Si isso se der, nada de menos acontecerá que a retomada da marcha para a decomposição, a dissolução, a morte.

O organismo continuando a estilionar-se, sugado e enfraquecido pelos elementos parasitarios, e mal-tratado pelos corpos estranhos que impedem o exercicio normal de suas funções, fenece cada vez mais até sucumbir afinal.

Estamos sem dúvida num momento critico: ou nos reconstituimos, ou nos dissolvemos.

Não será possivel, á vista da influencia retardadora de certas mentalidades, que impediram a adoção de todas as medidas que se faziam necessárias, obter já um resultado completo, mas será possível progredir largamente . . .

Atenção, portanto.

\* \* \*

Alguem disse algures que "se os tratantes subessem as vantagens que ha em proceder honestamente, seriam todos honestos por tratantada".

Meditemos sobre essa verdade, fazendo-se as adaptações e convenientes aplicações ao meio e á esfera em que se age e veremos quão profunda e verdadeira ela é.

Não fiquemos, porém, no comentario. O exemplo pela própria ação, nos menores átos, nos mais corriqueiros procedimentos, sem cogitarmos se outros fazem ou não o que devem, frutificará.

# Um apanhado sobre a organização do Ministerio do Ar, na França

Pelo Cmt. P. Fay  
Da M. M. F.

No momento em que o Ministerio do Ar, após um periodo de ensaios de mais de 5 anos, parece ter adquirido definitivamente, na França, direito de existencia, pareceu-nos interessante expor aos leitores desta Revista a que necessidades tecnicas corresponde a criação deste orgão e como foi realizada a coordenação dos tecnicos e dos utilisadores.

Para avivar a memoria, lembremos as condições particulares nas quais se processou o desenvolvimento formidavel da Aviação no decurso da Grande Guerra: tratava-se de agir rapidamente; nenhuma dificuldade financeira intervinha para entravar este surto; os melhoramentos da tecnica se impunham aos taticos e ultrapassavam mesmo suas necessidades.

Assim, assinada a paz, a França se achava na posse de um material aeronautico consideravel. Resultado... durante seis anos a Aviação francesa iria viver dos seus proprios recursos acumulados nos depositos.

Esta situação não deixou de ser muito prejudicial ao desenvolvimento dos progressos da construção aeronautica francesa. Os industriais, não sendo estimulados pela perspetiva de proximas encomendas, chegavam, por economia, a limitar o mais possivel suas despezas com pesquisas científicas e com experiencias de novos materiais.

Tal situação não podia ser prolongada.

Em 1925, a crise se produziu brutalmente e, após um periodo de tentativas, a criação de um orgão central, fortemente aparelhado para empreender o trabalho de reconstrução tecnica que se impunha, pareceu necessário aos olhos de todos. Foi sob a pressão da opinião publica, esclarecida por uma forte campanha de imprensa, que foi criado o Ministerio do Ar, em 1928.

Um de seus principais meritos foi o de dar uma impulsão completamente nova aos orgãos de pesquisas científicas e á formação dos engenheiros. Os estudos relativos á segurança, á estabilidade, á resistencia dos materiais, foram particularmente tratados. De 1928 a 1934, a Escola Nacional Superior de Aeronautica foi reorganizada; o Instituto de Mecanica de Paris, os institutos de mecanica dos fluidos de LILLE, MARSEILLE, TOULOUSE foram creados.

Os felizes resultados desta politica, conquanto não possam aparecer inteiramente senão num longo prazo, já se fizeram sentir: assim é que os Serviços tecnicos dispõem, desde agora, do pessoal engenheiro que por muito tempo lhes fez falta; que a industria aeronautica francesa constrói motores superalimentados, comparaveis e muitas vezes superiores aos motores do mesmo tipo das industrias estrangeiras; que os estudos de emprego de novos combustiveis são prosseguidos com exito.

Mas, um dos principais problemas a resolver, no quadro do Ministerio, era o seguinte: como organizar a ligação entre os tecnicos, de um lado, e os utilisadores, de outro, afim de passar o mais rapidamente possível do melhoramento teorico á realização practica?

As duas partes, de resto, tiveram suas responsabilidades na falta de ligação. Se muito frequentemente os tecnicos não empreenderam senão estudos especulativos e, encerrados na «Torre de Marfim» do «Serviço Técnico», não se dedicaram suficientemente á resolução das dificuldades nas quais esbarlavam os utilisadores; estes pelo seu lado, tiveram tendência, muitas vezes, em fazer «cavalier seul» e em diminuir a importancia do papel dos tecnicos.

Assim, ha quinze anos, isto é, desde o fim do regimen dispendioso, estabelecido á medida das necessidades do tempo de guerra, tinha-se procurado em vão, não sem contratemplos nem sem tentativas, instituir uma organisação que permitisse, em tempo de paz, atender ás necessidades que acabamos de ver. Se nem todos os ensaios empreendidos foram coroados de exito, permitiram, contudo, desembaraçar o caminho e destacar os principios da organisação recentemente adotada, os quais sensivelmente se aproximam dos consagrados pelo uso, que servem de base á organisação do Ministerio da Marinha. Isto não nos deve surpreender, porque os termos de comparação entre os dois Exercitos — Exercito do Ar e Exercito Naval — não faltam. Como a Esquadra, a Aviação deve ter suas bases, das quais não se pode afastar indefinidamente; como ela, possue um material caro, variado, que cár rapidamente fóra de moda. Deve, em seu orçamento, levar em conta as três necessidades: pesquisas científicas, novas construções, conservação do material em serviço. Para ela tambem se apresentam as questões das rótulas, do balisamento. Fiquemos aqui.

Inspirando-se nestas considerações, a nova organisação, posta em vigor no passado mês de março, é a seguinte:

- Um Estado-Maior Geral — orgão militar — e uma Direcção da Aeronautica Civil, aos quais é reservada a politica do emprego e da utilisação dos materiais;
- Uma Direcção das Construções Aereas, áqual o Serviço dos Trabalhos e instalações é ligado. Seu papel é crear o material aereo e faze-lo executar, nas melhores condições possiveis de utilisação, pois que tem a direcção suprema dos terrenos e das edificações;
- Uma Direcção do pessoal militar;
- Uma Direcção do material militar;

(Estas duas ultimas encarregam-se da Administração do Exercito do Ar). — enfim, uma Direcção de contabilidade que centraliza as questões orçamentarias e financeiras.

Uma das grandes vantagens que apresenta esta solução é a de definir claramente as atribuições do Estado-Maior Geral do Exercito do Ar e as da Direcção das construções aereas.

O Estado-Maior Geral deve, com efecto, no ponto de vista tecnico, limitar-se em orientar a Direcção das Construções aereas, na pesquisa dos instrumentos de combate que deverão satisfazer ás novas necessidades de emprego. Pelo seu lado, a Direcção das Construções assegura a direcção dos estudos, das experiencias; fixa os programas dos protótipos, acompanha os ensaios, fiscaliza a aquisição e a fabricação do material aereo militar, e, enfim, prepara a mobilização industrial, em ligação com os órgãos interessados dos outros ministerios.

Para evitar a criação de divisões estanques entre o pessoal da Direcção das Construções e os Oficiais do Estado-Maior Geral do Exercito do Ar, uma interpenetração será assegurada, entre os dois elementos, pelas seguintes medidas:

- afetação de engenheiros aos Estados-Maiores de Região Aerea, para acompanharem a vida do material nas formações;
- designação de oficiais para acompanharem os trabalhos tecnicos, tanto na Direcção das Construções como nos Centros de ensaio.

Ficaremos aqui em nossa exposição sunda da nova organisação posta em experencia no Ministerio do Ar francês e contentar-nos-hemos em tirar uma conclusão:

- na Aeronautica as atribuições do Estado-Maior e dos Serviços Tecnicos devem ser nitidamente separadas;
- um deve indicar o fim a atingir, fiscalizar e coordenar todos os órgãos que contribuem para aumentar a po-

## A Liberal Democracia e os Exercitos

A mentalidade, os principios, habitos e costumes proprios á *democracia liberal* constituem teorica e praticamente má companhia para a eficiencia dos Exercitos.

A incompatibilidade teorica e practica entre uns e outros é manifesta e resulta da propria idéia geratriz de uns e outros.

Num exercito tudo deve ser real, *tangivel*, simples; nada pode ser ficticio sem risco de preparar o fracasso inevitavel no campo de batalha.

Na guerra só valem os fatos, os acontecimentos, únicos juizes, e juizes inexoraveis, das falhas, erros ou omissões; de nada servem discursos e argumentos que não sejam manifestações de superioridade de força.

Na *democracia liberal* reina a ficção, tudo é convencional, abstracto, *intangivel* e as sanções, que na guerra são imediatas, nela ficam relegadas para uma posteridade em que a maioria dos homens não crê e que quasi todos despresam.

Na *democracia liberal* a maxima autoridade é o mito da *soberania do povo*, que tudo pode teoricamente mas que, na practica, apenas pode votar e eleger representantes em quem de fato vai cair o verdadeiro poder.

Num exercito só quem pode é o *chefe*, unico responsavel em face do adversario. O essencial nele é a *disciplina*, sem a qual tudo é perda de tempo, desperdicio de força, perda de oportunidade, confusão, desordem, sacrificio inútil, derrota. Tudo deve ser organizado hierarquicamente, conforme graos diversos de subordinação e mando de responsabilidades bem precisas e definidas, de que todos são ciosos, desde o simples comandante de esquadra de um grupo de combate até o comandante de um grupo de Exercitos!

As esferas de ação merecem o mais cuidado respeito porque são tantos os afazeres em cada uma e tão bem definidas se acham, que o chefe que se abalançar a invadir a de seus subordinados corre o risco de não cumprir seus deveres e de comprometer seus próprios designios.

Na *liberal democracia* a mentalidade é diversa, todos são capazes de tudo, não ha hierarquia, nem verdadeiramente qualquer subordinação.

Não se aplicam, portanto, num exercito os metodos proprios á direção das sociedades democraticas, sem que sua disciplina sofra, isto é, sem que se deform e enfraqueça sua organi-

zação e sem que ele venha vacilar em face do inimigo. É por tais razões que o Exercito Francês converteu-se, dentro da democracia francesa, *no grande mudo* e que o Exercito Vermelho dos russos comunistas existe sob ferrea disciplina.

Não se conclúa daí que o ideal num exercito moderno, para manutenção de sua vitalidade e vigor, seja o isolamento dos chefes, a criação de barreiras intransponíveis entre eles e seus subordinados.

Ao contrario, devem ter contato intimo com seus homens para que os conheçam e sintam as necessidades que lhes são proprias. Mas é preciso que o façam como chefes e que em nada se moleste a *disciplina*.

Não cabe assim a um chefe militar consultar seus subordinados como fazem os *candidatos* nas liberais democracias, com seus eletores em vespertas de eleições, sobre a solução dos problemas que só a eles cabe resolver e nem mesmo devem faze-lo para receber inspirações. Si o fazem enfraquecem-se a si mesmos e, o que é peior, os que com eles são responsaveis em grao imediato.

Um chefe deve ter o gosto das responsabilidades e apresentar-se mais como um elemento *propulsor* que um coordenador de aspirações gerais, se não falha ao seu papel.

Na guerra um chefe que consulta a massa dos executantes sobre os problemas da organização ou do comando, fracassa e com ele perde-se o exercito e a batalha.

Ora, as exigencias da guerra são de tal ordem, tudo é nela tão premente, que é um verdadeiro ilogismo praticarem-se na paz atos que induzem á falsa idéia do que convém em tal emergencia. Aliás, a preparação de uma tropa para a ação no campo de batalha se reduz, em ultima análise, a dar-lhe uma mentalidade propria da guerra, habitos e costumes com ela condicentes.

Nada, portanto, se deve fazer que prejudique a satisfação dessa necessidade e tudo se deve aproveitar, sejam quais forem as circunstancias e oportunidades, para cultivar tal mentalidade, tais habitos e costumes, o que é uma verdade *lapaliciana*.

É por isso que os ambientes e processos das democracias liberais não são favoráveis e tornam-se malsãos aos organismos militares.

tencia do material aereo que terá que utilizar em tempo de guerra;  
— o outro, deve esforçar-se em realizar

rapidamente, com inteira liberdade de ação na escolha dos meios e na organização do trabalho.

# O problema da defesa das costas

Pelo Ten. Cel. Agostinho Santos

(Transcrito da Revista do Club Militar de Outubro de 1935)

## PRELIMINARES

Antes de encetarmos o estudo desta interessante mas complexa questão organizemos um metodo de raciocínio que facilite e oriente a análise do problema. Assim, estudaremos em primeiro lugar a Defesa das Costas no quadro da Defesa Nacional; em seguida veremos as missões que lhe serão atribuídas, sua organização e distribuição ao longo da orla marítima e no interior do país.

## AS FORTIFICAÇÕES COSTEIRAS NO QUADRO DA DEFESA NACIONAL

Algumas vezes temos ouvido de colegas opiniões, relativas a organização das fortificações, favoráveis a adoção em nosso país dos métodos seguidos em países europeus, asiáticos ou americanos, como se a política militar deles, muito semelhante fosse com a nossa. Com efeito, tal política dependendo de vários fatores, mormente do valor militar dos países vizinhos e de suas atitudes pacifistas ou belicosas; do valor comercial e da extensão das fronteiras terrestres e marítimas; das possessões de ultramar, etc., do país considerado, faz-se mistério estudá-la debaixo desses aspectos para tirar ilações sobre as possibilidades e intenções dos inimigos prováveis com relação às costas do país, afim de que, em seguida, se possa concluir a respeito da melhor maneira a seguir na organização dessas obras de fortificação.

Ora, no quadro da defesa nacional parece-nos que as posições a escolher e a importância das fortificações deverão achar-se intimamente ligadas com os planos de guerra organizados pelo E. M. do Exército no que se refere ao seu valor

estratégico ou funções que elas deverão desempenhar, em caso de conflito.

A defesa nacional sendo conduzida, nas suas ações principais e finais, pelo Exército que representa a nação armada, e o delineamento geral da guerra, um trabalho de concepção do E.M.E. com a colaboração do E. M. da Armada, as regiões vitais das Costas e do interior não poderão furtar-se aos estudos dessas repartições, ao contrário deverão merecer uma análise cautelosa em vista da sua defesa adequada. Nestas condições, uma vez escolhidas as regiões a fortificar e as missões que deverão desempenhar, sua organização e armamento estarão em função de tais missões e das intenções prováveis e possíveis dos adversários.

O inimigo que tenta uma operação contra praça marítima tem por fim:

- 1.º — Alcançar e organizar uma base para futuras operações dentro do país.
- 2.º — Abrigar suas forças navais e permitir o reabastecimento fácil de suas tropas.
- 3.º — Tentar golpes de mão com o intuito de destruir utilidades do porto e molestar assim as comunicações marítimas, o reabastecimento e reparo dos navios do país.
- 4.º — Apossar-se de portos ou ilhas que sirvam de base de operações aos navios de sua esquadra.

No entretanto, em certos países da Europa, o papel das fortificações costeiras se reduz de muito, pois as possibilidades de desembarque em suas costas são restritas, não indo suas missões além das que foram numeradas acima. O caso brasileiro assemelha-se-nos bastante dife-

rente, mórmente em se tratando de adversarios extra-continentaes. É preciso então ter em vista as possibilidades de desembarque de grossos efetivos protegidos por importantes forças navais. Em tal caso o exercito terá que dirigir as operações de defesa e as fortificações agirão dentro do conjunto, como parte integrante dos meios de que dispõe o comando geral.

Quando o inimigo for continental a marcha das operações dirá si o exercito terá necessidade de deixar á disposição das praças da orla maritima grande porção de forças terrestres ou não. Caso o E.M. preveja possibilidades de fortes expedições inimigas de desembarque destinadas a efetuar operações diversivas ou para apoderar-se de trechos estrategicos da Costa, as operações defensivas deverão correr ainda por conta do exercito. Si a marinha dominar os mares tais fortificações ficarão disponiveis, por ficar afastada a hipótese de tentativas de desembarque e, como consequência, poderá o comando geral dispor do seu armamento afim de empregá-lo nas frentes terrestres, como aconteceu nas operações da grande guerra.

Qualquer que seja o caso: possibilidade de invasão por mar ou disponibilidade de invasão por mar ou disponibilidade do armamento das fortificações, a organização destas tem que obedecer a caracteristicos militares de terra, por isso que as operações a desenvolver serão necessariamente terrestres.

#### RAZÕES TÉCNICAS

É facil de compreender que os motivos técnicos tão alegados na Marinha a favor da passagem das fortificações para o seu departamento são insubsistentes. Com efeito, o tiro sobre alvos navais é uma operação que se efetúa de maneira relativamente facil, uma vez que as baterias disponham da aparelhagem

adequada á regulação e condução dos seus fogos. Neste caso, êle quasi que se realiza de modo mecanico, tal a precisão dos instrumentos destinados á medida das distancias, correções do tiro e locação das situações sucessivas do alvo. E essa organização não é privilegio da Marinha, pois, si as fortificações não dispõem ainda de instrumentos mais modernos, adequadamente instalados, não é que falhe competencia aos oficiaes da costa para compreender suas vantagens, e habilidade para instalá-los e manejá-los, mas, simplesmente, porque razões de ordem financeira lhes têm impedido de adquiri-los, como acontece, aliás, com a Marinha no que diz respeito á aquisição de material para sua esquadra. Ademais, as operações que o departamento da defesa das costas terá que executar em caso de guerra são tão complexas, por isso que lida com diversos engenhos e armas desconhecidas dos marinheiros, que requerem conhecimentos de tatica terrestre destinados a manobra de massas de homens e de material, de que não entram nas cogitações e estudos profissionais dos oficiais do mar. Nestas condições, para a defesa eficiente duma praça maritima, faz-se preciso que, debaixo do comando dos Distritos de Costa, operem as forças moveis de terra, e isto nada mais é do que tatica de armas combinadas, cada vez mais dificil, no terreno das operações terrestres. Não poderá, portanto, uma praça maritima de guerra, sujeita a golpes de mão de adversario audacioso e a desembarques de caráter vultoso, ficar debaixo da direção dum almirante, por mais habil que êle seja, por não se achar em condições profissionaes de comandar o conjunto das forças destinadas á defesa da praça.

Por outro lado, a artilharia de costas tende, tanto quanto possivel, a despegar-se do terreno e a mobilizar-se, a isso tentada pelas vantagens decorrentes da economia e facilidade tatica dêsse modo

de ação. É assim que vemos surgir, principalmente nos Estados Unidos, os Regimentos de Artilharia de grosso calibre, sobre »trucks« ferroviarios, de mobilidade tatica e estrategica comprovada, porque lhes é permitido ocupar diversas posições no mesmo campo de ação, como tambem se transportar para diversas regiões afastadas no teatro das operações gerais. Ora, parece-nos que tal maneira de proceder em campanha nada tem de marítimo.

Quanto aos outros argumentos, são mais ou menos do mesmo valor. Não é preciso que o artilheiro seja oficial de Marinha para poder distinguir um couraçado dum cruzador ou »destroyer«. Além das razões apontadas acima, perguntamos, sendo a técnica a razão preponderante, deve ser entregue tambem aos aviadores o comando das baterias anti-aereas? Ora, é sabido que a condução d'este tiro é muito mais complexa do que a do tiro naval, o que facilmente se comprehende porque os alvos, nesse caso, se deslocam num espaço a três dimensões e com enormes velocidades. A artilharia de *acompanhamento* fere objetivos de Infantaria, aliás assinalados por esta arma; e tal fáto constitue argüimento favoravel á passagem para a arma irmã e rainha de todas as armas, da referida artilharia de acompanhamento? Na coordenação de esforços tudo se resume enfim, em questões de *ligação, entendimentos e unidade de comando*.

A missão da Marinha é outra e muito distinta. O que a nação dela espera é o domínio dos seus mares de modo que permita o livre transito dos navios nas suas linhas de comunicações marítimas, o que, estamos certos, conseguirá atendendo ás suas tradições de bravura, dedicação e competencia profissional. Não nos parece admissivel, porém, que o oficial de marinha seja, simultaneamente, bom marinheiro e bom artilheiro de cos-

tas, por isso que ambos os ofícios requerem constante e adequado treinamento, muito estudo e grande dedicação, só alcançados si o oficial se especializar exclusivamente numa dessas carreiras. O argumento, tambem apresentado, de que certas nações entregaram á Marinha sua defesa costeira não pôde prevalecer, se não vejamos: a Inglaterra, os Estados Unidos, o Japão e a Italia que são grandes potencias navais mantém com o Exercito sua defesa de Costas.

A França, após guerra, entregou á esquadra suas bases navais fortificadas da Europa, mas continuam com o Exercito colonial as fortificações das Colônias. É que durante a guerra suas fortificações marítimas não lhe prestaram serviço algum por desnecessarias, uma vez que os mares estavam dominados pelos aliados. Ademais, alguns canhões longos de suas praças marítimas foram empregados na frente terrestre, criando-se assim a artilharia sobre »trucks« ferroviarios.

Por outro lado, dispondo a França de imensa rête ferroviaria, boa e de excelente rendimento, facil lhe será concentrar tropas e meios nos pontos ameaçados da costa e aí conduzir as operações contra o adversario, operações estas que serão fatalmente comandadas por generais do seu Exercito, a menos que os almirantes franceses tenham tambem conhecimentos de tatica terrestre.

Ademais a situação do Brasil nada tem de semelhante com a da França ou Alemanha, em cujas orlas marítimas expedições destinadas a realizar desembarques serão, fatalmente, repelidas e fadadas a revezes talvez desastrosos, não devido, sómente, ao real valor de suas fortificações mas, especialmente, pelas possibilidades de serem os pontos ameaçados socorridos, com vantagem e á tempo, pelos seus exercitos aguerridos.

Ora, o caso brasileiro é bastante diferente. Certos adversários prováveis, em caso de guerra, talvez não cometam a loucura de dividir suas forças para se lançar em aventuras de expedições marítimas de resultados duvidosos. Mas, precisamos convir que, pela extensão mesmo do território, onde avultam as formidáveis fronteiras terrestres e marítimas, forçoso é admitir as possibilidades de operações de desembarque em certas regiões vitais de nossas costas, tentadas por outros adversários mais poderosos. Realizada esta hipótese as ações tomariam o caráter de operações terrestres em que entrariam em jogo as forças móveis da Defesa de Costas que, pelo seu valor combatente adequado, deveriam decidir da ação, conforme se verificou em Galipoli, em Porto Artur e Dardanelos. E, tanto em Porto Artur como nos Dardanelos, as fortificações estavam debaixo do comando de oficiais do Exército.

Porto Artur, embora dominado por Nodgi, foi, todavia, brilhantemente defendido pelo Exército russo sob o comando de Stoessel e debaixo da direção técnica do distinto engenheiro militar General Kondratenko.

As fortificações de Zeeburge estavam sob o comando de oficial de marinha o qual não impediu, no entanto, o engarrafamento desse porto, levado a efeito habilmente pelos ingleses.

Por outro lado, no caso de ficarem disponíveis as unidades de Costa ou porque as operações tenham lugar principalmente nos teatros terrestres ou porque nossa Marinha tenha alcançado o domínio dos mares, seu armamento acompanhado das respectivas guarnições será utilizado nas frentes terrestres, como já tivemos ocasião de verificar na última revolução paulista, a exemplo do que se passou na grande guerra, do lado dos franceses.

## SOLUÇÃO RASOAVEL

Como vimos, a defesa de porto militar, chave de região vital dum país, requer a cooperação das forças navais, aéreas e terrestres.

Quando as operações se restringem a duelos de artilharia entre os Fortes e os navios inimigos a conduta dos primeiros não vai além de tática de fogo e técnica de tiro de artilharia, fácil e automaticamente resolvidos por oficiais da arma, de conformidade com os diferentes valores de suas funções, previamente conhecidas e exercitadas em tempo de paz. E, visando a melhor coordenação e cooperação dos esforços, no que se refere, mormente, a questões de ordem iminentemente técnica, o comando deverá ter ao seu lado, como elemento de ligação, oficiais de marinha e de aviação. Aliás, isto não é novidade, pois no próprio Exército, nas formações de Divisões para cima, os generais contam com a colaboração técnica de oficiais de todas as armas. É preciso por em relevo, no entanto, que, por mais poderosas que sejam as razões de ordem técnica, um chefe jamais deverá mudar sua decisão, embora a opinião às vezes contraria de terceiros, pois é de supor que tal decisão resultasse dum exame metódico e consciente da situação que tem presente. O que se nos parece mais racional e conforme com os interesses nacionais é que, em tempo de paz, tendo em vista resolver certos problemas que envolvem questões de tática e técnica terrestres e navais, uma comissão de oficiais de Artilharia de Costas e de Marinha deveria ser organizada, a semelhança da «Joint Army and Navy action in Coast Defense» dos E. Unidos.

Além das razões acima citadas é preciso convir no inconveniente, de graves

consequencias em tempo de guerra (1), em desviar oficiais de marinha, da sua verdadeira carreira, durante um tempo de longa duração, para estagiar e desenvolver-se noutra profissão que não a sua, por isso que aquela se realiza totalmente em terra.

Na realidade, a profissão da Marinha requer um treinamento continuo sobre as vagas, no manejo adequado das maquinas complexas que são os navios de guerra, visando a solução de problemas interessantes que constituirão as suas missões em caso de operações navais. Por outro lado, deve-se exigir, tambem, do artilheiro de Costas o mesmo esforço diario, a mesma paixão pelo oficio, e o manejo habil dos diferentes materiais que armam a fortificação duma defesa costeira. E este material é tambem complexo e não consta somente de armamento fixo, mas tambem de armamento movel cada vez mais numeroso e interessante, porque a tendencia das fortificações é para mobilizar as suas unidades afim de furtá-las ás vistas e fógos dos canhões de bordo, como já dissemos.

Ora, como se acham organizadas nossas fortificações, atualmente, em desa-

côrdo com os principios de especialidade cada vez mais recomendados em todas as profissões, não fica resolvido o problema em questão.

Felizmente, breve, teremos em franco e util funcionamento o Centro de Preparação da Artilharia de Costas que se destina a ministrar aos oficiaes e sargentos das suas unidades todos os ensinamentos necessarios ao manejo habil e rapido do armamento e dos diversos aparelhos com que elas contam para cumprir, com rapidez e precisão, as missões que lhes estão aféitas. Por outro lado, afim de que os oficiais e graduados não desviem sua atenção para outras armas e se dediquem exclusivamente á arma que abraçaram faz-se necessário, tambem, que fiquem terminantemente abolidas as transferencias tanto de oficiaes como de praças, das unidades de Costa para os Corpos divisionarios, e vice-versa, pois, do contrario, dificilmente contaremos com especialistas nas armas e serviços das fortificações. E, como as operações dos distritos costeiros estão intimamente ligadas com as da Marinha impõe-se, tambem, desde o tempo de paz um entendimento inteligente e patriotico com a corporação irmã no martirio e na gloria, tendo em vista coordenar os trabalhos de ambas, para que, em tempo de guerra, as operações se conduzam com harmonia, ordem e segurança em beneficio da defesa da patria comum.

(1) Das polemicas que se travaram na imprensa inglesa apóis a batalha da Jutlandia depreende-se que muitos erros cometidos de tática naval teriam sido evitados caso o valente Almirante Beatty não tivesse passado muitos anos afastado da carreira, em comissões terrestres de longa duração.

## Vai mudar a cõr da capa

### Aviso aos assinantes e socios

Com o proximo numero, começa o 2º Semestre de 1934  
de A DEFESA NACIONAL

**Secção  
de  
Tática Geral**

**Uma solução**  
**Tema tático formulado aos candidatos á Escola Superior  
de Guerra, no concurso de 1933**

Tradução da REVUE D'INFANTERIE (Outubro de 1933)

Pelo Cap. Claudio Duarte

(Continuação do n. 240)

O que se pedia aos candidatos como trabalho a executar, no concernente a primeira parte da prova de tática?

Primeiro, expôr brevemente, as disposições que espera tomar o Gen. Cmt. da I. D. 13, para cumprir a missão, e as justificar.

Em seguida a redação das ordens dadas por esse oficial general, na noite de 7, para o movimento do destacamento.

Na discussão acima, se encontrará toda a matéria para satisfatória resposta ao segundo parágrafo do trabalho a executar. Existe aí o essencial do que deverão conter as ordens, todas as ordens, que o comandante do destacamento expedirá na noite de 7 de Setembro para pôr em marcha o destacamento. Não se demonstrou, que para se aliar a prudência a velocidade, era bastante regular o movimento até a linha VAVINCOURT — BEHONNE? Desta arte, o destacamento pode ser posto em movimento. Ao mesmo tempo está orientado sobre a missão que lhe é confiada, e em parte, sob o modo pelo qual pensa o comando a cumprir.

\*\*

Em se detendo, neste ponto, ter-se-ia exposto completamente, ao mesmo tempo com a justificação, ás disposições tencionadas tomar pelo Gen. Cmt. da I. D. afim de cumprir a missão? Não, porque ainda não se falou do modo pelo qual poderá sustentar e apoiar a resistência dos elementos empenhados na frente GÉNICOURT SOUS CONDÉ — BUSSY LA COTE, isto é, como ocupar as alturas a Oeste de HARGEVILLE SUR CHÉE (em ligação a direita com elementos que mantêm GÉNICOURT SOUS CONDÉ) e as alturas situadas entre CHARDOGNE e VARNEY (em ligação com elementos da 14.<sup>a</sup> Divisão, na esquerda, que têm ordem de ocupar VARNEY).

Supõe-se pois, que a meia noite, em VAVINCOURT, o Gen. Cmt. da I. D., tenha conhecimento que não houve a menor alteração de monta da situação no conjunto da frente. O grupo de reconhecimento atingiu os pontos determinados. Eis o momento de se apressar, afim de ficar em condições de escorar, ao nascer do dia, a resistência amiga nas condições citadas. Como encarar a continuação do movimento? Ir-se-á em um só tempo ganhar as alturas prescritas, e nelas se instalar a noite, de modo que a defesa esteja pronta a atuar desde ao nascer do sol? Por consequencia constituir uma frente nas alturas a Oeste de HARGEVILLE SUR CHÉE e nas alturas entre CHARDOGNE e VARNEY? Será isso possível, sem se proceder com antecedencia e de dia aos reconhecimentos absolutamente indispensaveis?

É verossímil que nas circunstâncias citadas, o comandante do destacamento, poderá ser induzido a encarar a seguinte solução:

- acionar as colunas por itinerários fáceis, para pontos precisos e oferecendo especial importância;
- manter esses pontos até findar a noite;
- ao clarear o dia, ocupar e organizar as posições prescritas (realização de planos de fogos, começo da organização da defesa).

Até onde enviar a coluna Norte e o que lhes pedir? Esta coluna compreende dois batalhões do 13.<sup>º</sup> R. I., o I / 13.<sup>º</sup> R.A.C. (menos uma secção). Um batalhão poderia alcançar HARGEVILLE SUR CHÉE e a cota 261, afim de manter a posse da villa. Aí substituiria a fração do grupo de reconhecimento (pelotão a cavalo) que chegara neste ponto na primeira parte da noite. O segundo batalhão seria enviado para a região da cota 280 (1.200 metros ao Sul de HARGEVILLE SUR CHÉE, na orla dos

bosques) com a missão de manter a bifurcação a 900 metros a Sudoeste de HARGEVILLE SUR CHÉE. O Grupo de artilharia se instalaria na proximidade da estação (1.200 metros a Sudeste de HARGEVILLE SUR CHÉE) e tendo como proteção imediata uma companhia do batalhão da cota 280.

O pelotão a cavalo, que mantinha o cruzamento de HARGEVILLE SUR CHÉE, é substituído por um batalhão do 13º R.I., e irá para o moinho a 700 metros a Noroeste da povoação e assegurar a ligação com os elementos ocupando GÉNICOURT SOUS CONDÉ.

A que horas este dispositivo estará realizado? O comandante do destacamento sae de NAIVES DEVANT BAR um pouco depois de meia noite e segue para VAVINCOURT, onde se encontra com o coronel do 13º R.I. Dá-lhe a ordem verbal para prosseguir o movimento, o que se efetuará pelas oh.30'. A distância a percorrer é de perto de 4 kms. Calculando com folga, a coluna do Norte já estará instalada nestes locaes ás 2h.15'.

P.C. do 13º R.I.: cota 280 (um quilometro ao Sul de HARGEVILLE SUR CHÉE).

Qual a situação do restante do destacamento a meia noite? O grosso do grupo de reconhecimento divisionário já mantém CHARDOGNE, a encruzilhada a 800 metros ao Sudoeste desta localidade, assim como a bifurcação da cota 201 ao Norte de VARNEY. O I Btl./113º R.I. está em BEHONNE, onde espera novas ordens. Estas lhe serão enviadas de VAVINCOURT, entre oh.15' e oh.30' e o alcançarão um quarto de hora após. (transmissão por motociclista). Ordens muito curtas e rapidamente redigidas.

Até onde o comando do destacamento decide enviar a coluna Sul? Quer que essa chegue a boa distância de CHARDOGNE afim de que, ao clarear do dia, a infantaria possa rápida e facilmente ocupar as alturas entre CHARDOGNE e VARNEY; em consequencia a mandará para a região da cota 239 (1.500 metros a Nordeste de FAINS) na orla da floresta de MASSONGE.

A que horas o batalhão estaria na nova posição, e antes, qual o itinerario

a trilhar para aí chegar? Transporia a floresta de MASSONGE? Talvez fosse possível, pois os caminhos em terra estão praticaveis. Bastava balisar convenientemente o itinerario afim de evitar os erros de direção. Em todo o caso, antes de se atingir a floresta existe um profundo e ingreme vale a transpor: não se arriscaria a encontrar algumas dificuldades no caso de ser pantanoso? Além disso, a marcha dentro de uma mata, a noite, em itinerario utilizado pela primeira vez, é sempre um pouco arriscada. Há muita probabilidade que o comandante do batalhão preferisse decidir evitar a floresta e passar por BAR LE DUC (quarteirão CAUCHOT) pelo caminho da vidraçaria de FAINS, parada da VERRERIE, e daí ganhar a cota 239. Distância a percorrer — 7 kms.

Tempo necessário: 2h.15'.

O batalhão recebendo em BEHONNE, entre oh.30' e oh.45', a ordem para a execução do segundo lance, se poria em marcha uma meia hora após. Pode-se presumir que atingiria a cota 239 e aí estaria instalado entre 3h.30' e 4 horas.

\*\*

A situação de conjunto de destacamento, a 8 de Setembro as quatro horas seria pois a acima indicada, sob a ressalva que, não se tivesse produzido qualquer acontecimento importante na frente. Mas, como já foi notado, é uma situação de espera, que lógica e certamente se poderá realizar, em fim de marcha, antes do clarear do dia.

Assim sendo será necessário, que desde das primeiras horas da madrugada, após se ter procedido rapidamente aos indispensáveis reconhecimentos e tomado contacto com as frações avançadas ainda mantendo esta parte da frente, que o destacamento ocupe as alturas Oeste e Noroeste de HARGEVILLE SUR CHÉE e as alturas entre CHARDOGNE e VARNEY, afim de dar cumprimento a missão recebida: escorar e apoiar a resistência dos elementos empenhados na frente GÉNICOURT SOUS CONDÉ — BUSSY LA COTE.

O Gen. Cmt. do destacamento fará pois chegar ás mãos dos subordinados,

em tempo util, as instruções visando o dispositivo a realizar.

Este dispositivo poderia ser o seguinte:

**A) — FRAÇÃO OESTE DO DESTACAMENTO:**

Batalhão do 113.<sup>º</sup> R.I. — substituir o grupo de reconhecimento divisionario e manter CHARDOGNE, a garupa a LESTE de 201 (500 metros ao Norte de VARNEY) onde seria realisada a ligação com a 14.<sup>a</sup> Divisão, que deve ocupar VARNEY. Egualmente instalar um elemento na garupa imediatamente ao Norte do velho moinho de FOSSÉ.

Seção de artilharia — nas imediações de 239 ao Norte de FAINS.

**B) — FRAÇÃO LESTE DO DESTACAMENTO:**

I Btl./13.<sup>º</sup> R.I. — ocupar as alturas ao Noroeste de HARGEVILLE SUR CHÉE, do moinho a 800 metros a Noroeste da vila, até o entroncamento 1.000 metros a Oeste da mesma localidade, e na estrada de HARGEVILLE SUR CHÉE — CHARDOGNE.

II Btl./13.<sup>º</sup> R.I. — prolongar o I Btl. até o canto Norte da floresta de MASSONGE, com um elemento em 280.

I G./R.A.C. — (menos uma seção) se instalar a Leste da estação (a um quilometro ao Norte de SARNEY, em condições de intervir sobre toda a frente do 13.<sup>º</sup> R.I. e interditar as saídas Leste e Sudeste do bosque do CHENE.

**C) — Grupo de reconhecimento divisionario.**

Um pelotão a cavalo reforçado com meio pelotão de auto metralhadoras, instalado ao Norte do moinho de HARGEVILLE SUR CHÉE: realisar a ligação com a Divisão da direita em GÉNICO-URT SOUS CONDE.

Grosso do grupo de reconhecimento: assegurar a ligação entre as duas frações do destacamento, mantendo a garupa Leste de CHARDOGNE, com o esquadrão ciclista. O esquadrão a cavalo (menos um pelotão) e um meio pelotão de auto-metralhadoras, reagrupados em reserva, ao Sul de 249, na orla dos bosques.

Este dispositivo devendo estar realizado antes das sete horas da manhã de 8 de Setembro.

\*

Tal é o conjunto das resoluções que podia tomar o Gen. Cmt. da I.D. 13, para cumprir a missão, que lhe fôra confiada na noite de 7 de Setembro.

Os candidatos ao concurso de 1933 as deviam expôr sucintamente, e as justificar. Será util aqui apresentar uma exposição sob a forma do que poderia ter sido feito? Não se vê rasões. Liberdade aos que tente tal prova, extrairem da discussão supra o que converia dizer, e, acrescentarem, caso preciso, o que tivesse sido silenciado. Liberdade igualmente aqueles que encarem uma outra solução do problema proposto. Não se sabe que um mesmo problema tático pode comportar diversas soluções; e que é muitas vezes possível, neste domínio, se chegar a um mesmo resultado seguindo diversos caminhos?

\*\*

### AS ORDENS

Eis agora quaes podiam ser as ordens sucessivas dadas pelo Gen. Cmt. da I.D. 13, para pôr em movimento o destacamento, a partir do momento em que foi prevenido da missão que lhe cabia.

### EXEMPOS DE ORDENS E NÃO MODELOS

13.<sup>a</sup> D.

I. D. P.C., em 7 de Set. ás 19h.15'  
E. M.

### ORDEM PARTICULAR N.<sup>º</sup>

Ao Grupo de reconhecimento divisionario.

I — As forças vermelhas do Sul ainda se mantêm, com elementos ligeiros na linha... LOUPPY SUR CHÉE — garupa ao Sul da fazenda LA LINEUSE — cota 194 (um quilometro ao Norte de BUSSY LA COTE) — MUSSEY..... sobre a qual se esforçam em manter a continuidade da frente. Um destacamento, do qual faz parte o

Grupo de reconhecimento divisionário, é constituído sob as ordens do Gen. Cmt. da I.D., e deve se dirigir na noite de sete para oito de Setembro, na direção de NAIVES DEVANT BAR — bosque do CHENE (a um quilometro ao Norte de CHARDOGNE),

com a missão de:

- A) — Sustentar e apoiar a frente.
- B) — Permitir no minimo, o desembocar da 13.<sup>a</sup> Divisão ao Noroeste do correio o NAVETON.

## II — MISSÃO DO GRUPO DE RECONHECIMENTO:

Lançar-se o mais rapidamente possível na direção de HARGEVILLE SUR CHÉE — CHARDOGNE.

### DUAS FRAÇÕES

Fração Norte: 1 pelotão a cavalo.

MISSÃO: — manter HARGEVILLE SUR CHÉE; realizar a ligação com os elementos da divisão da direita que ainda estão em GÉNICOURT SOUS CONDÉ.

EIXO DE MARCHA: — NAIVES DEVANT BAR — VAVINCOURT — HARGEVILLE SUR CHÉE.

Fração Sul: Esquadrão a cavalo (menos um pelotão), Esquadrão ciclista, meio pelotão de auto metralhadoras.

MISSÃO — Ocupar CHARDOGNE — o entroncamento a 800 metros a Sudoeste de CHARDOGNE — a encruzilhada 201 (700 metros a Nordeste de VARNEY; e, realizar a ligação com a 14.<sup>a</sup> Divisão na ponte de VARNEY.

EIXO DE MARCHA: — NAIVES DEVANT BAR — BEHONNE — BAR LE DUC (quarteirão COUCHOT) — vidraçaria de FAINS — CHARDOGNE.

Um pelotão a cavalo desta fração seguirá o itinerario: — NAIVES DEVANTE BAR—VAVINCOURT — SARNEY — CHARDOGNE.

MISSÃO: — verificar se este itinerario está livre de inimigo.

### INFORMAÇÕES A PROCURAR:

As localidades abaixo citadas estão ocupadas (por quem?) amigo ou inimigo?

A) — VAVINCOURT, BEHONNE informações a enviar para a prefeitura de RESSON, onde se encontrará o comandante do destacamento a partir das 20h.30'.

B) — VENISE — CHARDOGNE, — HARGEVILLE SUR CHÉE (informações a enviar para a prefeitura de NAIVES DÉVANT BAR, onde se encontrará o comandante do destacamento a partir das 22 horas).

### III — HORA DE PARTIDA DO GRUPO DE RECONHECIMENTO DIVISIONARIO:

20 (vinte) horas

### IV — CONDUTA EM CASO DE ENCONTRO COM O INIMIGO:

*Manter o contacto no local onde se der.*

### V — RECONHECIMENTO:

Um reconhecimento de um meio pelotão de auto metralhadoras será enviado na direção de GÉNICOURT SOUS CONDÉ e CHARDOGNE.

MISSÃO: — tomar contacto com elementos amigos em GÉNICOURT SOUS CONDÉ, na região dois quilometros a Norte de CHARDOGNE e dois quilometros a Noroeste de VENISE (em direção a cota 194).

### Informações a colher:

a) — o inimigo continuou o avanço? No caso negativo; qual é a situação dos elementos amigos em contato?

b) — O inimigo ainda tendo ganho terreno, onde se encontra a primeira linha amiga, e existe neste caso frente continua?

Reconhecimento a ser efetuado no menor tempo possível e *informações a prestar em NAIVES DEVANT BAR*, onde se encontrará o comandante do destacamento a partir das 22 horas.

EIXO DE MARCHA DO RECONHECIMENTO: — NAIVES DE-

VANT BAR — VAVINCOURT — HARGEVILLE SUR CHÉE — CHARDOGNE — VENISE — vidraçaria de FAINS — NAIVES DEVANT BAR.

HORA DE PARTIDA DO RECONHECIMENTO: — o mais cedo possível e o *mais tardar* ás 20 horas (vinte)

Terminada a missão, o meio pelotão de auto metralhadoras se reunirá ao pelotão a cavalo em HARGEVILLE SUR CHÉE, onde ficará *ao seu dispôr*.

X — Gen. Cmt. I.D. 13

DESTINATARIOS: Grupo de reconhecimento divisionario: para execução 13.<sup>º</sup> R.I. — I Btl./113.<sup>º</sup> R.I. — I.G./13.<sup>º</sup> R.A.C. com informação. 13 Divisão — como parte.

13.<sup>a</sup> D.I.

I.D. P.C., em 7 de Set., 19.20'  
E.M.

ORDEM PARTICULAR N.<sup>o</sup>  
Ao 1.<sup>º</sup> Grupo do 13.<sup>º</sup> R.A.C.

I — O 1.<sup>º</sup> Grupo de 13.<sup>º</sup> R.A.C. entra na composição de um destacamento posto sob as ordens do Gen. Cmt. da Infantaria da 13.<sup>a</sup> Divisão.

Este destacamento comprehende:

- o Grupo de Reconhecimento Divisionario;
- os I e II Btls./13.<sup>º</sup> R.I.
- o I Btl./113.<sup>º</sup> R.I.
- o I G./13.<sup>º</sup> R.A.C.

II — Uma seção de artilharia de acompanhamento imediato será colocada a disposição do I Btl./113.<sup>º</sup> R.I.

Esta secção se reunirá imediatamente ao batalhão atualmente estacionado em RESSON.

X.

Gen. Cmt. I.D./13

Destinatarios:

- O I G./13.<sup>º</sup> R.A.C.
- O I Btl./113.<sup>º</sup> R.I.

Transmitida por meio de mensagem telefonada, se possível.

13.<sup>a</sup> D.

I.D. P.C. em 7 de Set., ás 19h.40'.  
E.M.

ORDEM DE OPERAÇÕES N.<sup>o</sup>

I — Na data de 7 de Setembro, a tarde, a frente amiga (vermelha) se dis-

tende e adelgaça na região compreendida entre GÉNICOURT SOUS CONDE e MOGNEVILLE; uma brecha ameaça aí se abrir.

Elementos vermelhos ainda balisam a linha LOUPPY SUR CHÉE — garupa Sul da fasenda LA LINEUSE — cota 194 (um quilometro ao Norte de BUSSY LA CÔTE) — MUSSEY — bosque SOULAINES.

II — UM DESTACAMENTO COMPOSTO DOS:

Grupo de reconhecimento divisionario 13.<sup>º</sup> R.I. (menos o III Btl.)

I Btl./113.<sup>º</sup> R.I.

I G./13.<sup>º</sup> R.A.C.

é colocado sob as ordens do comandante da I.D. e deve se deslocar, na noite de 7 para 8 de Setembro, na *direção de NAIVES DEVANT BAR* — *bosque do CHENE* (um quilometro ao Norte de CHARDOGNE).

III — MISSÃO DO DESTACAMENTO:

A) — Sustentar, apoiar e escorar a resistencia dos elementos atualmente empenhados na frente GÉNICOURT SOUS CONDÉ — BUSSY LA CÔTE, *ocupando as alturas a Oeste de HARGEVILLE SUR CHÉE* (em ligação com os elementos á direita que mantêm GÉNICOURT SOUS CONDÉ) e as alturas entre CHARDOGNE e VARNEY (em ligação a esquerda com a 14.<sup>a</sup> Divisão, que tem ordem de ocupar VARNEY).

B) — No caso em que o inimigo, intensificando o esforço a oito, rompa desde do amanhecer a resistencia dos elementos em linha, antes que o destacamento possa atingir os pontos acima indicados — SE INSTALAR DEFENSIVAMENTE, nas alturas a 1.000 metros a Oeste e Noroeste de VAVINCOURT e nas garupas a Oeste e a Noroeste de BEHONNE, de modo a cobrir o *desembocar do grosso da Divisão* á Noroeste do correlo o NAVETON, desembocar que só poderá começar no minimo a oito por volta de meio dia.

IV — ZONA DE AÇÃO: Limitada:

Ao Norte: pela linha (exclusive) — ERIZE SAINT DIZIER — GENICOURT SOUS CONDÉ.

Ao Sul: pelo curso do ORNAIN, de LONGEVILLE EN BARROIS até a cota 174 (500 metros ao Norte de FAINS) e depois pela estrada real VENISE — LAIMONT (esta estrada a 13.<sup>a</sup> Divisão).

#### V — INTENÇÕES DO COMANDANTE DO DESTACAMENTO:

- A) — Grupo de reconhecimento divisionário: conforme ordem particular.
- B) — Executar um primeiro lance, afim de se postar a Noroeste do correlo o NAVETON, em condições de ocupar as alturas a 1.000 metros a Oeste e a Noroeste de VAVINCOURT e as garupas a Oeste e a Noroeste de BEHONNE.
- C) — Eventualmente no decorrer de um segundo lance, atingir a linha HARGEVILLE SUR CHÉE — CHARDOGNE

e aí se instalar em condições de sustentar apoiar e escorar a resistência dos elementos amigos em contacto.

#### VI — EXECUÇÃO DO MOVIMENTO:

- Grupo de reconhecimento divisionário (ver ordem particular n.<sup>o</sup>...)
- Grosso do destacamento:  
Fará o movimento em duas colunas.

Segurança imediata das colunas assegurada por ligeiras vanguardas.

VII — Aguardando ordens que regularão o prosseguimento do movimento: 13.<sup>º</sup> R.I. — manter VAVINCOURT (vanguarda lançada até a bifurcação SARNEY — CHARDOGNE com SARNEY — HARGEVILLE SUR CHÉE).

I Btl./113.<sup>º</sup> R.I.: — manter BEHONNE.

PARTICIPAR ao comandante do destacamento, desde que os pontos a acima referidos sejam atingidos.

VIII — P.C. do Comandante do Destacamento:

RESSON — (prefeitura) a partir das 20h.30'.

NAIVES DEVANT BAR — (prefeitura) a partir das 22 horas.

Deslocar-se-á em seguida pelo eixo VAVINCOURT — HARGEVILLE SUR CHÉE.

IX — Trens de Combate: continuam a disposição das unidades.

X. — Gen. Cmt. da I.D. 13

#### DESTINATARIOS:

13. <sup>º</sup> R.I.	I Btl./113. <sup>º</sup> R.I.	I G./13. <sup>º</sup> R.A.C.	PARA EXECAÇÃO
-----------------------	-------------------------------	------------------------------	---------------

Grupo de reconhecimento — como informação.

13.<sup>a</sup> DIVISÃO — com parte.

#### EXECUÇÃO DO MOVIMENTO DO GROSSO

COLUNAS	COMPOSIÇÃO DA COLUNA	ITINERARIO	HORA DE PARTIDA	DESTINO	OBSERVAÇÃO
NORTE sob o comando do Cel. Cmt. do 1º R. I.	13. <sup>º</sup> R. I. (menos o III Btl.)  IG / 13. <sup>º</sup> RAC. (menos 1 sec.)	RESSON-NAIVES DEVANT BAR-VAVINCOURT.  LOISEY-CULEY RESSON-NAIVES VAVINCOURT	20h. 30	VAVINCOURT	Ordens posteriores regulares a instalação no fim do primeiro lance e o prosseguimento do movimento
SUL sob as ordens do Maj. Cmt. do I Btl. / 113. <sup>º</sup> R. I.	I Btl. / 113. <sup>º</sup> R. I.  1 sec. / IG / 13. <sup>º</sup> RAC.	NAIVES DEVANT BAR — estrada de BAR LE DUC até a bifurcação 1800 ms. a S W de NAIVES-DEVANT BAR-BEHONNE.	20 h. 30	BEHONNE	

2.<sup>a</sup> PARTE

## TEMA

O Destacamento posto sob as ordens do Gen. Cmt. da I.D./13 em execução ás prescrições da ordem particular n.<sup>o</sup> 21, de 7 de Setembro ás 18 hs,30, se movimenta para o Noroeste, na noite de 7 para 8 de Setembro, conforme as disposições previstas (ver a primeira parte).

O inimigo retomou os ataques a 8, desde do clarear do dia, e submergiu os elementos legeiros que lhe eram opostos, os quais são considerados como fora de qualquer menção; pouco após se chocou com o destacamento do Gen. Cmt. da I.D./13, deante do qual foi sustada a progressão. Cerca de nove horas tinha atingido deste modo a linha: garupa 251 (um quilometro ao Sul de GENICOURT SOUS CONDE) — 258 (dois quilometros a Sudoeste de HARGEVILLE SUR CHÉE) — orlas Sul de CHARDOGNE — garupa 201 (um quilometro ao Norte de VARNEY) — linha esta que não poderá ultrapassar.

Na mesma hora o Destacamento, solidamente instalado, mantinha uma linha distante da precedente de 300 a 800 metros, no dispositivo seguinte:

— Ao Norte, o 13.<sup>º</sup> R.I. (menos o III Btl.) sob as ordens do Cel. Cmt. do R.I., mantém com os I e II Btls. desenvolvidos, as alturas a Noroeste, Oeste, e Sudoeste de HARGEVILLE SUR CHÉE até a garupa 600 metros a Nordeste de 249 (dois quilometros a Leste de CHARDOGNE), esta ultima garupa inclusive.

— Ao Sul, o I Btl./113 R.I., sob as ordens do Cmt. do Batalhão, mantém com a primeira companhia a garupa a Leste da cota 201 (800 metros ao Norte de VARNEY) e com a 2.<sup>a</sup> companhia, o mamelão a 300 metros ao Sul de CHARDOGNE; a companhia de metralhadoras, protegida por alguns elementos da 3.<sup>a</sup> companhia, está em posição na garupa a um quilometro ao Sul de CHARDOGNE; o grosso da 3.<sup>a</sup> companhia está em reserva nas encostas Sul dessa garupa.

— No centro o Grupo de reconhecimento (menos um pelotão a cavalo e um meio pelotão de autos metralhadoras)

sob as ordens de seu comandante, reálisa a ligação entre o 13.<sup>º</sup> R.I. e o I Btl./113.<sup>º</sup> R.I., mantendo com o esquadrão ciclista as encostas Norte e Noroeste da cota 249 (dois quilometros a Leste de CHARDOGNE); o esquadrão a cavalo (menos um pelotão) e um meio pelotão de autos metralhadoras estão em reserva a 300 metros a Sudeste da cota 249.

Um pelotão a cavalo e outro meio pelotão de autos metralhadoras nas imediações do castelo de GENICOURT SOUS CONDÉ, realizando a ligação com a Divisão vizinha.

O Grupo de artilharia está em bateria ao Sudeste de HARGEVILLE SUR CHÉE; possue uma seção destacada a disposição do I Btl./113.<sup>º</sup> R.I., e em posição a 1.200 metros ao Norte de FAINS).

## Postos de Comando:

I.D./13: VAVINCOURT. (saídas Noroeste).

13.<sup>º</sup> R.I.: cota 280 (um quilometro Sul de HARGEVILLE SUR CHÉE).

I Btl./113.<sup>º</sup> R.I.: um quilometro ao Sul de CHARDOGNE, no caminho de terra indo de CHARDOGNE ao moinho velho de FOSSE.

Grupo de reconhecimento: cota 249 (dois quilometros a Leste de CHARDOGNE).

Grupo de 75: cota 280 (um quilometro Sul de HARGEVILLE SUR CHÉE).

Às 9 h. 30', o Gen. Cmt. da 13.<sup>a</sup> Divisão, precedendo o grosso da D.I., alcança em Vavincourt o comandante da I.D., que o põe ao par da situação; aquele após parte dada ao comandante do 7.<sup>º</sup> Corpo, e lhe tendo recebido a aprovação, expede ás 10 h. 30' a seguinte ordem:

13.<sup>a</sup> D.I.

E. M.

3.<sup>a</sup> Sec. P.C. em 8 de Set.<sup>o</sup>, ás 10 h. 30'  
N.<sup>o</sup> 131

ORDEM DE OPERAÇÕES N.<sup>o</sup> 6

I — A 13.<sup>a</sup> Divisão contra atacará hoje ás desesete horas, de modo a repelir o inimigo para Oeste do bosque do CHENE, realizando o esforço ao N.

da região: bosque do CHENE, bosque de HARAU MONT. O ataque se efetuará nas condições abaixo fixadas:

II — O Gen. Cmt. da I.D./13, dispondo do 13.<sup>º</sup> R.I. e do 213.<sup>º</sup> R.I. (menos um batalhão) atacará na direção de *HARLEVILLE SUR CHÉE — cota 247* (600 metros a Sudoeste de LOUPPY SUR CHÉE).

1.<sup>º</sup> Objetivo — as garupas 251 258 (Noroeste e Sudoeste de HARLEVILLE SUR CHÉE).

2.<sup>º</sup> Objetivo — a garupa 247 (600 metros a Sudoeste de LOUPPY-SUR CHÉE) e parte Leste do bosque de HARAU MONT.

III — O Cel. Cmt. do 113.<sup>º</sup> R.I., dispondo de todo o regimento (II Btl., III Btl. e Cia. Engenhos devendo apresentar a testa em FAINS, ás 13 horas), do grupo de reconhecimento divisionario (menos as frações proximas de GENICOURT SOUS CONDÉ), atacará segundo o eixo *MOINHO VELHO DE FOSSÉ — pedreira a um quilometro a Noroeste de CHARDOGNE*.

1.<sup>º</sup> Objetivo — CHARDOGNE e garupa a Oeste.

2.<sup>º</sup> Objetivo — garupa a 600 metros metros da pedreira a um quilometro a Noroeste de CHARDOGNE.

O coronel comandante do 113.<sup>º</sup> R.I. deverá, simultaneamente com a progressão, realizar a limpeza e a ocupação do bosque do CHENE, na zona de ação da unidade e finalmente se ligar ás frações da esquerda do ataque Norte, nas imediações da ponte na estrada CHARDOGNE — LOUPPY SUR CHEE, no corego NAUSONCE.

Tomará as necessarias precauções para assegurar a proteção imediata da esquerda durante a operação.

IV — O ataque do Norte (13.<sup>º</sup> R.I. e 213.<sup>º</sup> R.I.) será apoiado por dois grupos de 75 da 13.<sup>ª</sup> D.I. e um grupo de 75 do N.<sup>º</sup> Corpo, reconstituído a Oeste de VAVINCOURT, assim como pelos dois grupos curtos da D.I. (155).

O ataque do Sul (113.<sup>º</sup> R.I.) será apoiado pelos:

- o III G./13.<sup>ª</sup> R.A.C. (testa alcançando ás 13h.45 a vidraçaria a 500 metros a Nordeste de FAINS).
- um Grupo de 75 de 14.<sup>ª</sup> D.I., em posição nas proximidades do Campo Romano (1.000 metros a Oeste de FAINS).
- o grupo de 155 C., da 14.<sup>ª</sup> Divisão, em posição na ravina de VÉEL (3 quilometros a Oeste de BAR LE DUC).

O conjunto desses tres Gr. será colocado para o ataque sob o comando do Cel. Cmt. 13.<sup>º</sup> R.A.C., a quem o Cel Cmt. 113.<sup>º</sup> R.I. dirigirá diretamente os pedidos de fogos.

É admitido que a seção de artilharia de 75, precedentemente destacada em acompanhamento ao I Btl./113.<sup>º</sup> R.I., si se reunio ao Grupo, antes do ataque, na região de HARLEVILLE SUR CHÉE.

V — Limite das zonas de ação: parada da via ferrea 700 metros a Sudeste da cota 249, bifurcação a 600 ms. a Sudoeste da cota 258 (interseção da estrada CHARDOGNE, HARLEVILLE SUR CHÉE, com o caminho de terra Noroeste-Sul indo para GENICOURT SOUS CONDÉ); ponte na estrada CHARDOGNE, LOUPPY SUR CHÉE no correlo de NAUSONCE, cota 275 (700 metros a Nordeste de LOUPPY LE CHATEAU), todos esses pontos atribuidos as frações comandadas pelo coronel do 113.<sup>º</sup> R.I.

VI — O contra ataque da 13.<sup>ª</sup> Divisão será coberto á esquerda por uma ação da 14.<sup>ª</sup> Divisão contra a garupa Norte de BUSSY LA COTE e contra a cota 194 (um quilometro ao Norte desta localidade).

VII — . . . . .

#### TRABALHO A EXECUTAR

O coronel comandante do 113.<sup>º</sup> R.I. recebe a ordem acima ás 12 horas, no momento em que passa por BAR LE DUC.

Precedendo a coluna, chega ás 13 horas ao P.C. do comandante do I Btl., onde marcou uma reunião aos coman-

dantes do Grupo de reconhecimento e ao coronel comandante do 13.<sup>º</sup> R.A.C.  
REDIGIR:

- a) — A ordem dada (ou as ordens dadas) pelo coronel comandante do 113.<sup>º</sup> R.I., em execução a ordem de operações n.<sup>º</sup> 6, cita acima.
- b) — Os pedidos de fogos por ele dirigidos ao coronel comandante do 13.<sup>º</sup> R.A.C.
- c) — Justificar sucintamente as disposições tomadas.

### DISCUSSÃO DE UMA SOLUÇÃO

A intervenção do destacamento posto sob as ordens do Gen. Cmt. da infantaria da 13.<sup>a</sup> Divisão se fez, pois, sentir com felicidade, e as forças azuis (inimigas) não foram além da linha: Garupa 251 (um quilometro ao Sul de GENICOURT SOUS CONDÉ) — 258 (dois quilometros a Sudoeste de HARGEVILLE SUR CHÉE) — orla Sul de CHARDOGNE — garupa 201 (um quilometro a Norte de VARNEY).

Desta forma o grosso da Divisão sembocará, sem dificuldade, ao Noroeste do corrego do NAVETON. O General comandante da 13.<sup>a</sup> Divisão em posse das ultimas informações, não mais se contenta em deter o ataque do adversário, limitando-lhe o avanço. Encara um maior programa. Quer no mesmo dia, restabelecer a situação. E obtém do comandante do Corpo de Exercito a autorização para realizar a operação cujo sucesso crê possivel.

Daí a ordem de operações n.<sup>º</sup> 6 de 8 de Setembro ás 10 h.30'. Esta ordem é elaborada em VAVINCOURT; onde o Gen. Cmt. da Visão se encontrou com o comandante da infantaria divisionaria.

Vê-se entrar desde então em cena o comandante do 113 R.I. É encontrado em BAR LE DUC ás 12 horas. É neste local e a esta hora que um agente de transmissão da 13.<sup>a</sup> Divisão, lhe entrega a ordem de operações n.<sup>º</sup> 6. A submete a um rapido exame. Quaes são as reações imediatas que logicamente deve dar lugar?

A ordem não contem informação alguma sobre a situação geral ou a cerca do inimigo: é impossivel se imaginar o

coronel comandante do 113.<sup>º</sup> R.I. ignorando tudo. Com certesa, teve conhecimento do ataque efetuado pelo adversario na manhã.

Não desconhecerá que fracassou; saberá em grosso a linha atingida e não ultrapassada. Caso não se encontre ao par da situação exata do I Btl. do regimento, a conhecerá certamente em largos traços. Principalmente tem ciencia de onde encontrar o comandante do batalhão, junto a quem, em breve, completará todas as informações possuidas.

O coronel comandante do 113.<sup>º</sup> R.I. está desde então no ambiente desejado. Não é mais a atmosfera da vespera, que aliás não conhecera: as coisas iam mal; o sucesso sorria ao adversario. Hoje, se resistiu vitoriosamente ao ataque inimigo e já se pensa em contra-atacalo, afim de o repelir para Noroeste. Não mais se trata de problema defensivo. Necessario se torna resolver um problema ofensivo.

\*\*

A 13.<sup>a</sup> Divisão deve contra atacar no mesmo dia ás 17 horas. O comandante do 113.<sup>º</sup> R.I., dispondo de todo o regimento e do grupo de reconhecimento divisionario (menos a fração proxima de GENICOURT SOUS CONDÉ) participará desta operação. Eis o que imediatamente nota o coronel do 113.<sup>º</sup> R.I., quando percorre a ordem de operações recebida ás 12 horas.

Onde se encontram a esta hora os elementos postos ao seu dispôr para o contra-ataque?

O I Btl. do regimento está empenhado desde da manhã na região de CHARDOGNE. Atualmente em contacto com o inimigo, em ligação a Oeste com os elementos da 14.<sup>a</sup> divisão e prolongado a Leste pelo esquadrão ciclista do grupo de reconhecimento, ocupa uma parte da frente de combate da Divisão. Em que estado está, assim como o grupo de reconhecimento divisionario, cujo esquadrão a cavalo (menos um pelotão) e um meio pelotão de autos metralhadoras estão reunidos na orlas do bosque 300 metros a Sudeste da cota 249, aonde até pouco constituiam a reserva do Gen. Cmt. da I.D./13.<sup>a</sup>? o coronel do 113.<sup>º</sup> R.I. não possue a menor informação a respeito.

O grosso do regimento deve se aproximar de BAR LE DUC, uma vez que, às 13 horas, a testa se apresentará em FAINS.

Não ha duvida que o coronel vae se adiantar do regimento, para se encontrar com o comandante do I Btl. Pois, sómente aí, após se ter munido das necessarias imformações, poderá decidir sobre o ataque que deve executar.

Em quanto isto, o grosso do regimento prosseguirá a marcha e atingirá FAINS ás 13 horas, como está previsto. O que fazer então? deverá realizar uma parada em FAINS, afim de esperar novas ordens?

Naturalmente, não é apóis uma primeira leitura da ordem de operações nº. 6, que o comandante do regimento pode ter uma idea bem nitida do modo pelo qual arquitetará o ataque prescrito. Contudo já deve ter sentido que necessita de todos os meios postos sob suas ordens. Com este fim, é preciso que os tenha, e o mais rapidamente possivel, ao alcance imediato. É com efeito ás 17 horas, que deve se desencadear o contra ataque.

Agora se articula a questão: poder-se-á sem risco enviar o grosso regimento para além de FAINS?

Sendo dada a frente atingida pelos azues (inimigo), um simples exame da carta permite ao coronel decidir, se deve ou não, manter o regimento no fundo de FAINS.

Existe entre a linha mantida e a vidraçaria de FAINS, a ravina do moinho velho de FOSSÉ e a do TREMBLOT. Parece possivel de aí se instalar a coberto o grosso do regimento.

Distancia a percorrer para atingir esses dois vales estreitos e profundos, como a maior parte dos do BARROIS: 2.000 metros, mais ou menos, se atravessando o planalto ao Sul de 239. Poder-se-á tadiavia, sonhar um só momento em percorrer esta chapada desnuda, um adversario ocupando CHARDOGNE, sem falar na observação aerea provavelmente muito ativa? Seria uma imprudencia e uma falta muito grave, atendendo principalmente que se dispõe de um caminhamento favoravel, ganhando por Leste a ravina de TREMBLOT, após ter seguido pela orla da floresta de MASSONGE.

Distancia a percorrer: cerca de 3.500 metros até a ravina do moinho velho de FOSSÉ.

Tempo necessario: para uma infantaria que acaba de cobrir uma etapa já bem longa, e a que é preciso se economisar as forças em vista do esforço a se lhe pedir esta mesma tarde, cerca de duas horas.

Portanto, se a infantaria não se detem em FAINS, chegará nas ravinas acima indicadas nas proximidades das 15 horas. Disporá ainda de duas horas para proceder aos ultimos preparativos do contra ataque. São condições aceitaveis. Por consequencia, não ha mais duvida que o 113º R.I., não poderá fazer a menor parada em FAINS. O batalhão testa da coluna será encaminhado para o fundo da ravina do moinho velho de FOSSÉ, o outro batalhão para a de TREMBLOT. A companhia de Engenhos se instalará entre os dois batalhões, na proximidade do P.C. do comandante I Btl. Sem duvida nestas paragens, por multiplas rasões, o coronel estabelecerá o proprio P.C.

Eis a primeira ordem a dar pelo coronel, antes de se adeantar do regimento, afim de se dirigir ao P.C. do comandante do I Btl. Nesta ordem, não se esquecerá de acrescentar as prescrições relativas aos trens de combate que seguem as unidades. Não se poderá admitir que leve os trens de combate até a ravina de VENISE.

(Concebe-se que todos os T.E. da Divisão estão grupados mais atrás).

Entretanto terá o coronel tempo para pensar em todos estes detalhes? A preocupação dominante não é o contra ataque? Sem duvida, e é a preparação do mesmo que se consagra inteiramente. Desta forma é o chefe do estado maior do regimento que se ocupará desta questão. Os trens de combate serão deixados na vidraçaria de FAINS, ou talvez encaminhados até a ponta Sudoeste da floresta de MASSONGE. Deste modo se saberá onde os encontrar quando, em fim de jornada, se tornar necessário proceder ao remuniciamento e se fizer sentir a falta das cosinhas de campanha.

Convirá se lembrar nesta primeira ordem, rapidamente redigida na passagem por BAR LE DUC, as prescrições re-



#### La manœuvre des feux et le compartimentage du terrain.

CROQUIS N° I

La Courtine 1/20.000<sup>e</sup>

## LÉGENDE

<i>Organisations bleues repérées par l'aviation rouge</i>	{	<i>Terres remuées,</i>
		<i>Abatis.</i>
		<i>Champ de mines</i>

Revue d'Infanterie CHARLES-LAVAUZELLE et C<sup>ie</sup>, Éditeurs, Paris.  
Imprimé au Service Géographique de l'Armée.

lativas as precauções a tomar para se escapar a observação inimiga, tanto aerea como terrestre?

É recomendado nunca se ser prolixo nas ordens, aí se inserindo prescrições regulamentares. Entretanto, no caso presente, é de tal modo imperioso se escapar as vistas, si se quer conseguir garantir o segredo da colocação em posição dos elementos do contra ataque e realizar a surpresa! Duas precauções valem mais do que uma. Algumas palavras bastarão para lembrar as disposições necessarias, e nem por isso a ordem será muito mais longa.

\*\*

O comandante do regimento se adianta do 113.<sup>º</sup> R.I. afim de se dirigir ao P.C. do I Btl., onde marcou encontro com o comandante do grupo de reconhecimento, e ao coronel comandante do 13.<sup>º</sup> R.A.C. Aí se encontrará ás 13 horas. Informação contida no tema.

Que felicidade! afim de facilitar a tarefa se ter pensado em fornecer tal previsão. Poder-se-á, entretanto, perguntar em que momento o coronel do 113.<sup>º</sup> R.I. poude marcar esse encontro com as personagens supra citadas?

A resposta a esta questão permitirá se verificar a importancia da tarefa que incumbe a este coronel, bem como a atividade intelectual e fisica de que deverá fazer prova.

A necessidade de se adiantar do regimento para se dirigir ao P.C. do comandante do I Btl. não se discute. Não é permanecendo em BAR LE DUC e se contentando de trabalhar na carta, que é possivel se engedrar em condições convenientes o contra ataque das 17 hs. O coronel deve se deslocar para o terreno da ação, Bastar-lhe-á entretanto, tomar contacto com o comandante do batalhão já empenhado, para ficar em posse de todos os elementos que lhe são indispensaveis para preparar a operação que lhe incumbe? Com certesa aí recolherá preciosas informações, mesmo que sejam unicamente de interesse para este batalhão. Contudo lhe colocaram sob as ordens o grupo de reconhecimento divisionario; puseram lhe a disposição os

fogos de um agrupamento de artilharia. Que valor têm esses meios? Quem lhe poderá precisar? Quem lhe indicará onde se encontram exatamente, e em que condições terão possibilidade de agir? Os chefes de cada um deles. Daí a necessidade de os convocar, o mais cedo possível, um ponto facil a encontrar, onde se possa examinar a situação, ver o terreno, tomar decisões, comunicar ordens.

O P.C. do comandante do I Btl. não se acha naturalmente indicado?

É antes de sair de BAR LE DUC, que o coronel comandante do 113.<sup>º</sup> R.I. convocará as autoridades interessadas a este P.C. Necessario se torna admitir que saiba onde as encontrar.

Já se conhece as numerosas razões porque o comandante do 113.<sup>º</sup> R.I. tem pressa em se adiantar do regimento. Tem encontros a efetuar e reconhecimentos a realizar. Quer estudar o terreno do ataque, pois este é um dos fatores essenciais, entre os que o nortearão na decisão a tomar dentro em breve.

O terreno, contudo, nem só a ele interessa. Conhecer-lhe é de primordial importancia para os comandantes de batalhões, que na tarde participarão do contra ataque. O coronel prescreve pois, aos comandantes dos II e III Btis. a se adiantarem dos mesmos, assim que o possam, e de se lhe dirigirem ao encontro no P.C. do I Btl., cuja situação é precisada.

Eis, é de presumir, quais podiam ser as reações do coronel do 113.<sup>º</sup> R.I., após conhecimento da ordem geral de operações n.<sup>º</sup> 6, que lhe fôra entregue em BAR LE DUC, ás 12 horas. Consistiam em dar rapidamente algumas ordens: com toda a certesa não seria preciso mais de vinte minutos. Pondo-se em caminho ás 12 h. 20', o comandante do regimento tinha ainda tempo de ser exato ao encontro que fixara para ás 13 horas, no P.C. do comandante do I Btl. Dispõe com efeito de um auto, que o poderá levar, bem entendido com algumas precauções, até a proximidade do castelo de REMBERCOURT (Distancia de BAR LE DUC: 5 kms.) Em seguida percorrerá algo de 1.200 ms. a pé para atingir o ponto determinado.

\*\*

O coronel do 113.<sup>º</sup> R.I. se encontra agora no P.C. do I Btl., situado a um quilometro ao Sul de CHARDOGNE, no caminho de terra indo de CHARDOGNE ao moinho velho de FOSSÉ. Aí encontram os oficiais que convocara para as 13 horas (comandante do grupo de reconhecimento e coronel comandante do 13.<sup>º</sup> R.A.C.).

Teria entretanto vindo só? Com certeza que não: existem logares no auto. Assim sendo, levaria consigo o chefe do estado maior do regimento e o oficial de informações. Talvez mesmo, um ou dois secretários e sem duvida alguma, dois agentes de transmissão em motos com sidecar. Desta forma disporá de todos os elementos necessários para trabalhar utilmente, desde que seja preciso. Logo após a chegada, o coronel pede que lhe precisem a situação. Quais foram as ultimas manifestações da atividade inimiga? O I Btl. pode ser organizado seriamente na linha que mantém neste momento?

O comandante do Btl. indica que a 1.<sup>a</sup> Cia. ocupa a garupa Leste da cota 201 (800 ms. ao Norte de VARNEY). A 2.<sup>a</sup> Cia. o mamelão a 300 ms. ao Sul de CHARDOGNE.

No que concerne a Companhia de metralhadoras, se encontra no tema a seguinte frase... «A companhia de metralhadoras, apoiada por alguns elementos da 3.<sup>a</sup> Cia., está em posição na garupa a um quilometro ao Sul de CHARDOGNE...» Não ha dúvida que não se deve ler letra a letra os termos desta frase. Os redatores do tema com toda a certeza quiseram dizer: só a maior parte da companhia de metralhadoras é que está instalada em posição no ponto citado, e o indicativo figurando na carta, não significa que exista na garupa a um quilometro ao Sul de CHARDOGNE, uma C.M. inteira organizada em «baterias de metralhadoras».

Pode-se admitir porque é lógico, a existencia em cada um dos pontos de apoio ocupados pelas 1.<sup>a</sup> e 2.<sup>a</sup> Cias. de uma seção de metralhadoras agindo em flanqueamento na barragem principal, na frente da linha de resistência. Ignora-se, por acaso, que os fusis metralhadoras, apesar de qualidades inegáveis, não podem substituir as metralhadoras nesta função?

As duas outras seções da C.M., com alguns elementos da 3.<sup>a</sup> Cia., estabelecidos na garupa um quilometro ao Sul de CHARDOGNE, balisam o que pode ser considerado como a linha de deter da posição. Essas metralhadoras estão em condições de baterem os caminhamentos originarios da linha de resistência, ocupada pelas 1.<sup>a</sup> e 2.<sup>a</sup> Cias. e talvez mesmo participarem na barragem principal na frente desta linha; não parece existir sérias dificuldades de terreno, impossíveis de serem superadas. Convém igualmente notar que o primeiro batalhão se acha locado nesta posição, desde das primeiras horas do dia, e que apesar do ataque inimigo, deve ter procurado constantemente melhorar as condições de defesa.

O grosso da 3.<sup>a</sup> Cia. se encontra nas encostas Sul da garupa um quilometro ao Sul de CHARDOGNE, tendo certamente reconhecido posições de alerta na propria crista.

Eis o quadro que o comandante do I Btl. mostra ao coronel. O comandante do grupo de reconhecimento divisionário, presente a reunião, expõe igualmente a situação desta unidade.

Convém lembrar que o esquadrão ciclista ocupa as encostas Norte e Noroeste da cota 249 (dois km. a Leste de CHARDOGNE).

É provável que o Cmt. do 113.<sup>º</sup> R.I. formule então a pergunta seguinte: «Como se opera a ligação com as unidades vizinhas? «Eis um ponto de capital importância e que merece reter especialmente a atenção, principalmente nas instalações em terreno livre. Os flancos descobertos ocasionam os peores perigos, notadamente em terreno tão cortado como este. A ligação não consiste, aliás, sómente em se cobrir os flancos, mas também em se saber onde se encontram os vizinhos, em se ir ao seu encontro. Quando possível, a ligação comporta igualmente apoios reciprocos pelo fogo.

Na situação estudada, a ligação se presume estar solidamente assegurada a Leste com o 13.<sup>º</sup> R.I. pelo grupo de reconhecimento. A Oeste, o I Btl. se apoia no ORNAIN e no canal do MARNE ao RENO. Está em ligação em VARNEY com elementos da 14.<sup>a</sup> Divisão. A cobertura dos flancos, parece pois estar bem compreendida.

No momento não ha o menor sobre-salto deste lado.

Agora, o coronel do 113.<sup>º</sup> R.I. se volta para o Cel. Cmt. do 13.<sup>º</sup> R.A.C.

Qual é a situação da artilharia?

Deve ser lembrado que o Grupo do 13.<sup>º</sup> R.A.C., entrando na composição do grupamento de artilharia, alcançará com a testa a vidraçaria a 500 ms. ao Nordeste de FAINS tão sómente ás 13 h.45'. Mesmo sem informações sobre a hora em que estarão em posição o grupo de 75 e o 155 C. da 14.<sup>a</sup> Divisão, pode-se os admitir em condições de cooperarem numa preparação da artilharia, caso o comandante do 113.<sup>º</sup> R.I. o deseje.

O que valerá este grupamento de artilharia? Qual será a especie das transmissões em um semelhante agrupamento, composto de grupos de duas divisões diversas e postos sob as ordens de um chefe ao qual apenas se dá algumas horas para preparar e coordenar a ação? As transmissões serão com toda a probabilidade muito precarias e a tarefa do comandante do grupamento se anuncia particularmente difícil e penosa.

O comandante do 113.<sup>º</sup> R.I. conhece perfeitamente esta situação e, se lhe passasse desapercebida, o coronel da artilharia não lh'a deixava escapar, especialmente em lhe pedindo para no menor prazo possível, fazer conhecer como presumia dever se operar a intervenção da artilharia; em uma palavra, quaes são os tiros que deseja.

Afim de responder a pergunta: «Quaes tiros desejaes?» o comandante do 113.<sup>º</sup> R.I. será certamente levado a perguntar ao artilheiro. «Em que momento estas em condições de agir?» Verificar-se-á imediatamente a importancia desta pergunta.

Foi acima admitido que os dois grupos da 14.<sup>a</sup> Divisão podiam participar na preparação da artilharia, caso houvesse uma. No que os concerne, nada mais se poderá acrescentar. Entretanto o mesmo não se dá para o grupo do 13.<sup>º</sup> R.A.C. que se apresentará na vidraçaria de FAINS ás 13 h.45'. É facil precisar a partir de que momento este grupo está em condições de atuar. Basta se conhecer a posição que deverá ocupar. É o coronel comandante do 13.<sup>º</sup> R.A.C., que a compete determinar.

Porque não decidirá instalar o grupo ao Sul de 239, a W. da floresta de MASSONGE? Inconveniente algum. Parece aliás que na proximidade da posição existem observatorios utilisaveis. Preenchida a condição do comandante do agrupamento enviar as ordens oportunamente se concluirá que o grupo do 13.<sup>º</sup> R.A.C. poderá abrir o fogo entre 14 h.30' e 14 h.45'.

Qual é a importancia existente para que o grupo se encontre em condições de atirar ás 14h.30' em vez de 16 horas? A resposta é bem simples.

O que fazem os azues apôs ás 9 horas? Sendo repelido o ataque da manhã, não estarão preparando outro? Não o desencadearão precedendo o ataque vermelho?

Ha portanto interesse que o grupo do 13.<sup>º</sup> R.A.C., em caminho, possa participar, caso necessário, na defesa da posição.

No momento compete ao coronel cmt. do 113.<sup>º</sup> R.I. a conduta das operações, e não mais ao comandante do I Btl. Incumbe-lhe todas as prescrições exigidas pela situação. Não só deve preparar nas melhores condições o contra ataque das desesete horas como tambem encarar o caso em que o adversario se antecipando, tenha que lhe fazer frente ante um seu ataque. Eis a razão porque deseja que a artilharia esteja em posição o mais cedo possível e, caso o comandante lhe puder satisfazer, pedirá que o grupo coopere na barragem principal a partir das 14h.30', interditando, por exemplo, as saídas da orla Sul de CHARDOGNE, ou no caso de um ataque localizado intervenha a vista, si as circunstancias o permitirem.

Para se realizar este entendimentos entre artilheiro e infante, alguns minutos bastariam. Sob a condição, não se precisava dizer, que os pedidos do infante sejam simples.

A idéa que o adversario esteja em condições de atacar em primeiro logar, implica em outra reação. Recorda-se que, conforme as ordens dadas pelo comandante do 113.<sup>º</sup> R.I., os II e III Btls. do regimento se instalarão nas ravinas de VENISE e de TREMBLOT, proximo das 15 horas. O contra ataque está fixado para ás 17 horas. O inimigo atacando entre 15 e 17 horas, o que se

passará? Se apesar das disposições tomadas, o adversário consegue submergir os elementos mantendo a posição, o grosso de regimento não correria riscos? Importa pois tomar certas precauções para fazer face a este perigo e poder, caso necessário, reforçar a defesa em apuros.

Com este fim, o coronel do 113.<sup>º</sup> R.I. prescreverá aos Batalhões que vão chegar, de se instalarem nos locais determinados, em formação apropriada, e fazerem reconhecer (sem contudo as ocupar em cada batalhão), posições de tiro para duas seções de metralhadoras, e, que permitam o cumprimento das seguintes missões:

- Seções de metralhadoras do Btl. da ravina do moinho velho de FOSSÉ (II Btl.): participar na defesa da garupa um quilometro ao Sul de CHARDGNE;
- Seções de metralhadoras da ravina do TREMBLOT (III Btl.): na defesa do planalto de 241.

O coronel comandante do 113.<sup>º</sup> R.I., logo após essas medidas preliminares relativas a uma idéa de conservação do terreno, se empenha sem tardança na tarefa essencial, que é a preparação do contra ataque. Afim de se encontrar em condições de desembocar na hora prescrita, e em boa forma, não precisará começar por se dispôr a tempo no terreno, proceder aos indispensáveis reconhecimentos, ser capaz de repelir um ataque sempre possível do inimigo? Residindo uma das condições do sucesso na surpresa, importa igualmente não se deixar surpreender. É indispensável se estar «em guarda».

Muito rapidamente o coronel faria uma idéa das precauções a tomar e das disposições a adotar nos fundos das ravinas do moinho velho de FOSSÉ e de TREMBLOT. A redação das ordens de correntes seria breve, Aliás, não será o coronel que redigirá tais ordens. Esta tarefa incumbirá ao chefe de estado-maior do regimento, ao qual o coronel indicará o que deseja. Bem simples: locais a ocupar, conduta em caso de ataque...

Competirá igualmente ao chefe de estado maior do regimento, no caso de ausência do comandante do R.I., orientar os comandantes dos II e III Btis., quan-

do chegarem, sobre as intenções do comando do corpo e lhes facilitar a instalação, do melhor modo. Comunicar-lhes-á as informações prestadas pelo comandante do I Btl., com especialidade as que poderem facilitar a colocação em posição do dispositivo das unidades (caminhamentos, zonas abrigadas, observatórios utilizáveis, etc....).

No caso de ausência do coronel, foi dito...

Deve este último se ausentar? Geralmente, pois que ainda não efetuou o reconhecimento do terreno no qual vai se produzir o contra ataque. Reconhecimento realizado conforme se possa circular e ver, e permita controlar os resultados que o exame da carta já lhe forneceu, bem como verificar certos pontos essenciais.

Reconhecimento ao qual não poderá consagrar muito tempo. Deste modo, para o executar mais de pressa, pedirá ao comandante do I Btl. para o acompanhar. Este último já conhece o terreno e o conduzirá diretamente aos observatórios.

\*\*

De regresso ao posto de comando escolhido, o coronel comandante do 113.<sup>º</sup> R.I., afim de poder definitivamente decidir, deverá acabar o estudo da ordem de operações n.<sup>º</sup> 6, que lhe foi entregue em BAR LE DUC ás 12 horas. Recorda-se que se contentara de um primeiro exame, afim de poder tomar algumas resoluções urgentes.

Retomando pois, a ordem de operações n.<sup>º</sup> 6, a examinará metodicamente, bem como o problema formulado, segundo a ordem costumeira e lógica:

#### MISSÃO — INIMIGO — TERRENO e MEIOS

O estudo desses quatro elementos, guiado, bem entendido, em função do tempo de que se dispõe, lhe permitirá elaborar a ideia de manobra. Desta ideia de manobra resultarão necessariamente os processos a utilizar para a pôr em prática. É ainda o melhor processo, para não se dizer o único, que permite arquitetar convenientemente uma operação e a levar a cabo até a obtenção do resultado em vista: o SUCESSO.

## ELEMENTOS DA DECISÃO

*A Missão*

A missão geral da 13.<sup>a</sup> Divisão consiste em contra atacar, de modo a repelir o inimigo do bosque do CHENE, para Oeste, exercendo o esforço na região ao Norte do bosque do CHENE — bosque HARAUMONT. O comandante da Divisão consagra o maximo de meios na produção do esforço principal no ponto previsto.

Direção deste esforço: Sudeste — Noroeste. Determina ao mesmo tempo ao coronel do 113.<sup>º</sup> R.I., para utilizando os elementos postos sob as suas ordens atacar o adversário segundo o eixo: moinho velho de FOSSÉ — pedreira a um km. a Noroeste de CHARDOGNE, seja seguindo uma direção sensivelmente Sul-Norte. Uma direção convergente, pois, em relação a que será seguida a Noroeste do bosque do CHENE. A importância do apoio que poderá resultar para a ação principal não escapará ao comandante do 113.<sup>º</sup> R.I. Terá como primeira consequência, fixar os azues na frente atacada, os impedindo de um certo modo utilizar como entenderem as reservas imediatas. Em segundo será uma ameaça que, graças ao sucesso, se tornará rapidamente bem perigosa para as forças inimigas fazendo face a Leste.

Dai resulta que o Gen. Cmt. da Divisão prescreve ao coronel do 113.<sup>º</sup> R.I., realizar na medida da progressão a limpeza e a ocupação do bosque do CHENE. Em fim de jornada é imprescindível se ligar às frações da esquerda do ataque do Norte, na ponte da estrada de CHARDOGNE-LOUPPY SUR CHÉE, no correlo de NAUSSONCE.

Embora a operação do 113.<sup>º</sup> R.I., não constitua a ação principal, não terá menor importância, pois facilitará em muito o ataque executado ao Norte do bosque do CHENE. Talvez lhe assegure o sucesso. Da mesma forma o comandante do 113.<sup>º</sup> R.I. deverá lhe consagrar o maximo de meios, cuidando particularmente dos flancos do proprio ataque, que podem facilmente se encontrar descobertos.

Qual será, com efeito, o apoio prestado pelos vizinhos? Foi dito que o contra ataque da 13.<sup>a</sup> Divisão, seria coberto a

esquerda por uma ação da 14.<sup>a</sup> Divisão, em direção a garupa Norte de BUSSY LA COTE — cota 194 (um kmm. ao Norte desta povoação). Entretanto dado o fato da operação ser executada pela Divisão vizinha, já ha aí uma causa de incerteza. Donde a necessidade de se dobrar a vigilância. Na direita, a ação que deve executar a fração Norte da Divisão, não está em ligação íntima consigo. Consequencia: o coronel do 113.<sup>º</sup> R.I. engendrará o contra ataque só contando consigo, e com o fim de realizar com todas as forças o exito do ataque principal.

Convém igualmente notar que a missão impõe uma progressão profunda, progressão que deverá ultrapassar 2500 metros, com um bosque importante a atravessar e limpar.

É necessário tambem não se perder de vista que se está em 8 de setembro. O sol se deita ás 19h.15', e o contra ataque está marcado para ás 17 horas. Tal fato se deve levar em consideração, no se regular o mecanismo de execução do contra ataque. Importa se atingir o objetivo antes que a noite caia e se dispôr até o fim dos meios necessários permitindo sobrepujar as resistencias encontradas.

## O INIMIGO

Com qual inimigo se travará o prelio, admitindo se que até o momento do ataque, permaneça sobre a impressão do insucesso, e não mude de atitude? Trata se de um adversário que até a vespera a noite, efetuara operações vitoriosas. O sucesso não lhe coroou os esforços da manhã. Se ainda não tornou a atacar, naturalmente por se julgar sem meios bastantes. Aguarda novas forças ou se instala defensivamente? Fazendo vir reforços, esses provavelmente, ainda não se encontram em condições de utilização, mas, talvez seja arriscado se topa com os mesmos durante a operação. Instalando-se defensivamente, as organizações são com toda a certeza muito rudimentares. Os trabalhos custam muito a progredir, quando se os efetua em pleno dia, sem se gosar de perfeita abrigo as vistas. Entretanto, si as organizações defensivas não podem na ocasião, desempenhar um papel preponderante, ao contrario, deve-se esperar que o sistema de

fogos esteja bem instalado, não só na frente da linha ocupada, como também de igual forma no interior da posição. É indubitável que o corredor ao Norte de CHAARDOGNE, pode ser facilmente batido por fogos de armas automáticas colocadas nas orlas dos bosques que o limitam. É de convir pois se dever tomar as providências para se dominar a defesa eventual por meio do fogo agindo em profundidade.

Onde estão instaladas as resistências do adversário? os elementos do I Btl. em contacto indicarão talvez algumas na linha ocupada e os defrontando. E ao Norte de CHARDOGNE? Informação alguma. Trata-se pois de, por atento estudo na carta e no terreno, situar os locais prováveis dessas resistências, «os pontos suspeitos», sem se fazer aliás ilusão sobre o número de probabilidades que tem de erro.

Qual a conclusão a se tirar? Não se é possível arquitetar, «a priori» uma manobra adaptada ao dispositivo inimigo, pois não se o conhece. Pode acontecer se encontrar novos meios que o adversário tenha trazido, com o fim de renovar o ataque. O que certamente se dará é se chocar com uma defesa pelo fogo seriamente organisada em profundidade, o terreno a tornando fácil.

### O TERRENO

Já que o terreno torna fácil a defesa pelo fogo, como se apresenta? O coronel do 113º R.I. lhe fez um exame rápido, durante o reconhecimento. Eis o que certamente não lhe escapou.

Primeiro ponto: o comandante do regimento poderá dos observatórios para onde se dirige, ver o conjunto do terreno do contra ataque? Talvez, pois de um modo geral, o terreno vai se inclinando ligeiramente para Noroeste (exeto, bem entendido as partes baixas do terreno com as macegas). Deste modo, pode fazer do mesmo uma idéia bem nítida.

O que se lhe grava na retina é o corredor, cuja largura varia de 1.200 a 1.800 metros, limitado a Leste pelo bosque do CHENE e a Oeste pelo conjunto do bosque do TREMBLOT e de MARIE. Como já se fez notar a profundidade ul-

trapassa 2.000 metros. A zona de ataque é constituída por uma série de garupas cuja orientação geral é primeiro de um modo sensível Leste-Oeste para se tornar em seguida Sudeste-Noroeste. Essas garupas são francamente desenhadas, salvo a sobre a que se alonga a vila de CHARDOGNE e cujas encostas Sul e Sudoeste, inclinadas para o correio do NAPPONT aparecem bem acentuadas, o comandante do 113º R.I., terá podido sem dúvida, fazer uma ideia desse declive ingreme.

A zona de ataque é limitada ao Norte pela calha do correio de NOUSSONCE que parece ser bastante profunda. O valor deste obstáculo é difícil de ser apreciado. Não é menos certo entretanto, que quando se o tiver sob o fogo, ajudará a proteção contra um retorno do inimigo, especialmente versus a ação de engenhos blindados sobre lagartas. Embora o lençol d'água não seja um obstáculo absoluto, constituirá ao menos obstáculo retardador, cujo proveito deve ser facilmente tirado.

A entrada do corredor, já referido, está barrada pelo povoado de CHARDOGNE, que se estende paralelamente à frente por cerca de 800 metros de extensão. Constitue certamente para os azues, um ponto de apoio especialmente sólido.

As orlas permitem agir em flanqueamento pelo fogo na depressão do NAPPONT, quer na direção do Sudoeste, como também na do Nordeste. Permanecendo na defensiva, o mínimo que o inimigo teria a fazer, era organizar a defesa desta localidade, que constitui um obstáculo sério, a não desprezar pelo assaltante.

O que valem os bosques, sob o ponto de vista da defesa? Na região do BARROIS são em geral constituídos por mata baixa e muito espessa que os torna pouco permeáveis. Entretanto existem neles numerosos caminhos mais ou menos utilizáveis, conforme a época do ano. Em Setembro estão em bom estado: o assaltante os poderá seguir. Contudo, estando os bosques ocupados pelo adversário, certamente colocará nos caminhos os núcleos de resistência.

A presença de bosques enquadrando o corredor ao Norte de CHARDOGNE,

apresenta uma grande vantagem para a defesa. As orlas dos mesmos poderão abrigar armas automaticas, que atuando em flanqueamento intervirão facilmente sobre toda a profundidade da zona de ação. Será difícil situar exatamente as posições dessas armas: donde necessidade de uma seria neutralização das orlas dos bosques.

É preciso se falar da pedreira ao N. de CHARDOGNE? É um dos objetivos importantes a se dar quer á infantaria, quer a artilharia.

Como se apresenta o terreno ao Sul da linha mantida pelos azues? Desnudo até as proximidades da floresta de MASSONGE, e numa profundidade variando de 1.500 a 2.000 metros, dominando em parte a linha inimiga. Compreende uma serie de garupas as mais das quaes paralelas a frente. Postando-se sob o ponto de vista do ataque, se fôr preciso se atravessar estas cristas antes de abordar a linha inimiga, tal fato apresenta graves inconvenientes. Ao contrario os fundos entre os diferentes movimentos do terreno constituem zonas ao abrigo das vistas terrestres, e talvez das aereas, e de onde será relativamente facil se desembocar afim de se lançar ao ataque. Só haverá pois vantagens em aí

serem colocadas as tropas de ataque, bem como nas depressões mais aproximadas da linha a transpôr na hora H; salvo no caso de bombardeio com gases, o que nunca se deverá esquecer, é preciso convir.

Sobre este ponto de vista, lembra-se que o coronel do 113.<sup>º</sup> R.I. já decidiu enviar o II e III Btl. até as ravinas de VENISE e de TREMBLOT. Ponto de primeiro destino. Será possível os aproximar ainda mais? Esta questão se examinará mais longe.

Em quaes condições facilita o terreno o apoio do ataque? A artilharia pode encontrar observatorios na região de 249 e 241 e na garupa a um quilometro ao Sul de CHARDOGNE. Quanto as bases de fogos da infantaria, parecem que podem agir não só contra as orlas Sul de CHARDOGNE mas igualmente contra as garupas que prolongam a localidade a N/E e a N/W.

Em resumo, qual é a conclusão que o comandante do 113.<sup>º</sup> R.I. tirará do exame rapido do terreno que efetuou? o inimigo teve a possibilidade de se instalar solidamente; o terreno o permite e será necessário executar o contra ataque com meios importantes.

(Continua)

## Interesses particulares e interesses colégitivos

Há entre nós o exagero de se considerar que as nossas leis são feitas com dois objetivos distintos, um de ordem geral consagrando os bons princípios, e o outro destinado a amparar situações particulares.

Os pessimistas, assim orientados, acrescentam que o primeiro deles constitue o encanto dos que propugnam a codificação de regras normais, enquanto o segundo visa objéttivamente assegurar interesses pessoais em jogo. E dizem, então, que as medidas particulares se generalizam e se sucedem, destruindo, ou pelo menos tornando teoricas, as idéias essenciais erigidas nas leis e regulamentos.

Não concordamos, de um modo geral, com essa apreciação, que, apezar de revelar zelo pelo serviço, não mostra o que, em contraposição, se tem conseguido.

Na verdade, até bem pouco tempo, as caudas orçamentarias ajeitavam alguns interesses particulares e hoje pa-

rece que ainda se observa o estabelecimento, como *medidas transitórias*, do amparo á estabilidade de situações pessoais.

Mas daí não se pode dizer que chegamos ao limite extremo da propria burla oficial das leis e regulamentos.

E, sem dúvida, a melhor defesa da organização e funcionamento dos órgãos do país está na resistencia do governo e de seus delegados á impenitente ronda dos elementos que, por qualquer meio, querem transformar as *disposições transitórias* das leis e regulamentos, que devem regular a transição de um estado de causa para um outro mais adiantado, em providencias garantidoras de privilégios especiais, ás vezes odiosos e sempre prejudiciais á coletividade.

Sem essa disposição, talvez heroica, do poder publico, não se tem o exemplo de moralidade de quem devem dá-lo e o esforço do executante, honrado e de boa fé, se perde, impotente e inutil.

**Secção  
de  
Infantaria**

**A tática e o armamento**  
**Estudo sobre o armamento atual da infantaria**

Pelo Coronel Corbé

Da M. M. F.

Tradução do Major João Pereira

Graças á gentileza de seu autor, que não pôz a menor dúvida em conceder-me permissão para que o fizesse, quando, como e onde se me afigurasse justo, posso hoje divulgar entre nós, traduzida para o português, a conferência que fez em França, em Maio de 1931, para um grupo de oficiais de complemento do 159 R.I.A. (regimento de infantaria alpina) o atual diretor de estudos de nossa E.E.M., senhor coronel Corbé.

Do alto valor desta conferência não me ocuparei, nem é de mister que o faça, porque a sua melhor recomendação está no próprio nome de quem a elaborou e pronunciou.

Major JOÃO PEREIRA.

\*\*

É verdade bem conhecida e frequentemente repetida que o armamento condiciona a tática, e que a infantaria, em particular, é obrigada a adotar métodos de combate que lhe permitam utilizar com o máximo de rendimento o armamento de que dispõe. Mas o que importa não esquecer é que chega, entretanto, um momento em que é o contrário que se produz, e em que é a tática que condiciona o armamento. Esse momento é aquele em que se introduzem neste último modificações ou transformações.

É por motivos táticos, é por que queria diminuir os seus efetivos empenhados em 1.<sup>a</sup> linha, que o exército francês adotou o F. M. em 1915. E é porque se havia adotado o F. M. que a tática da infantaria francesa, a partir do momento em que se pôz em serviço semelhante arma, em 1916, se orientou progressivamente no sentido que a conduziu ao atual Regulamento de Infantaria.

O que é preciso apenas não perder de vista é que se não muda de armamento quotidianamente, que aquele que se escolheu impõe uma tática definida e que, por conseguinte, essa tática deve ser conforme ás necessidades da época, atendendo a que, se nossa tática é condicionada pelo nosso armamento, ela o é também pelo do nosso inimigo eventual, e, ainda,

a que não empregamos nunca a tática que desejamos, mas aquela que nos é imposta.

Se, portanto, quisermos apreciar o armamento moderno em função da tática, é preciso que raciocinemos de maneira lógica, e, por conseguinte, que estudemos:

1.<sup>o</sup> qual deve ser a tática moderna, em face das armas de que dispõe o inimigo;

2.<sup>o</sup> quais são as necessidades dessa tática moderna no que concerne ás armas da infantaria;

3.<sup>o</sup> qual parece ser, na hora atual, o melhor armamento da infantaria.

Este estudo nos fará a frequentes retrocessos, porque a tática moderna dimanou da guerra, posto que, depois, tenha sido codificada, clarificada e recebido a última demão.

**I — O QUE DEVE SER A TÁTICA MODERNA,  
EM PARTICULAR A DA INFANTARIA**

É o emprego, em alta dose, da metralhadora, ou, melhor, da arma automática que, desde os primeiros anos da guerra 1914-1918, subverteu a tática. Isto é fato que ninguém poderia contestar.

Mas não foi senão por volta de 1915, quando o número de metralhadoras em serviço no campo de batalha se tornou importante, e sobretudo depois de 1916, isto é, depois que se puseram em serviço armas automáticas leves (F. M. em França, Mtr. L. no exército alemão) que a tirania da arma automática transformou profundamente a tática.

Vão-se as linhas de atiradores no ataque; vão-se as vagas de assalto de 1915, pois que, na ofensiva, todo elemento denso em largura ou em profundidade que cai sob o fogo de uma única metralhadora, está dizimado; vão-se as trincheiras retilíneas na defesa; não há mais terrenos defendidos por homens acotovelados, mas uma zona batida pelas balas de armas automáticas instaladas em flanqueamento: economia de efetivos, com maior eficácia. E atrás dos obstáculos artificiais — rãdes de arame farpado, etc. — a metralhadora, servida por minímo número de homens, estabelece o problema do ataque.

Desde então, toda a evolução da tática repousa sobre a busca cada vez mais apurada de uma solução para o problema do ataque.

E para que se possa compreender como se apresenta esse problema em 1932 e qual é a solução que se preconisou para ele, isto é, quais são as bases da tática de infantaria em 1932, torna-se indispensável que façamos um histórico sumário de tal busca.

Impedir as armas automáticas inimigas de atirarem enquanto a infantaria progride, e levar essa infantaria, intacta, à distância de assalto dos defensores das armas automáticas inimigas, tal foi, em última análise, e tal ficou sendo a forma sob a qual se apresentou o problema do ataque.

A solução que daí proveiu, durante os anos 1916, 1917, consistiu únicamente em pedir esse resultado á artilharia: excessos de preparação, de tiros de barragem, de enjaulamentos, redundando em pura perda, muitas vezes, em vista de ter a infantaria assaltante a sua progressão retardada de 4 ou 5 minutos, deante de uma metralhadora que não fôra destruída, ou que surgira de um abrigo no último momento.

Em 1918, para a obtenção do mesmo resultado, dois processos se vieram juntar aos tiros normais da artilharia: o emprêgo dos gases e os carros de combate, ambos com vantagens muito grandes sobre os antigos excessos no emprêgo de obuses explosivos.

Durante esse tempo, a infantaria marchava, por pequenas colunas, atrás dos fogos da artilharia ou atrás dos carros, e levava os fogos de seus elementos avançados até ao contacto, ou aos flancos ou mesmo, algumas vezes, à retaguarda das resistências inimigas.

Quanto á razão por que a infantaria francesa foi dotada, em 1916, de um F.M. — arma automática leve, susceptível de ser facilmente conduzida por um só homem, capaz de despejar durante alguns instantes, sobre um inimigo aproximado, um feixe de balas, e apta a deslocar-se com os primeiros elementos do ataque — já nós a assinalamos, de passagem.

Todos esses processos eram perfeitos e de bom rendimento enquanto durou a luta em posições fortificadas, ou, pelo menos, organizadas, com muitos canhões, muitos obuses, grande cópia de munições, explosivos, obuses de gás, conforme as necessidades, etc.. Mas veiu um momento em que a guerra mudou de aspecto. Foi isto quando se preludiou a vitória e o inimigo em retirada impôs tomadas

de contacto repetidas, através de um país destruído, sem vias de comunicação.

As condições táticas mudaram; era, pois, indispensável que a elas nos adaptássemos: poucos canhões, dificuldades no transporte das munições, dificuldades na condução dos carros; em suma, uma infantaria privada da maior parte dos apóios com que sempre contara, havia três anos, e que lhe faltava no momento justamente em que, mais que nunca, importava avançar, a despeito do inimigo.

Seria pueril imaginar-se, que, embora treinada para a guerra e para o emprêgo de seu armamento nas condições anteriores da batalha, a infantaria francesa tenha podido, de um dia para outro, encontrar a melhor solução para o novo problema que se lhe propunha: «neutralizar as armas inimigas com os seus próprios meios».

Ela esforçou-se para o conseguir, com maior ou menor êxito, nos combates locais que travou. Mas, quando souou a hora do fim das hostilidades, embora o problema se houvesse apresentado aos chefes de infantaria em toda a sua acuidade, era fora de dúvida que no transcurso dos dois meses em que êles foram obrigados a fazer face a tal problema, nenhuma solução definitiva lhes havia ocorrido.

Ora, esse problema do fim da guerra é que seria o do começo de nova guerra, por quanto não é nem numa guerra de movimento, nem num começo de guerra, quando se não pôde ainda intensificar a fabricação de munições, que se disporá da quantidade de canhões e de projéteis suficiente para que se possa pedir á artilharia que aniquile, ela sózinha, as armas automáticas do inimigo. A própria infantaria é que se há de empregar nessa tarefa, se não quiser ficar paralizada.

E chegamos assim ao problema do ataque em 1932, que se pode apresentar como se segue: «neutralizar, durante o ataque e até á abordagem, as armas automáticas do inimigo, com os próprios meios da infantaria» — e que condiciona a tática da infantaria em 1932.

O judicioso emprêgo das armas automáticas, a organização de plano de fogos adaptados ao terreno, constituem a base da tática defensiva. Isto, ninguém mais, hoje em dia, põe em dúvida; e é até porque a tática defensiva está assim bem definida, e, digamo-lo, eficazmente definida, que o único ponto interessante é a tática ofensiva, isto é, o problema do ataque.

Como havemos de encarar a sua solução em 1932?

Esta solução comporta a busca de três resultados:

- 1.º neutralizar as armas automáticas inimigas;
- 2.º progredir até à distância de assalto às resistências inimigas;
- 3.º expulsar o inimigo das posições que ocupa, e instalar-se nessas posições.

Elá concretiza - se pela distinção feita, no último Regulamento de Infantaria de 1928, entre a *base de fogos*, incumbida da neutralização das armas inimigas, e o *escalão de fogo*, progredindo sob a proteção da base de fogos, participando, com os seus próprios meios, da neutralização do inimigo, e conduzindo o combate até ao seu desfecho, isto é, até ao terreno defendido pelo inimigo.

Tal é a base da tática da infantaria em 1932. E o estudo que acabamos de fazer, mostra-nos que ela constitue o resultado lógico da experiência adquirida em 1918, e das reflexões que foram feitas ulteriormente pelos chefes de infantaria na procura da solução do problema do ataque.

Dirão, bem sei, que essa concepção de 1928 não teve a consagração da guerra, muito embora em Marrocos a tática atual, já em germe em 1925 e adotada na prática antes de ser codificada, tenha satisfeito plenamente. Mas

não esqueçamos que ela é fruto da experiência, ou, pelo menos, dos estudos e das reflexões dos que tiveram a experiência, e nada melhor o mostra do que um artigo, publicado em *La Revue d'Infanterie*, de um excelente infante, o general Barbeyrac de St.-Maurice, no qual este oficial, que comandou com brilho um regimento durante a guerra, narra a maneira como, nessa época, empregou as metralhadoras de que dispunha, e, fazendo a auto-crítica, expõe em seguida como as empregaria alguns anos depois, quando já havia adquirido, pela reflexão, a noção precisa do emprego tático dessas armas. No decorrer da guerra, nem sempre, com efeito, tivemos tempo para refletir, e, se é certo que adquirimos a experiência, não o é menos que não houve tempo para que tirássemos proveito dela.

Não sejamos, portanto, céticos, e aceitemos as conclusões da lógica baseada na experiência. É este o meio mais certo para que não erremos.

E o que nos pode fazer pensar que estamos no bom caminho a esse respeito, é a tendência que tem o exército alemão, que dispõe igualmente de experiência e dela procura tirar proveito lógico, para orientar cada vez mais pela nossa, a sua própria tática de infantaria.

Com serem, pois, estas as bases da tática da infantaria em 1932, passemos ao segundo ponto do nosso estudo.

(Continúa).

## Biblioteca de A DEFESA NACIONAL

Obras editadas pela Biblioteca de *A Defesa Nacional* e á venda na Redação desta revista:

- Notas sobre o comando do batalhão no terreno (tradução) — Comandant Audet.
- O Tiro de Artilharia de Costa — Cap. Ari Silveira.
- Notas sobre o emprego da Artilharia — Maj. José Verissimo.
- Aspéto Geográficos Sul-Americanos — Maj. Mario Travassos.
- Os pombos correios e a defesa nacional — Dr. Roberto Freitas.
- Indicador alfabetico — Sgt. Adj. Odon Braga.
- Manual Colombofilo Brasileiro — Dr. Roberto Freitas.

**Secção  
de  
Infantaria**

# Ficha de organização e execução da limpeza do armamento nas Cias. de fuzileiros ou de metralhadoras

Pelo 1.º Ten. Iremar Pinto

**Fim:** — Conservação e limpeza do armamento, isto é, combate á ação dos agentes exteriores (ar atmosferico, humidade, poeira, etc.), que produzem desgastos no material e, consequentemente, diminuição de sua eficacia.

**MEIOS:**

I — Documentos — regulamentos relativos ao armamento, em uso no Exercito.

- II — Pessoal: 1.º Divisão do pessoal a efectuar a limpeza, em pequenas oficinas, cada uma das quais, deve, de preferencia, ser chefiada por um sargento.
- 2.º Pessoal distribuidor do armamento e material de limpeza: 3.º Sgt. furriel, cabo furriel e do M. B. (ou cabo armeiro nas Cias. Mtrs.).

III — A) *Material a limpar (armamento):*

- 1) Metralhadora leve ou pesada
- 2) Fuzil metralhador
- 3) Fuzil ordinario com sabre
- 4) Mosquetão com sabre
- 5) Pistola ou revolver.

- B) *Material de limpeza:* A distribuir de acordo com a tabela abaixo, na qual se procura satisfazer, com economia, as exigencias regulamentares.

**TABELA DE DISTRIBUIÇÃO**

Oleo: — 2 cm<sup>3</sup>. por homem; 10 cm<sup>3</sup>. por peça de metralhadora ou F. M..

Antioxido: — 1 cm<sup>3</sup>. por homem.

Querozene ou gazolina (para limpeza das laminas carregadoras) — Aproximadamente uma garrafa para 200 laminas.

Tijolo em pó (somente para limpeza da chapa da soleira e placa de inscrição), 3 cm<sup>3</sup>. que correspondem, mais ou menos a 1 cm<sup>3</sup>. de tijolo em estado natural.

Limpa metal: — 1 cm<sup>3</sup>. por homem, 5 cm<sup>3</sup>. por peça de metralhadora pesada.

Estopa: — 15 grms. por homem, 30 grms. por peça leve ou F. M. e 40 grms. por peça pesada.

Cordel: — 1 por seis homens.

## MÉTODO DE PREPARAÇÃO E EXECUÇÃO DA LIMPEZA

**Preparação:**

- 1.º Preparação prévia, a cargo do 3.º sgt. furriel e do cabo furriel, do material de limpeza a distribuir.
  - a) Embrulhos de estopa de 30, 15 e 40 grms. em numero correspondente ao armamento a limpar.
  - b) Vazilhame: latas vasias, quaisquer. Por ex.: latas e tampas das latas de graxa para distribuição do olio, antioxido, caól, etc.; medidas do sistema métrico decimal ou de emergencia equivalentes áquelas (tampas de lata de caól, colheres de sopa, etc.), para distribuição de tijolo em pó. O vazilhame é distribuido por pequena oficina.

**Observações:**

Inicialmente manda-se confeccionar uma ou duas medidas de 1 cm<sup>3</sup>. (duas em virtude da medida para olio não servir para os outros materiais), com as quais serão aferidas as medidas de emergência a utilizar.

**EXECUÇÃO:**

- 1.º a) A Cia. entra em forma dividida em pequenas oficinas, de preferencia frações constituidas, (G. C., esquadra, peça ou secção de mtrs.).
  - b) Na arrecadação do armamento ficam: o 3.º sgt. furriel e cabo furriel com o material de limpeza a distribuir e o vazilhame, o cabo material bellico (armeiro), prontos para a respectiva distribuição.

2.o) a) O Chefe da 1.<sup>a</sup> pequena oficina faz avançar a mesma sob o comando de seu substituto, em coluna por um, passando pela porta da arrecadação, onde cada homem recebe seu armamento das mãos do cabo M. B. (que poderá ser auxiliado pelo soldado auxiliar) indo a pequena oficina colocar-se no local previamente designado pelo seu chefe e onde será efetuada a limpeza.

Executa-se da mesma forma para as demais oficinas.

- b) Ao mesmo tempo o chefe da pequena oficina entra na arrecadação de armamento, onde declara o número de homens em forma na sua escola entregando as faltas ao instrutor; recebe do cabo furriel o material de limpeza necessário à sua turma (conforme a dotação). Tantos embrulhos de estopa quantas as armas que têm que limpar e nas latas o restante do material de acordo com o efetivo do armamento de sua pequena oficina.
- c) Cada pequena oficina efetua a limpeza de seu armamento no local determinado, o qual deverá ser escolhido, atendendo, entre outras circunstâncias, às ordens dadas e condições atmosféricas.
- d) Finda a limpeza, o instrutor inspeciona o armamento, indo as turmas recolher o armamento à arrecadação em coluna por um, fazendo a entrega do mesmo ao cabo M. B.; o chefe da pequena oficina recolhe então o vasilhame vazio, cordeis e eventualmente a economia de material que tenha podido fazer.

#### PROCESSO DE ORGANIZAÇÃO DA INSTRUÇÃO

O instrutor consigna no seu quadro de trabalho:

- 1.o) Limpeza do armamento individual (dois terços do tempo total).

a) Hora de entrada em forma, tempo de apuração das faltas, de distri-

buição do armamento e do material de limpeza.

Tempo aproximado — 20 minutos por 100 homens.

- b) Tempo de limpeza do armamento individual: — de 40 minutos a 1 hora.
- c) Inspeção do armamento limpo e respectivo recolhimento á arrecadação: — tempo aproximado 25 a 30 minutos por 100 homens.

- 2.o) Limpeza das armas automaticas (1 terço do tempo total).

Método de distribuição do armamento e material análogo ao já citado.

- a) Distribuição do armamento e da material.  
— 4 a 5 minutos por F. M. H. ou peça de mtr.
- b) Limpeza do armamento automático.  
— 30 a 40 minutos.
- c) Inspeção do armamento automático.  
— 3 a 4 minutos por F. M. H. ou peça de mtr.
- d) Recolhimento do armamento e vasilhame.  
— 2 minutos por peça de Mtr. ou por F. M. H.

#### NOTAS:

- 1.a) Não se acha calculada nesta ficha a quantidade de material para a limpeza da pistola ou revolver.
- 2.a) Ao fazer o pedido de material de limpeza é necessário acrescer ao total de cada espécie de material 10 % para perdas eventuais.
- 3.a) Fica ao critério do Cmt. da Cia. a organização da limpeza do armamento distribuído ao pessoal baixado e em outros destinos (bem como o das peças de reserva), que tanto pode ser feita pela pequena oficina organizada de que faz parte a praça ou armamento (G. C., Sec. de Mtrs., etc.), como pelo pessoal extranumerário da Cia.

**Secção  
de  
Infantaria**

**A infantaria**  
A proposito da conferencia do Snr. Cap. Fragata Av. Naval  
**A. Trompowsky, sobre Emprego da Aviação na Guerra Naval**

Pelo 1º Ten. Geraldo de Menezes Cortes

A conferencia publicada no *Boletim do CLUB NAVAL* reza, no paragrafo 2, o seguinte:

«Antes de entrar na analise das limitações que lhe são arguidas, sinto necessidade de definir o que é a Aviação».

«Antigamente a guerra era executada só e dirétamente pelo Exército e pela Marinha, aquèle tratando de ocupar o território inimigo e esta cortando as suas linhas marítimas de comunicações e de abastecimentos. Daí podemos deduzir que o objetivo da guerra era (e ainda é) alcançar e contrastar as fontes de energias morais e materiais do inimigo».

«A aviação apresenta-se como um elemento de grande valor para alcançar e contrastar aquelas fontes de energia».

«Agora uma pergunta. Quais as armas mais poderosas? Sem dúvida concordarão em que são a artilharia e o gaz. Que surpresa nos estará reservada em matéria de gазes, numa guerra?»

«De que serve uma possante infantaria, si a artilharia não prepara o seu assalto?»

«A marinha tem por fundamento o canhão; o navio de guerra não é mais que uma plataforma de tiro flutuante e móvel».

«A artilharia em terra exerce a neutralização do adversário ou seja a sua completa ou suficiente destruição; a infantaria ocupa o terreno batido. O gaz é lançado durante a preparação da artilharia, ou depois dela, precedendo o assalto, com o objetivo de completar a ação destruidora do canhão e dificultar a resistência dos elementos inimigos que não tiverem sido aniquilados».

«A infantaria torna efetiva a ocupação ou o domínio; ela dá o passo material para a ocupação do território inimigo».

«Por assim dizer quem combate é a artilharia, a infantaria ocupa o espaço batido proporcionando consequentemente um avanço da artilharia em direção ao território inimigo».

«No mar o GOO-HOPE, SCHARNHORST, GNEISENAU, QUEEN MARY, ENDEFATIGABLE, INVENCIBLE e BLUCHER foram postos a pique com o poder do canhão. O canhão representa, pois, a destruição do adversário; é ele quem abre o caminho da vitória. Ninguém tem dúvidas a respeito.....»

«*Quais as armas mais poderosas?*»

Antes de responder a esta pergunta, é preciso que analizemos, embora sinteticamente, cada arma quanto aos meios de ação, às missões, enfim ao papel de cada uma no teatro da guerra, lutando pela vitória do Exército. Assim vejamos:

«A Artilharia é por excelência a arma de fogo; este é seu único meio de ação».

«A missão essencial da Artilharia no combate é dar o apoio de seus projéteis à Infantaria; prepara os ataques, protege-os e acompanha-os; ajuda a Infantaria a repelir os ataques inimigos». (Regulamento das Grandes Unidades).

O alcance de seus canhões torna-a apta para o combate longínquo, porém, pouco poderosa na luta aproximada. Sua proteção imediata é assegurada pela Infantaria, e, no caso de abordagem, pelos próprios serventes munidos de mosquetão, granadas e metralhadoras.

Concorre para a vitória, com o seu apoio moral e material, a Infantaria.

«A Cavalaria informa, cobre, combate em ligação com as outras armas».

«Procura o inimigo, determina a situação de seus elementos avançados e pesquiza para o Comando as informações pedidas. Geralmente a informação só será obtida pelo combate».

«Quando a Cavalaria combate para obter a informação, para assegurar a cobertura ou para agir em ligação com as outras armas, o combate a pé pelo fogo é seu modo de ação normal; o combate a cavalo á arma branca só é possível para as pequenas unidades e em circunstâncias especiais». (R. G. U.).

De maior mobilidade que a Infantaria é, porém, dotada de menor potencia de fogo, que aliás, lhe permite combater como Infantaria, sem capacidade de manter o terreno conquistado, por muito tempo.

«A Engenharia tem por missão, essencialmente, crear, melhorar e restabelecer as comunicações. É encarregada ainda dos trabalhos de instalação de qualquer natureza». (R. G. U.).

Normalmente, não participa do combate propriamente dito.

«Quando, porém, uma unidade de Engenharia está misturada no meio da tropa atacada, passa automaticamente ás ordens do Comandante da Infantaria interessada e combate nas mesmas condições que esta». (R. G. U.).

«A Aviação observa, bombardeia e combate nos ares. Age pela mobilidade e pelo fogo». (R. G. U.).

«A Infantaria é encarregada da missão principal no combate».

«Precedida, protegida, e acompanhada pelos fogos de artilharia, auxiliada eventualmente pelos carros de combate e aviação, conquista, ocupa, organiza e conserva o terreno».

«Sua tarefa no campo de batalha é particularmente rude, mas a mais gloriosa».

«No combate, a ela todas as atenções são dispensadas; todos os esforços do comando, antes do ataque, devem visar o seu conforto, evitar-lhe as fadigas inuteis, manter ou exaltar seu moral».

«A Infantaria é provida dum armamento e dum material que lhe permitem fazer face ás necessidades do campo de batalha».

«Dispõe de armas automaticas e de engenhos de acompanhamento que lhe asseguram enorme potencia de fogo; é armada de fuzis, de granadas e de baionetas para combater a curtas distâncias, utensilios para se aferrar ao sólo; é munida de mascaras para se proteger contra os gases; possúe meios de transmissão para assegurar no combate o exercicio do comando».

«A Infantaria age pelo fogo e pelo movimento».

«O fogo destróe a tropa inimiga ou força-a a enterrar-se».

«O movimento leva cada vez mais perto do inimigo um fogo possante que quebra sua resistencia». (R. G. U.).

«É a unica arma capaz de combater pelo movimento e pelo fogo, apta a lutar em todos os terrenos e com qualquer tempo, de noite ou de dia. A Infantaria é a arma fundamental, em cujo proveito as outras são empregadas; nenhuma destas pôde substitui-la na execução integral de sua missão, a saber:

- a) *Conquistar o terreno* com o auxilio das outras armas, eventualmente com seus proprios meios;
- b) *destruir ou capturar o inimigo* que ocupa esse terreno, ou, pelo menos, daí expulsá-lo, e depois persegui-lo e desorganizá-lo;
- c) *conservar o terreno* de que se apossou e nele instalar-se definitivamente, apezar dos retornos ofensivos». (R. E. C. I. 2.<sup>a</sup> parte, n.<sup>o</sup> 8).

Estabelecidas essas premissas, respondamos á pergunta do conferencista, *data venia*, em divergência com êste.

A arma mais poderosa não é, como supõe o ilustre conferencista, a que mais estrago material faz, nem a que mais dano moral causa ao inimigo, e sim a arma capaz de por si só vencer. E para isto, o que se torna mister?

— Que se vá ao encontro do inimigo, atingi-lo para atacar, desorganizá-lo, fazê-lo recuar e ocupar o terreno conquistado.

Hoje como ontem o sinal material e tangível da vitória consiste na posse do terreno.

Na guerra, um minuto perdido é tempo ganho para o inimigo; o terreno não dominado pelas nossas posições, e não ocupado, é presente gratuito oferecido ao inimigo. Quem o diz são os chefes que viveram as horas amargas da guerra e quem o sente no presente momento é quem de leve o sentiu em três meses de luta interna.

Quem contesta que pôde haver vitória sem ocupação do território conquistado?

Quem julga um bombardeio, por mais eficaz que seja, capaz de uma vitória? O seu efeito material nunca poderá aniquilar o inimigo completamente; é sabido (é a dura realidade da guerra que o tem ensinado) que o seu efeito mais considerável é o moral. Encarando-o sob esse aspecto é preciso também notar que a sua eficácia não é plena, pois, os caracteres humanos divergem, há os homens que se atemorizam, mas há, também, os que impelidos pelo sentimento do dever e fortificados por uma vontade firme, não se acovardam e continuam prontos a impedir a tomada da posição.

Que importa, pois, um bombardeio aereo ou terrestre, embora alguns homens morram, algumas armas se inutilizem e o moral da tropa adversa sofra um abalo notável ou um enfraquecimento considerável, si não houver infantes que ataquem, de baionetas armadas, aptos a enfrentarem os indivíduos de tempera, os que não se acovardam com os estilhaços das bombas e obuzes, os que estão prontos de metralhadora em punho, a defender, custe o que custar, o terreno ocupado, a cumprir fielmente a sua missão?

Nada. É a munição custosa gasta sem proveito, porque mesmo quando êsses bombardeios não precedem imediatamente os ataques, isto é, quando visam interdição e inquietação, estão visando uma operação cujo coroamento será sempre, o ataque no dia D.

Sinão existir Infantaria, qual o valor pratico do poderio material de semelhantes armas?

«A Infantaria é a unica capaz de assegurar e de manter a posse do terreno. A sorte das batalhas depende inteiramente de seu valor e de seu emprego judicioso, tanto que Thiers, um dos maiores historiadores militares, chegou á seguinte conclusão : A INFANTARIA É A EXPRESSÃO DO DESENVOLVIMENTO DOS POVOS ».

«A logica exige por isso, que as outras armas se desenvolvam para lhe facilitar a tarefa. Cavalaria, Artilharia, Engenharia, etc., devem ser os pagens dedicados e fieis de Sua Majestade a Infantaria, rainha das batalhas». (Comment nous ferons la guerre — Cel. Royet, pág. 30).

Agora dou a palavra ao Cel. Abadie, do Exército Francês, para que, com a autoridade incontestável conquistada no campo da luta, e com o prestigio dos que falam da realidade vivida e sentida, patrocine a minha resposta, divergente da do ilustrado conferencista, a quem pareceu menos relevante do que é, em verdade, a missão da Infantaria:

«A vitória final é obra da Infantaria».

«Qualquer que seja a sorte que possa trazer á luta o emprego dos petrechos existentes, ou a advir, o ganho ou a perda de uma batalha terá sempre esta sanção infalivel : a Infantaria avança ou a Infantaria recua ».

«A Infantaria é, portanto, verdadeiramente, a *rainha das batalhas*; as demais armas não têm razão de existir sinão na medida da necessidade do auxilio á Infantaria no cumprimento de sua missão».

«O desenvolvimento dos meios materiais ao serviço da Infantaria, facilitando o desempenho de sua tarefa, diminuindo suas perdas e rompendo obstáculos que a detêm, contribui pôderosamente para manter intatas as qualidades morais, que permitirão ao infante abordar o adversário e abatê-lo na propria vontade».

«O enorme crescimento dos meios mecanicos não deve, entretanto, conduzir ao enfraquecimento da potencia propria da Infantaria».

«Ora, é a Infantaria que, em definitivo, ganha as batalhas; é preciso portanto, receiar enfraquece-la».

«Desconhecer semelhante verdade fundamental será contribuir para os piores desastres. Com a Infantaria diminuida, com os seus quadros mediocres e reduzidos, e assim incapaz de cumprir a sua missão, os mais possantes materiais só poderão ter a sorte de fornecer magnifico troféu á Infantaria adversa».

Dou agora a palavra ao Ten. Cel. Delmas, tambem do Exército Francês, que, escrevendo(\*) sobre o valor da Infantaria em 1914 e a do momento atual e comparando-as (nas duas épocas) para aquilatar de sua capacidade, julga necessário que «antes de mais nada, para raciocinar com base, é necessário afirmar que a era da Infantaria não findou, e que ela permanecerá a rainha dolorosa das proximas batalhas».

«Muitos duvidam disso. Acreditam que a guerra futura se desenrolará no ar, ou, ainda, que a Aviação será a arma decisiva, e argumentam: Por que manter um Exército terrestre tão forte?»

«Por que construir organizações tão inuteis quanto custosas?»

«Esta opinião, espiritos eminentes perfilham».

«Há algum tempo, um homem de certa posição, aviador da guerra dis-

tinto, apaixonado por sua arte, confiava-me sua desilusão: «não é desolador? Tive ontem uma conversa com um importante chefe militar, espirito eminente e muito moderno, e afirmou-me que acreditava ainda na guerra terrestre. Que pensa sobre isto?»

«Da melhor maneira possivel, tentei que meu interlocutor comprehendesse que exagerava um pouco e que o ilustre chefe não estava inteiramente errado».

«Eis a razão»:

«Que um dia a Aviação venha a dominar a guerra, admito, é possivel».

«Mas, uma tal supremacia exige um material extraordinario, um pessoal fanatizado, uma doutrina e metodos de ação experimentados. A Aviação possue atualmente todos êsses meios indispensaveis? Pôde-se afirmar que não. Quando os terá? Ninguem o sabe».

«O que se sabe com certesa, é que, de um modo geral, as aviações europeas, são no estado atual, inferiores em potencia ao que eram no fim da guerra e que não há na Europa, presentemente, uma nação capaz de dominar seus vizinhos e de reduzi-los á inação, unicamente com suas forças aereas. Não esqueçamos, além disso, que, á medida que as aviações se aperfeiçoam, os meios de defesa se desenvolvem. Amanhã poder-se-á lançar, multiplicar, combinar barragens de balas a 4.000 ms. de altura e barragens de obuzes a 8.000 ms., obscurecer o céu com opacas nuvens artificiais. Que efeitos massicos obterão os aviões de bombardeio cégos por nuvens de fumo, navegando e operando acima desses muros de fogo? Que riscos não correrão si se expuserem aos golpes!»

«Vamos, irmãos infantes, não nos enganemos com falsas esperanças. Rudes provas, esperam-nos no futuro conflito: uma vez ainda, seremos os obreiros da primeira e sem duvida da ultima hora; suportaremos o peso dos combates».

«Preparemo-nos para vencer o terivel jogo menos caro de que da ultima vez».

(\*) «LA REVUE D'INFANTERIE» — 82º volume — Abril 1933.

«Para vencer-se o melhor é ser culto: é a condição do progresso».

«Que valemos?»

«A Infantaria é um organismo vivo. Para bem julgá-la é necessário assim considerá-la e apreciar, um a um os elementos principais que a constituem. Seus órgãos essenciais, como o de todo sistema animado, são: o espirito que é a doutrina do combate a alma de guerra ou o moral; o corpo de batalha que é a tropa; os centros motores que são os quadros; os instrumentos de trabalho, isto é, as armas».

Definindo a Infantaria inicia o Regulamento Francês com o seguinte periodo: «Missão ardua e gloriosa a sua». E o Cel. Abadie assim justifica um periodo tão curto, mas de tanta significação:

«Sim, gloriosa, sem contestação, porque a vitória final é obra do infante, porém missão ardua, entre todas, porque exige dos homens e dos chefes uma soma de energia sem igual e as virtudes morais as mais fortemente comprovadas».

Com efeito, si bem que o homem exerce papel essencial em qualquer arma, visto que cada soldado no posto onde fôr colocado sofre a terrível emoção do combate, primordial é o seu papel quando ele é infante.

O cavalariano, si bem que tome contactó, muitas vezes com o inimigo, sua ação é rapida e a vertigem da carreira o impele para o cumprimento do dever; normalmente ele descobre o inimigo e retrocede (o que combate a pé ficará nas mesmas condições do infante).

O engenheiro geralmente não combate, assegura os meios de comunicação constrói abrigos, etc.; e quando combate, está sujeito ás mesmas provas que o infante.

«O artilheiro, atento ao serviço da peça, executa reflexamente movimentos quasi automaticos; seus nervos estarão tensos, porque esperam a todo momento a granda inimiga, cuja ameaça está constantemente suspensa sobre ele; quasi nada vê do combate e não é tomado pela excitação da luta;

permanece mais reunido, mais vigiado e mais estreitamente enquadrado que o infante; seu moral não sofre as formidaveis emoções experimentadas pelo camarada de infantaria». (Cel. Abadie).

«O aviador, em particular o de caça, que na ação só conhece duas alternativas — vitória ou morte — vive horas de intensissimas emoções; mas, seu moral é mantido pela confiança na propria força e na propria habilidade».

«A viagem da glória que o espera na volta, fá-lo enfrentar os perigos com prazer, pois, não demora o seu regresso para que goze repouso e conforto relativo, (até que novamente seja chamado ao cumprimento de outra missão)».

«O infante permanece continuamente na peleja, desde o instante que penetra na zona de fogos da Artilharia adversa. Sua emoção cresce constantemente, á medida que se avizinha do inimigo; torna-se alvo permanente de todos os engenhos do inimigo, granadas, balas e obuzes. Mal alimentado, mal dormido, pejado do equipamento, precisa entretanto progredir, porque *vencer é avançar*».

«A que terríveis provas o moral do infante é submetido? Que tempera, que abnegação, que espirito de sacrifício não lhe são necessarios para poder preencher sua formidavel missão?»

«Que valor carece ter o chefe subalterno de Infantaria para manter seus soldados em condições de TROPA, dando-lhes exemplos continuos, para permanecer sem desfalecimentos como chefe que comanda e que é obedecido?» (Cel. Abadie).

O infante é lançado contra homens que procuram aniquilá-lo. É preciso, portanto, dominar seu instinto de conservação, para progredir, para, atirando-se contra o inimigo, conseguir desalojá-lo.

O homem afasta-se do perigo instintivamente, no entanto, o soldado é obrigado a caminhar sobranceiramente para a morte. Eis, consequentemente, a gran-

de dificuldade com que o homem luta no combate, mórmente o infante, do qual se pedem os maiores sacrifícios.

«Infante, és o único que transportas tua bagagem, exposto ao sol, á chuva, ao frio... Com os pés martirizados pelas longas caminhadas, coberto de lama, em chagas, as mãos esfoladas, palido e exausto das refre-gas, voltas das batalhas com a fisionomia serena dos abnegados».

«E, ninguem te inveja. Muitos te lamentam. Outros... riem de ti».

«Mas o Infante não se troca por ninguem; ninguem tem mais razão para estar orgulhoso de sua arma, porque Ele é o unico que vê o perigo com os proprios olhos e, por isso mesmo, o unico a sentir, de perto, o efeito de sua ação, o unico a experimentar verdadeiramente o prazer das vitórias».

«A 100 metros, Ele abate um oficial inimigo com um tiro de fuzil, surpreende o inimigo de flanco com as suas metralhadoras e vê, estampado nas faces dos adversarios, o pavôr de suas investidas sempre decisivas».

«A 40 metros Ele lança a sua granada contra o grupo de estrangeiros que odiava e assalta a posição do inimigo, que é abatido pelo seu ardor e pela sua coragem».

«Depois Ele prosegue sem temor. Quando um retraimento adversario se transforma em retirada, então Ele atira, depois se precipita para a fren-

te, com o prazer quasi selvagem do vencedor».

«E, entretem seus olhos na desordem que levou ás baterias, ás colunas, aos campos, aos acantonamentos do adversario...».

«Infante, ó glorioso e intemerato Infante, aí está o que só tu podes sentir! As outras armas aí estão sómente para te facilitar êste papel, pois só de ti depende a vitória».

«É por isso que te orgulhas de tua arma».

«Aquele que é verdadeiramente um homem, aquele que tem uma missão a cumprir contra o inimigo, aquele que quizer vêr para que serve a arma que conduz, que se faça Infante». (Manual «Der Infanterist», traduzido pelo Cap. João Saraiva).

Não há nem poderia haver, de minha parte, a intenção de considerar mais ou menos nobre a missão de cada arma, porque todas lutam pelo mesmo idéal, a vitória da PATRIA, cada uma desempenhando o papel que a experiência das guerras lhes tem traçado. Mas, «quod Caesaris, Caesaris, quod Dei, Deo», é preciso que reconheçamos o que a realidade nos ensina inequivocamente: — a unica arma capaz de combater isoladamente, embora com maiores sacrifícios, é a Infantaria, e, portanto, a ela cabe, a justo titulo a proclamação de «arma mais poderosa».

Rio de Janeiro, 31 de Março de 1934.

## Biblioteca de A DEFESA NACIONAL

Acaba de sair e se acha á venda na Redação desta revista:

**Manual Colombofilo Brasileiro**, pelo Dr. ROBERTO FREITAS, vice-presidente da Confederação Colombofila Brasileira.

Preço . . . . 8\$000 (mais \$800 pelo correio)

A sair:

**Regulamento de Continencias** (2<sup>a</sup> edição)

**Nomenclatura do Fuzil Mauser** (2<sup>a</sup> edição)

## Secção de Infantaria

A Infantaria — rainha das armas no campo de batalha — somente pôde precisar melhor o seu valor e poder, após a grande guerra Européa (1914-1918), com o aumento sucesivo de armas de fogo e a redução de sua menor unidade de manobra.

No decurso dessa grande luta, o fogo como um dos principais elementos de ação da Infantaria, tornou-se extraordinariamente preponderante, não só, devido à evolução do armamento que foi orientado de preferência para as armas automáticas (F. M. e Mtrs.) com o aumento de potência por elas adquirido, como pela sua dotação à tropa em grande escala. Surgiu por conseguinte a necessidade em adquirir-se uma arma ou engenho que com características de grande precisão até as maiores distâncias de combate, com regulação muito rápida e boa velocidade de tiro, servisse para destruir as metralhadoras inimigas.

Ao finalizar a contenda, em que a Infantaria conseguira a supremacia do fogo, surgiram dois engenhos importantes: o canhão 37 e o morteiro.

O canhão 37 teve a sua razão de ser, em vista da necessidade de contrabater as metralhadoras visíveis, principalmente as pesadas, portadoras de grande rendimento de tiro e muito utilizadas pelos alemães e franceses. Mais tarde, verificou-se, que muito embora o canhão 37 pudesse destruir ou neutralizar ninhos de metralhadoras, não poderia atingir o inimigo enterrado, em vista do seu tiro de trajetória razante. Tornou-se então, indispensável *pesquisar*, um outro engenho de acompanhamento, cujo tiro fosse curvo, com maior alcance que a granada de fuzil e com uma velocidade suficiente, que pudesse atuar contra o inimigo enterrado.

## Para que Morteiro?

(Assunto ventilado na Escola de Infantaria em 1933).

Daí o aparecimento dos morteiros da Infantaria, dos quais, o mais empregado foi o chamado «Stokes».

Este morteiro permitiu a solução do problema, por poder facilmente acompanhar a Infantaria e realizar o tiro curvo desde as distâncias de 300 a 2.000 ms.

Modernamente, os franceses inventaram outro tipo de morteiro, denominado Brandt, nome do seu fabricante.

Este engenho poderosíssimo atira com um projétil de eficácia comparável ao da artilharia leve de campanha, sua leveza permite ser conduzido por 2 ou 3 homens acompanhando a Infantaria em qualquer terreno, tem uma grande precisão e seu emprego é muito eficaz, tanto na ofensiva como na defensiva.

Na ofensiva permite atirar por cima das tropas amigas, realizar o tiro mascarado e atuar contra resistências que as armas automáticas não puderem atingir, como disse acima, devido à trajetória dos seus tiros ser razante.

Na defensiva permite realizar com a Artilharia, tiros de deter à frente da Infantaria, desde que se disponha de grande quantidade de munição.

Apezar de todas essas vantagens apontadas, que justificam a sua razão de ser, os morteiros apresentam um grande inconveniente, é o seu remuniciamento, que devido ao peso de sua munição torna-se difícil, obrigando-o a ser somente utilizado contra objetivos bem definidos.

Logo que se consiga demorar esse inconveniente, a Infantaria poderá manter sempre e em boas condições, uma reserva de fogo nas mãos do Cmt. de Batalhão, afim de que o mesmo possa concentrá-la sobre os objetivos inopinados do campo de batalha.

*Roberval Osorio.*  
Capitão.

Biblioteca de A DEFESA NACIONAL

## Regulamento de Educação Física

(1<sup>a</sup> e 3<sup>a</sup> Partes)

Publicação provisória autorizada pelo E. M. E. e em quatro fascículos (dois para cada parte)

O 1º fascículo já se acha à venda (3\$000) e os demais estão no prelo.

## Secção de Aviação

# Notas sobre unidades aereas divisionarias

Pelo Cap. Nilo Sucupira

### I — OS MEIOS E SUA COMPOSIÇÃO

1.º — As unidades aereas divisionarias:

As Divisões (D. I. e D. C.) e mesmo os destacamentos de qualquer natureza, délas derivados, não dispõem organicamente de unidades aereas.

Cabe ao comandante do exercito atribuir ás divisões ou destacamentos em 1.<sup>a</sup> linha unidades de aviação, de aerostação de observação e, eventualmente, unidades de artilharia antiaerea, conforme os meios de que dispuser no momento, tendo em vista as necessidades relativas á busca de informações e as possibilidades de emprego de cada um desses elementos.

A dotação normal em aviação de uma divisão de infantaria, empenhada em uma batalha, é de uma *esquadrilha média tipo divisionaria*. As divisões de cavalaria deverão igualmente receber uma unidade de aviação deste tipo que, conforme a sua situação em relação ao grosso do exercito, poderá ser até de um grupo, isto é, de duas esquadrilhas.

É preciso porém ter sempre em vista que essa particularidade da divisão de cavalaria só se justifica, quando lhe cabe preparar a entrada em ação do grosso de um exercito ou quando lhe cumpre satisfazer certos pedidos de informações do escalão superior que, por se achar muito recuado em relação á zona ou zonas de emprego provável, não poderá acioná-los convenientemente e no interesse geral das operações.

Quando o comando julga necessário afetar estes meios á uma divisão, compete-lhe organizar simultaneamente o comando e o estado maior das unidades aereas divisionarias que passarão a fazer parte integrante do quartel general dessa G. U.

Si, no entanto, a divisão dispuser de mais de uma esquadrilha, serão estas postas sob o comando de um comandante de grupo, subordinado ao comandante das unidades aereas.

Uma vez atribuidos estes órgãos de comando de unidades aereas á uma divisão, será de toda a conveniencia con-

siderá-los como efetivamente a ela incorporados, salvo si a isto se opuserem as disponibilidades existentes; — convém, portanto, sempre que se tiver de organizar-los, que os elementos que devem constitui-los sejam provenientes da reserva geral.

O comandante das unidades aéreas exerce na divisão:

- o comando das unidades de aviação, de aerostação e de artilharia antiaérea atribuidas á divisão;
- a coordenação no emprego da aviação, da aerostação e da artilharia antiaérea entre si, de acordo com as ordens do comandante da divisão e do comandante das unidades aéreas do exercito;
- a direção do serviço de aviação e do serviço meteorológico na divisão.

Fazem ainda parte, organicamente, de uma divisão:

- um *posto de sondagem*;
- uma *secção de aviões do quartel general*.

Além disso a divisão pode receber uma *secção de parque de aviação*, de organização variável e conforme o tipo dos aviões que constituem a esquadrilha.

### 2.º — O Comando das unidades aéreas:

As funções de comandante das unidades aéreas na divisão cabem normalmente a um oficial superior da arma de aviação e do quadro de navegantes, que tanto pode ser proveniente da reserva geral, como poderá recair em um comandante de grupo médio tipo divisionário, sempre assistido por um estado maior e do qual fazem parte:

- dois oficiais adjuntos do comandante das unidades aéreas, dos quais um desempenhará as funções de chefe do serviço de informações aéreas (*assitente tático*) e outro encarregado das questões de material (*assistente técnico*);

- um especialista no estudo das fotografias aéreas;
- um especialista das transmissões, oficial de engenharia;
- um encarregado do reconhecimento dos campos e agente de ligação.

Eventualmente, este estado maior poderá ser acrescido de

- um oficial de aerostação;
- um oficial de artilharia antiaérea,

sempre que forem postas á disposição da divisão unidades dessa natureza.

Quando as divisões não forem dotadas de comando de unidades aéreas, devem no entanto dispôr, permanentemente, junto ao seu quartel general, de um oficial de aviação, encarregado do reconhecimento dos campos e das ligações.

O especialista no estudo das fotografias aéreas será um oficial pertencente á propria esquadrilha (chefe da secção foto).

Sob a autoridade do comandante das unidades aéreas da divisão funcionam ainda:

- o serviço de informações aéreas;
- a secção de aviões do Q.G.;
- uma secção foto-aérea;
- um destacamento de transmissões.

O serviço de informações aéreas funciona junto ao quartel general, dispondo de uma sala de informações no campo de trabalho, e incumbe-lhe o estudo das informações referentes á zona de ação aérea da grande unidade em proveito da qual trabalha, quer essas informações interessem á propria divisão, quer digam respeito ás necessidades do exercito.

Esse serviço além de expedir uma parte diaria de informações, estudos e outros trabalhos para uso do comando, deve ainda fornecer, para uso dos oficiais das unidades, uma documentação material de tudo o que se passar na respetiva zona da divisão, compreendendo:

- cartas e documentos relativos á artilharia inimiga, ás correntes de circulação e aos objetivos;

- a ordem de batalha da artilharia amiga, suas zonas de ação, os tiros de contra-bateria, de interdição, etc.;
- cartas da zona aproximada inimiga, com particularidades sobre as suas organizações, objetivos e posições de baterias;
- cartas das posições amigas, com indicação dos tiros de barragem, de contra-preparação, etc.;
- cartas indicando as posições dos balões e dos diferentes observatórios inimigos, assim como uma carta das zonas vistas pelos balões e observatórios terrestres da divisão.

A secção de aviões do Q.G. é constituída de dois aviões e destina-se:

- ás transmissões, em caso de urgência á entrega, de ordens e quaisquer documentos, principalmente fotografias aéreas;
- ás ligações entre o campo base e o campo de trabalho, e ao transporte de agentes de ligação, observadores, autoridades, etc....

Em principio os aviões não aterraram, os documentos são lançados em mensagens lastradas e podem tambem recolher do sólo as comunicações por meio de apanha-mensagem.

A secção foto-aérea é um orgão técnico encarregado de assegurar o funcionamento e a conservação dos aparelhos fotográficos, a revelação dos clichés, sua identificação, a tiragem e a expedição das provas. Além disso a secção colabora na interpretação das fotografias aéreas e submete o resultado desta interpretação ao comandante das unidades aéreas.

A secção foto-aérea dispõe normalmente de um certo numero de aparelhos de mão e de aparelhos fixos (automaticos e semi-automaticos) de distancias focais variaveis entre 0,21 e 0,50, podendo ir até 1,00, utilizando chapas de 13/18 ou 18/24, ou películas de 0,18 ou de 0,24 de largura e de comprimentos diversos que permitem a tomada de 100, 200 ou 500 vistas.

Desta forma pode o comando pedir á aviação a execução de fotografias em escalas diferentes, conforme a natureza

das informações a pesquisar em cada caso particular.

O destacamento de transmissões destina-se:

- a estabelecer as ligações radios entre o comandante das unidades aéreas e as unidades a ele subordinadas, bem assim com o comandante das unidades aéreas do exercito;
- ligar o P.C. do comandante das unidades aéreas á rede telefonica geral.

O pessoal que deve constituir o destacamento pertence á arma da engenharia (transmissões), porém o material por él utilizado pertence ao comandante das unidades aéreas.

Este destacamento é comandado por um oficial, tambem pertencente á arma de engenharia, que desempenha ao mesmo tempo o papel de adjunto do comandante das unidades aéreas.

O comandante das unidades aéreas é dotado:

- de um posto de T.S.F. para as transmissões entre este comando e as unidades aéreas a ele subordinadas;
- de uma pequena dotação de material telefonico (aparelhos, quadros, etc.), para ligar-se á rede telefonica geral.

Os pombos correios poderão ainda ser empregados com vantagem, uma vez que o campo base, ou de trabalho, não esteja sujeito a constantes deslocamentos e que por isso seja possível aí estabelecer um pombal. Os P.C. terão então possibilidades de enviar suas mensagens pelos pombos trazidos pelos oficiais de ligação.

Em todo o caso, para um bom funcionamento das transmissões e para que a exploração das informações possa ter lugar em tempo util, torna-se indispensável:

- a existencia de uma rede telefonica, que ligue rapidamente os terrenos de aterragem entre si e estes aos postos de comando interessados, inclusive o serviço de informações da

artilharia, pronta a funcionar a partir do momento em que um primeiro avião aterre;

- uma conservação perfeita do material radio dos aviões;
- um treinamento constante do pessoal de escuta da artilharia antiaérea;
- um conhecimento exato, tanto da infantaria como da cavalaria, dos meios de comunicação de terra com o avião, especialmente da manobra discréta dos painéis a serem desenrolados — *com plena consciencia* — a todos aviões amigos e a êles sómente;
- existir uma dotação em painéis de diversos modelos a serem utilizados pelos corpos de tropa e destacamentos de descoberta.

### 3.º — TROPA:

As unidades de aviação, de aerostação e de artilharia antiaérea, que podem ser postas á disposição de uma divisão, têm a seguinte composição:

#### A) — AVIAÇÃO:

Em principio, uma esquadilha média tipo divisionaria comprehende organicamente:

- 8 aviões, biplaces, monomotôres;
- 13 oficiais e 9 sargentos navegantes;
- 130 praças não navegantes;
- 1 secção foto-aérea;
- 1 secção radio;
- 38 viaturas, assim discriminadas:
  - 3 viaturas de ligação;
  - 3 viaturas para o transporte do pessoal;
  - 15 caminhões leves para o transporte do material;
  - 2 viaturas pertencentes á secção foto;
  - 4 caminhões leves para o transporte de essencia;
  - 1 viatura radio, com reboque;
  - 1 viatura cozinha, com reboque;
  - 7 reboques;
  - 2 motocicletas, com carro lateral.

Pode-se pois dividir uma esquadrilha em:

- *escalão de vôo* (aviões, com suas guarnições e equipamento);
- *escalão rolante* (viaturas, material e pessoal), divisível em duas *colunas*: *coluna leve* e *coluna pesada*.

O peso total de uma esquadrilha, tomando-se por base unicamente o escalão rolante, é de cerca de 50 toneladas.

Os dados acima não são definitivos, eles correspondem mais ou menos aos efetivos necessários aos tipos de aviões atualmente em serviço, por isso é preciso não perder de vista que êles poderão ser modificados de um momento para outro, em função do material a utilizar.

Torna-se assim indispensável conhecer exatamente as características do material a empregar, sempre que se tiver de exigir um trabalho que satisfaça as necessidades do comando, afim de não embarrasar em um dado momento o próprio trabalho da esquadrilha.

Todos os aviões médios devem poder receber um aparelho fotográfico necessário ao seu trabalho normal, porém todos devem igualmente dispôr a bordo de um aparelho *radio-emissor-receptôr*.

As esquadrilhas devem dispôr, além dos postos radios dos aviões, de:

- um *posto radio-emissor-receptor* para as transmissões *radio-aéreas*;
- um *posto radio-emissor-receptor* para as transmissões *radio-terrestres*;
- uma pequena dotação de material telefônico para o serviço interno e ligações com a rede geral (1 central telefônica com 12 direções, cerca de 10 telefones e de 15 km. de cabo leve).

O material propriamente dito de aviação, isto é, o *avião*, tem necessidade de uma reparação constante, para permitir um perfeito funcionamento especialmente do motôr.

Embora o material se mostre em perfeito estado, é, entretanto, preciso contar sempre com uma indisponibilidade de um ou dois aviões por esquadrilha.

Além disso, deve-se ter bem presente que, em razão do desgaste rápido do material e da usura do pessoal, não é

possível admitir-se, nem do observador nem do avião, um trabalho que ultrapasse o limite de sua capacidade.

Assim, o regulamento prevê que só excepcionalmente um avião executará três saídas durante uma jornada e no limite de duas a três horas por saída. O observador não deverá executar mais de duas missões por dia, o que representa um esforço que não deve ser exigido por mais de 3 a 4 dias consecutivos.

As unidades de aviação divisionaria devem estacionar normalmente em um único campo, evitando-se assim dispersá-las o que dificultará as ligações e prejudicará a ação do comando.

Em certos casos, particularmente em períodos de movimento, a necessidade de uma ligação estreita entre a aviação, o estado maior e as tropas de uma divisão de infantaria ou de cavalaria, impõe o preparo de vários campos para uma única esquadrilha média tipo divisionária: *campo de trabalho*, *campo base* e *campos auxiliares*.

a) *Campo de trabalho*: aí estacionam o comandante da esquadrilha, o serviço de informações da aviação, a secção foto-aérea e a maior parte dos oficiais. O comandante das unidades aéreas de uma divisão aí dispõe de um posto de comando.

É deste campo que partem as guarnições em direção às linhas e onde aterraram, finda a missão, para fazerem os relatórios minuciosos. Alguns mecânicos aí são destacados e um ou dois aviões podem igualmente aí permanecer. Sua localização deve ser, de preferência, nas proximidades dos P.C. das divisões.

b) *Campo base*: aí estaciona o grosso da esquadrilha e aí se acham os abrigos para os aviões. Os movimentos frequentes do campo de trabalho ao campo base e vice-versa, trazem uma grande fadiga para o material de vôo e rolante, bem como uma dispersão do pessoal, dificultando o exercício do comando; assim, sempre que as circunstâncias o permitam, estes dois campos devem coincidir.

c) *Campos auxiliares* (um ou vários): não têm nenhuma instalação, mas permitem aos aviões (da esquadrilha ou da secção de aviões do Q.G.) aterrarem nas proximidades dos estados maiores, P.C., etc.

(Continua).

**Secção  
de  
Artilharia**

**Reconhecimento de Grupo**  
**Trabalho preparatório do Comandante de um Grupo**  
**de Artilharia Divisionária**

Pelo Cmt. E. P. Ricard

Trad. da Revue d'Artillerie pelo 1.º Ten. H. B. Fortes

O trabalho ora oferecido em tradução, á «Defesa Nacional», foi indicado aos alunos da Escola de Artilharia, no ano findo, como fonte de consulta para seus estudos sobre «Reconhecimento de Grupo».

Parece-me, pois, oportuna sua divulgação pela revista, agóra que as atividades das Escolas das Armas foram retomadas.

O autor já teve um outro seu trabalho publicado pela «Defesa Nacional» nos numeros de Setembro e Dezembro de 1930, tradução do Cap. Adhemar Costa Mattos.

O Regulamento, título II, indica que ao findar o reconhecimento o Comandante de Grupo deve tomar diversas decisões que dizem respeito:

á escolha das posições de bateria:

- do observatório;
- do posto de comando;
- do dispositivo das transmissões;
- de um plano para o trabalho topográfico;
- da colocação dos escalões e das modalidades de reabastecimento.

Estas diferentes decisões serão, bem entendido, baseadas na *Missão*. Mas importa procurar cumprir esta missão nas melhores condições possíveis. Estas condições «ótima» são elas mesmas função da *situação*.

O Regulamento de emprêgo da Artilharia em campanha e no combate (§ 122 e seguintes) as enuméra. Mas para uma situação determinada, algumas destas condições tomam uma prioridade sobre as demais. Si bem que, no final de contas, para escolher entre as diversas soluções, o Comandante do Grupo deva basear-se «na ordem de prioridade das condições favoráveis» que é particular á situação.

Sí, pois, se quer que o reconhecimento seja feito por todos os oficiais do Grupo do modo mais seguro, e por isso, o mais rapidamente

possível, parece fóra de dúvida que o Comandante do Grupo deve, antes da partida, após ter indicado a missão, orientar seus oficiais para o verdadeiro sentido das decisões que guarda para si, tomar no fim do reconhecimento.

Esta orientação do pessoal de reconhecimento constitui a primeira parte do trabalho preparatório do Cmt. do Grupo.

Aliás o Regulamento precisa que para que o reconhecimento seja completo e rápido, é preciso que o trabalho seja repartido.

Esta repartição é necessária, porém não é suficiente para que o reconhecimento seja rápido. Com efeito, os trabalhos dos diversos oficiais do Grupo, durante o reconhecimento, não são independentes: por exemplo, o Orientador e o Of. de Transmissões terão necessidade de saber onde o Of. Observador proporá instalar o observatório. Repartir não basta: é preciso coordenar.

Esta coordenação deve fazer-se, bem entendido, antes da partida. Ela constitui uma segunda parte do trabalho preparatório do Cmt. do Grupo.

O autor se propõe a estudar este trabalho preparatório, encarando sucessivamente os dois casos previstos pelo Regulamento:

1.º caso — Há prazo longo para efetuar o reconhecimento;

2.º caso — O prazo é reduzido, pela obrigação de uma abertura de fogo rápido.

É preciso ficar entendido que o presente estudo não visará dar «a solução que convém» a cada caso particular, porém sómente indicar esquemas gerais.

### 1.º caso — HÁ PRAZO.

É o caso particular de um reforço de frente estabilizada ou de uma instalação feita com vagar, longe do inimigo, em vista

quer de uma ofensiva  
quer de uma defensiva.

Estudaremos sucessivamente, colocando-nos no escalão Comandante de Grupo:

- I. — A orientação do pessoal do reconhecimento.
- II. — A repartição de tarefas.
- III. — A coordenação destas tarefas.

### I. — ORIENTAÇÃO DO PESSOAL.

#### A. — Prescrições de ordem geral, resultantes da situação.

No caso que nos ocupa, para a Artilharia, as características das duas situações (ofensiva e defensiva) são as seguintes:

##### Ofensiva

— Pode-se esperar a superioridade de meios; é pois indicado procurar para as baterias o

##### Defensiva

— Pode-se temer a inferioridade de meios; deve-se pois, procurando toda a potência,

máximo de potência, contentando-se com um mínimo de segurança.

— É preciso acompanhar a ofensiva com fogos de artilharia, o mais longe possível, donde: levar o dispositivo tão para a frente quanto possível.

— Cabe prevêr o deslocamento para a frente, primeiro, da observação, depois, do material.

assegurar um máximo de segurança.

— O conjunto da artilharia se desdobrárá em profundidade. De qualquer forma a artilharia atirará diante da posição de resistência. Manter-se-á pronta, no entanto, para atirar tão longe quanto o permita seu desdobramento.

— Cabe prevêr o recuo das linhas da defesa, e por isso, o recuo da observação, o recuo das baterias, talvez mesmo o ataque ás baterias.

— A instantaneidade do desencadeamento de tiros é indispensável, donde a necessidade de ligações seguras.

Destas características decorrem, para o Cmt. do Grupo, as prescrições gerais indicadas pelo quadro I.

Estas prescrições resultam unicamente do interesse particular a cada situação que o Cmt. de Grupo atribue aos diferentes fatores suscetíveis de influir nas decisões que ele deverá tomar no decorrer do reconhecimento.

Cabe lembrar que as prescrições indicadas no quadro I não constituem sinão um esquema.

### QUADRO I

#### Reconhecimento com vistas a uma abertura de fogo ao fim de longo prazo

Prescrições referentes	Natureza e ordem de importância das diversas prescrições	
	Em situação OFENSIVA	Em situação DEFENSIVA
1.º AS POSIÇÕES Qualidades da posição ótima no ponto de vista: a) Execução do tiro.	Procurar posições tão avançadas quanto possível.	Procurar a disseminação do Grupo (em certos casos o escalonamento do G.).
Dispositivo.	Procurar o alinhamento das peças dentro da bia. e, si possível, o alinhamento das bias. no G.	Não hesitar em romper o alinhamento das peças na bia. para atender ao disfarce. Reconhecer posições eventuais e posições para peças nomades. Como para a ofensiva.
Resistência do sólo das plataformas.	Oferece pouca importância. Executar trabalhos si necessários.	

Prescrições referentes	Natureza e ordem de importância das diversas prescrições	
	Em situação OFENSIVA	Em situação DEFENSIVA
Proximidades do vigia.	Ofererce pequena importância; eventualmente recorrer-se-á ao telefone.	Oferece grande importância para o 75, menor para o 155.
b) <i>Acesso.</i> Facilidades de acesso.	São importantes até os depósitos de munição das bias.; menor importância entre êstes depósitos e as peças.	Mesma observação referente á ofensiva.
Disfarce.	Entre a retaguarda e a zona das bias., não tem sinão interesse secundário, si se ocupa posição á noite. Entre os depósitos de munição e as peças, guarda seu interesse.	Como para a ofensiva.
c) <i>Segurança.</i> Desenfiamento terrestre.	Far-se-ão esforços para realizar pelo menos um mínimo de desenfiamento : o desenfiamento do material.	Procurar o máximo de desenfiamento compatível com a missão.
Disfarce.	Oferece grande importância: é preciso salvaguardar o efeito de surpresa.	Oferece uma enorme importância.
Proteção contra gazes.	Não cabe procurá-la especialmente.	Deve-se procurá-la muito particularmente.
Facilidades para defesa.	Não é preciso procurar; instalar as metralhadoras para defesa contra aviões (D.C.A.).	Oferece grande interesse: procurar ligação de fógos entre as bias. e com os grupos vizinhos.
d) <i>Conforto.</i>	Não oferece sinão pouca importância.	Tem importância ; a situação pôde perdurar.
Trabalhos a prevêr.	Realizar primeiramente o disfarce máximo. Em seguida, plataformas, trincheiras de tiro, abrigos de munição, trincheiras de repouso, seguindo uma ordem de urgência que é função da situação.	Como para a ofensiva. Acrescentar além disso abrigos de bombardeio e abrigos contra gazes.
2.º Á OBSERVAÇÃO a) Prescrições gerais.	Fazer ligação com as unidades do setor. Procurar para a frente uma observação tão completa quanto possível. Procurar ter a observação bilateral. Identificar alvos auxiliares nas zonas dos objetivos. Estudar o deslocamento da observação, para a frente.	Entrar em ligação com as unidades do setor. Assegurar-se da possibilidade de ter uma observação <i>segura</i> , mesmo com qualquer bombardeio: diante de posição de resistência, em qualquer hipótese, depois segundo a missão, diante dos postos-avançados, no interior da posição de resistência. Para cada uma das zonas de observação acima definidas (diante

Prescrições referentes	Natureza e ordem de importância das diversas prescrições	
	Em situação OFENSIVA	Em situação DEFENSIVA
b) Qualidades do observatório ótimo. Extensão de vistas.  Acesso fácil.  Solidez, segurança.  Trabalhos.	<p>Tem importância secundária. Tomar-se-á, em caso de necessidade, observatórios auxiliares. Não é indispensável: melhorar, si necessário.</p> <p>Não são indispensáveis; espere-se superioridade de meios.</p> <p>Disfarçar os postos de observação e os abrigos de pessoal.</p>	<p>da P. R., diante dos P. A., etc.), identificar alvos auxiliares e procurar conseguir a observação bilateral. Estudar o retraimento da observação.</p> <p>Deve-se procurar. Não se pode pensar em fortificar bastantes observatórios.</p> <p>Como na ofensiva.</p>
3.º À ORGANIZAÇÃO DO TIRO	Entrar em ligação com as unidades em setor. Procurar desde o começo o máximo de precisão e de homogeneidade (bias, observatórios, objetivos) compatível com o prazo de que dispõe e com a situação. Criar uma base para retículo tangente.	<p>São muito importantes; é preciso temer a inferioridade de meios.</p> <p>Disfarçar e fortificar os P. O. Crear abrigos de bombardeio.</p> <p>Entrar em ligação com as unidades em setor. Procurar desde o início o máximo de precisão e de homogeneidade (baterias, posições eventuais. Peças nomadas. Observatórios. Alvos auxiliares) compatível com o prazo disponível e a situação. Estabelecer uma base de retículo tangente. Trabalhar-se-á na zona:</p> <ul style="list-style-type: none"> <li>— posições;</li> <li>— observatórios da P. R.;</li> <li>— observatórios da P. P. A.; ou observatórios á retaguarda, si fôr o caso.</li> </ul> <p>O plano de urgência destes trabalhos é função da situação.</p>
4.º ÀS TRANSMISSÕES a) Prescrições gerais.	Entrar em ligação com as unidades do setor. Realizar uma rede completa e prática. Disfarçar as instalações. Preparar o deslocamento para a frente (marcação das linhas telefônicas aos eixos de transmissão, emprêgo da ótica).	<p>Entrar em ligação com as unidades do setor. Realizar uma rede sólida e segura.</p> <p>Disfarçar as instalações. Estudar o retraimento da ótica.</p>
b) Qualidades do P. C.	Procurá-lo perto de um observatório, si as necessidades de ligação e a proximidade das baterias o permitem. As facilidades de acesso oferecem importância; seu disfarce também.	Como para a ofensiva; pensar também na proteção do P. C.

Prescrições referentes	Natureza e ordem de importância das diversas prescrições	
	Em situação OFENSIVA	Em situação DEFENSIVA
5.º AO REMUNICIA-MENTO. (Comandante do escalão ou C. M. L.).	<p>Entrar em ligação com as unidades do setor, especialmente no que diz respeito ao regimen de tiros do inimigo. Reconhecer o itinerário até a linha que não deve ser ultrapassada de dia, procurando viabilidade e segurança (o que significa: procurar evitar os pontos sistemáticamente batidos). Preocupar-se com o disfarce e com o desenfiamento, conforme as exigências da situação.</p> <p>Desde a linha a não ser ultrapassada de dia, até as baterias, reconhecer um itinerário, para a noite, oferecendo viabilidade e segurança; reconhecer contudo um itinerário eventualmente praticável de dia, isto é, oferecendo, além disso, o desenfiamento e o disfarce compatíveis com a situação.</p>	

#### B. — PRECISÕES RESULTANTES DA APLICAÇÃO DAS PRESCRIÇÕES GERAIS AO CASO PARTICULAR.

Estas precisões não se prendem sinão ao terreno das operações. Elas resultam de um estudo da carta ou das informações recolhidas, e dizem respeito:

1.º *A zona das posições.* — A zona atribuída ao Grupo para seu reconhecimento, será repartida entre as baterias.

No caso ofensivo, atribuir-se-á ás baterias, digo, atribuir-se-á vantajosamente a cada bateria uma faixa paralela á direção geral de tiro.

No caso ofensivo, atribuir-se-á ás baterias zonas que imponham a profundidade do dispositivo, si o Grupo recebeu ordem de se escalar; em caso contrário, proceder como acima.

2.º *A zona dos observatórios.*

3.º *A zona dos objetivos.* — A missão sendo dada, a zona dos objetivos dela decorre. Si êstes estão precisados, nenhuma dificuldade se apresenta a não ser:

Na ofensiva:

c/o 75:— prevêr para a preparação, tiros o mais próximo da infantaria, — para o ataque, o apoio da infantaria.

c/o 155:— prevêr para a preparação destruições a partir de 500 metros de nossas linhas. Em seguida, a proteção sobre cristas sucessivas tão longe quanto possível (côrtes do terreno, si fôr o caso).

Na defensiva:

c/o 75:— tiros diante da posição de resistência. Eventualmente, segundo a missão: tiros diante dos postos avançados; tiros na posição de resistência.

c/o 155:— tiros longinquos; tiros de contra-preparação.

Todos êstes objetivos devem ser precisamente determinados na carta.

Este estudo dos objetivos tem por fim orientar os comandantes de baterias sobre as condições mínimas de suas possibilidades de tiro e orientar igualmente o of. observador sobre as zonas a descobrir do observatório (ou dos observatórios).

#### II — REPARTIÇÃO DE TAREFAS.

Desde que se dispõe de prazos suficientes, há vantagem em fazer cumprir por cada oficial a tarefa normalmente inerente ás suas funções. Esta repartição normal é indicada pelo Regulamento.

#### III — COORDENAÇÃO DOS TRABALHOS.

Esta coordenação deve ser feita no tempo e no espaço. Afim de evitar perda de tempo durante o reconhecimento, ela deverá ser feita antes da partida.

Admitâmos que no Grupo o modo normal de reconhecimento seja o seguinte:

1. — O observador e o Cmt. do escalão (C. L. M.) têm liberdade de manobra desde a partida.

2. — O Cmt. do Grupo se transporta para as posições com os outros oficiais. Chegando á zona das posições, dá liberdade de manobra ao Orientador, para suas identificações topográficas; percorre rapidamente a zona com os Capitães, põe-se em ligação com a Infantaria (si fôr o caso), com os Grupos vizinhos; volta ás baterias, aí toma as decisões relativas ás posições, ao P.C., ao trabalho do Orientador nas posições, ao plano geral das transmissões. Transporta-se em seguida para a zona dos observatórios, acompanhado dos oficiais que julgar necessários, (de qualquer forma vai o Oficial das Transmissões).

Admitido êste esquema, o Cmt. do Grupo deverá dêle fazer uma aplicação ao caso particular e aos interesses razoáveis de seus oficiais, o fim a atingir sendo não deixar um oficial inativo á espera dos resultados do trabalho de seus camaradas.

Tomemos um exemplo. A zona de procura das posições é muito vasta. Ela se estende sôbre vários compartimentos do terreno. Contrariamente, o observatório se impôs em um certo ponto.

Haverá toda vantagem neste caso, em que o Oficial das Transmissões comece seu trabalho no observatório logo que possível.

Tudo isto será materializado por uma ordem dando pontos de reunião e fixando um horário para o reconhecimento.

#### IV — SUCESSÃO DOS TRABALHOS PREPARATÓRIOS DO COMANDANTE DO GRUPO

Para estudar esta sucessão, retomemos o conjunto da questão.

Ao receber a ordem para o reconhecimento, o Cmt. do Grupo reunirá seus oficiais, lê-lhes-a a ordem e os orientará já na medida do possível, indicando-lhes:

- as prescrições gerais relativas á situação;
- certas precisões decorrentes da própria situação<sup>(1)</sup> que, prendendo-se á utilização do terreno, permitirão um trabalho preparatório dos oficiais do Grupo. (Repartição da zona de posições entre as baterias. Indicação da zona de procura dos

observatórios. Plano geral das transmissões. Documentação topográfica, si fôr o caso) <sup>(2)</sup>.

Cada qual para seu lado, o Cmt. do Grupo e os oficiais do Grupo levarão ao máximo o estudo da carta, aquèle estudando mais especialmente a questão dos objetivos e, si possível, entrando em ligação com o Agrupamento ou com a Infantaria para obter informações precisas a seu respeito.

Nova reunião dos oficiais do Grupo; o Cmt. do Grupo já trás as últimas precisões. Este compara o conjunto de seu trabalho preparatório com os trabalhos de seus oficiais, ouvindo-os sôbre suas propostas relativas á execução do reconhecimento. Coordenadas estas propostas, o Cmt. do Grupo fixa o horário do reconhecimento e outros pontos de reunião necessários.

#### 2.º Caso — O PRAZO É REDUZIDO.

Distinguiremos duas hipóteses:

- a) — o reconhecimento se faz atrás de uma frente estabilizada;
- b) — o reconhecimento se faz em período de movimento.

A primeira hipótese se refere a uma entrada em linha rápida em situação ofensiva (ataque, contra-ataque, engajamento) ou em situação defensiva (reforço de uma frente defensiva). Não se trata de reconhecer então sinão *uma única posição*. Todo o pessoal do reconhecimento fica disponível.

A segunda hipótese visa:

- quer um deslocamento no decorrer das operações (marcha de aproximação, tomada de contâto, exploração, perseguição, combate em retirada). Pôde-se então tratar de reconhecer sucessivamente várias posições.
- quer um deslocamento no decorrer do combate, para a frente (deslocamento da Artilharia no decorrer do ataque) ou para trás (retraimento). Não se trata de reconhecer sinão *uma posição*.

O reconhecimento feito em período de movimento é caracterizado nos dois casos pelo fato dêle dever ser encetado no decorrer de um período em que o Cmt. do Grupo e os Capi-

(1) — Quererá isto dizer que o Cmt. do Grupo terá o dever de recordar todas as prescrições indicadas no quadro I? Não, si a instrução foi previamente feita neste sentido. Bastará somente ao Cmt. do Grupo precisar: situação ofensiva ou situação defensiva. Os oficiais do Grupo encontrar-se-ão então orientados por este unico qualificativo da situação.

(2) — Para êste trabalho preparatório do Comandante de bateria e dos Adjuntos do Cmt. do Grupo pode-se consultar utilmente o "Serviço em campanha" publicado pela Escola Militar de Artilharia, sob a direção do Coronel AUGÉ.

tâes não podem desde logo deixar suas unidades para se consagrar ao reconhecimento, em razão da incerteza da situação (deslocamento em curso de operações) ou em razão da missão de tiro que continúa a caber a estas unidades (deslocamento no decorrer do combate).

Disto resulta que é preciso recorrer a um fracionamento mais extenso do reconhecimento, e em particular, ao envio de um «destacamento avançado de reconhecimento» (R. E. A., 2.<sup>a</sup> parte, § 120). É a este destacamento que incumbirá um reconhecimento tão completo quanto possível tendo em conta o tempo de que se dispõe.

Para estudar o trabalho preparatório do Cmt. do Grupo neste caso de prazos exígios, seguiremos o mesmo plano anterior, colocando-nos, sucessivamente, nos três pontos de vista:

- da orientação do pessoal do reconhecimento.
- da repartição e da coordenação das tarefas.

#### I — ORIENTAÇÃO DO PESSOAL.

##### A. — Prescrições de ordem geral, resultantes da situação.

Este caso de prazos exígios se prende, como foi indicado, a situações táticas as mais diversas. Cada uma destas situações implica em um emprêgo tático particular da Artilharia. Mas estas questões de emprêgo tático de nossa arma são tratadas, mais comumente, em um

escalão superior ao Grupo. Si bem que para este último, na mór parte das vezes, qualquer que seja a situação tática encarada, a ordem de reconhecimento se prende a um dos dois casos abaixo:

- Reconhecer rapidamente uma posição em situação ofensiva.
- Reconhecer rapidamente uma posição em situação defensiva.

Ora: quer se trate ou não de uma abertura de fogo rápida, as características de uma situação são as mesmas. Estudando o caso do longo prazo já indicámos as características de uma situação ofensiva e as de uma situação defensiva.

Pelo contrário, esta necessidade de abrir fogo rapidamente tem repercussões profundas sobre a técnica da entrada em linha, do *Grupo*.

Si bem que, comparando o caso do longo prazo ao do prazo exíguo, achamos para uma mesma situação (ofensiva ou defensiva):

- as mesmas características táticas da situação;
- porém, características técnicas diferentes.

Dêste fato resulta que no caso de prazos exígios as prescrições de ordem geral que o Cmt. do Grupo dará para orientar seu pessoal, sobre certos pontos, serão as mesmas que no caso de longos prazos, porém sobre outros pontos serão completamente diferentes.

O quadro II abaixo indica quais poderiam ser estas prescrições, nos dois casos encarados, de ofensiva e defensiva; tal quadro não vale sinão como um esquema.

#### QUADRO II — Reconhecimento visando uma abertura rápida de fogo

Prescrições referentes	Natureza e ordem de importância das diversas prescrições	
	Em situação OFENSIVA	Em situação DEFENSIVA
1. <sup>o</sup> AS POSIÇÕES. Qualidades da posição, ótima. a) Execução do tiro.	Tanto quanto possível procurar a proximidade dos observatórios. Em seguida, si possível, o alinhamento e o deslocamento para a frente.	Procurar, na medida do possível, a proximidade dos observatórios. Não hesitar em romper o alinhamento das peças por exigência do disfarce.
Resistência das plataformas. Proximidade do vigia.	Oferece uma importância capital. Não oferece sinão uma importância secundária; é em princípio realizada pela proximidade do observatório.	Oferece uma importância capital. Oferece importância, em princípio realizada.

Prescrições referentes	Natureza e ordem de importância das diversas prescrições	
	Em situação OFENSIVA	Em situação DEFENSIVA
b) <i>Acesso.</i> Facilidades. Disfarce.	Oferecem uma importância capital. Sua importância é subordinada ao terreno e à situação. Em princípio, as facilidades de acesso são mais importantes do que seu disfarce.	Oferecem uma importância capital. Subordinada ao terreno e à situação, em princípio menos importante do que a facilidade de acesso.
c) <i>Segurança.</i> Desenfiamento.  Disfarce.  Proteção contra os gases. Defesa aproximada.	Menos importante que na defensiva, entretanto realizar sempre um mínimo de desenfiamento, pelo menos: o desenfiamento do material.  Importante, como só ser, o é menos que na defensiva. Não é procurada especialmente.	Procurar o máximo de desenfiamento compatível com a proximidade do observatório.  Muito importante no caso geral. É procurada, si possível.
d) <i>Conforto.</i> Trabalhos.	Importante nas situações táticas indecisas.  Não se deve estudar imediatamente. Plataformas, trincheiras de tiro.	Sempre importante.  Não se deve estudar imediatamente. Plataformas. Trincheiras de tiro.
2.º A OBSERVAÇÃO a) Princípios gerais.	Na medida do possível, escolher o observatório na proximidade das baterias. O ponto aproximado será fornecido pelo Of. Observador que levará seu trabalho de identificação, o mais cedo, na zona dos primeiros tiros.	
b) Qualidades do observatório ótimo. Vistas extensas.  Acesso - Segurança. Disfarce. Trabalhos.	Qualidade que é importante procurar visto que bem depressa se ficará limitado pela extensão das linhas a construir e explorar. Oferecem menos importância que a extensão de vistas. A procurar tanto quanto possível, principalmente na defensiva. Será encarado o mínimo estritamente necessário.	
3.º A ORGANIZAÇÃO DO TIRO.	O plano de trabalho do Of. Orientador é função dos prazos obtidos. Procurar primeiramente o que é indispensável para abrir o fogo; aperfeiçoar em seguida, si se tem tempo. Em princípio o esforço se empregará desde logo na determinação de referências de posição.	
4.º AS TRANSMISSÕES P. C.	Em princípio realizar desde logo as ligações: P. C. — Agrupamento P. C. — Observatório P. C. — Baterias Procurar, si possível, perto do observatório.	
5.º AO REMUNICAMENTO.	Antes de tudo, remuniciar no prazo fixado. Esta noção servirá de base à procura do itinerário. A segurança e a viabilidade do itinerário são, em princípio, muito importantes. Seu desenfiamento e seu disfarce continuam a ser função da situação.	

## B. — PRECISÕES RESULTANTES DA APLICAÇÃO DAS PRESCRIÇÕES GERAIS AO CASO PARTICULAR.

Estas precisões são análogas às que indicamos para o caso do longo prazo, e dizem respeito:

- à zona das posições,
- à zona dos observatórios,
- à zona dos objetivos.

Segundo os prazos de que disporá o Cmt. do G., elas serão mais ou menos completas. O mínimo indispensável a fazer no estudo do Cmt. do G., será:

- a indicação da zona de procura de cada bateria,
- a indicação da zona dos observatórios.

Cabe notar que, para os deslocamentos de artilharia no decorrer do ataque, na maioria das vezes o trabalho poderá ser feito com antecedência, e por isso, ser completo.

Inversamente, quando se trata de deslocamento no decorrer das operações, comportando por vezes o reconhecimento de posições sucessivas, ser-se-á freqüentemente obrigado a se contentar com indicações muito gerais.

## II. — REPARTIÇÃO E COORDENAÇÃO DAS TAREFAS.

No presente estudo concernente ao caso em que os prazos são reduzidos, já distinguímos duas hipóteses segundo as quais o reconhecimento podia ser efetuado por todos os oficiais normalmente seus componentes, ou, pelo contrário, era necessário enviar um «destacamento avançado de reconhecimento».

Esta distinção se impõe para estudar a repartição de tarefas.

A — Na 1.<sup>a</sup> hipótese, que corresponde, como vimos, ao reconhecimento atrás de uma frente estabilizada, a repartição e a coordenação de tarefas se farão da mesma maneira que no caso dos longos prazos, a coordenação se imporá afim de suprimir toda perda de tempo.

B — Na 2.<sup>a</sup> hipótese, que corresponde ao reconhecimento atrás de uma frente móvel, será preciso inicialmente organizar o destacamento avançado.

Em princípio, o Orientador e o Observador estarão sempre imediatamente disponíveis. Far-se-á, pois, em primeira urgência a chamada destes oficiais e se lhes atribuirá um pessoal conveniente: auxiliares para o Orientador, para

o Observador e principalmente agentes de ligação, esclarecedores, si fôr o caso.

Em certos casos será necessário enviar ao mesmo tempo que o D. A. R. um destacamento de «reconhecimento do itinerário», porque seria sobrecarregar demais a já pesada tarefa do D. A. R., incumbí-lo também do reconhecimento do itinerário. O D. A. R. deve ganhar o mais cedo possível seu terreno de trabalho, não é preciso obrigá-lo a seguir um itinerário, ainda menos procurar itinerários. Na maioria dos casos, em vista do trabalho particularmente rápido pedido ao D. A. R., o Orientador e o Observador deverão ambos fazer parte do destacamento. Poder-se-á talvez, neste caso, ser levado a confiar o reconhecimento de itinerário a um Cmt. de Seção (75) ou ao Oficial de Ligação, si estiver disponível (155).

Uma vez organizado o «destacamento avançado de reconhecimento» (D. A. R.) qual será a repartição de tarefas entre os oficiais que o compõem?

Para êste estudo distinguiremos dois casos, como precedentemente, segundo se trata de um deslocamento no decorrer do combate ou no curso de operações.

a) *Deslocamento no decorrer do combate.* Uma única posição vai ser reconhecida. Mais geralmente o estudo já pode ser preparado com antecedência. O resto do reconhecimento juntar-se-á ao destacamento na posição.

Neste caso, será possível repartir tarefas entre o Orientador e o Observador. O destacamento avançado terá, a todo tempo, noção particularmente preciosa para o Orientador.

Notaremos, além disso, que neste caso há todo interesse em reforçar o D. A. R. com pessoal das transmissões, e que será muitas vezes necessário também, em vista da necessidade de levar, desde que possível, munições para a frente, prescrever um reconhecimento avançado ao comandante do escalão (C. L. M.).

b) *Deslocamento no decorrer de operações.* Neste caso o problema dado ao D. A. R. é muito vasto para pensar-se em uma repartição de tarefas.

A iniciativa mais larga será deixada aos oficiais do destacamento. Sua atribuição será invariavelmente «ir muito depressa e fornecer um mínimo de informações indispensável»:

- «Zona de posições;
- «Referências de posição segundo a planimetria;
- «Situação aproximada do observatório, com indicação muito geral das partes vistas».

## Sugestões

«As sugestões devem chegar á nossa redação até o dia 15 de cada mês com a assinatura do seu autor, a qual poderá não ser publicada se assim nos fôr pedido».

(Nota importante do n.º 149/50 de 1926).

### Administração e instrução

Pelo 1.º Ten. Irapuan Elyzeu Xavier Leal

Administração e instrução — duas busas que ainda não se conciliaram e ntinuam a prejudicar-se mutuamente. — celeumia a êsse respeito tem sido forte, muitas objeções e pareceres de obser- adores estudosos e interessados têm ido omitidos. «A Defesa Nacional», rauto das aspirações do Exercito tem ritado e espalhado por todos os recans das guarnições militares, que o Exer- to não poderá cumprir a sua finalidade e orgão preparador de homens para a manutenção da integridade nacional, en- quanto não se separar, senão completa- mente, pelo menos quasi completamente, ma cousa da outra.

O espirito renovador que soprou na Nação, tem soprado tambem no organismo militar. — Já se nota uma ogerisa bem acentuada a tudo que diz respeito à burocracia. — A despeito, contudo, dessa reação logica e inevitável, continuamos no «stato quo» — formalidades

Será vantajoso, além disso, dar-lhe as instruções seguintes:

1.º As informações fornecidas não se referirão somente ás posições cujo estudo foi prescrito. Elas se deverão entender a qualquer outra posição permitindo quer uma melhoria da observação, quer uma entrada em bateria dos Grupos, ficando entendido que o reconhecimento destas posições será muito sumário e se limitará a uma indicação;

2.º Todas as informações conhecidas sobre a situação (linha atingida, regimen dos tiros inimigos) serão imediatamente fornecidas ao Cmt. do G. (onde a necessidade de numerosos agentes de ligação) cada relatório trazendo a indicação do ponto sobre o qual se dirige o

administrativas, instruções para destri- buição de fardamento, cargas e descargas, partes, informações, requerimentos, conselhos de administração, tudo a sobrecarregar e a preocupar o oficial de tropa, distraindo a sua atenção do obje- tivo principal: a instrucción, o prepano da tropa para guerra.

Os fiscais administrativos ficaram no papel. — Este passo ensaiado que seria o começo de uma separação indispensa- vel, não chegou a ser executado. — Entretanto, projetam-se reformas para o Exercito, inclusive dos uniformes. — Seria conveniente não se esquecer a parte referente á burocracia administra- tiva. Caso fosse ampliado o quadro de contadores, poderíamos ter em cada cor- po, alem do fiscal administrativo, um certo numero de auxiliares contadores, com um sargento ajudante, ou 1.º Sgt. por companhia, aos quais ficaria afeta- da a parte burocratica. Esse pessoal ter

D. A. R. e a hora em que é redigido o rela- tório.

Para terminar faremos ressaltar a diferença essencial que existe entre o trabalho prepara- tório do Comandante do Grupo e o dos oficiais chamados a efetuar o reconhecimento.

Enquanto os oficiais do Grupo exploram, durante seu reconhecimento, o trabalho prepara- tório de ordem técnica que êles terão feito antes da partida, o Comandante do Grupo não utilizará diretamente a maior parte de seu tra- balho ao mesmo tempo técnico e tático.

Seu trabalho preparatório visa outros fins. Estes também estão definidos no Regulamento de emprêgo da Artilharia. (Introdução):

«Ajudar os subordinados e fazer com que êstes se compenetrem do pensamento do chefe».

tambem o seu emprego previsto em campanha no desempenho dos diversos serviços. As atribuições dos comandantes de unidades e sub-unidade se reduziriam,

assim, ao pregar, direção e controle da instrução, e disciplina da tropa, com uma ingereência superficial na parte administrativa, o que não seria pouco.

## Cadernetas de ordens, mementos e roteiros

Pelo 1.º Ten. Irapuan Elyzeu Xavier Leal

Em meio á falta de recursos em que vive o nosso Exercito, há pequeninas coisas, que, pelo fato mesmo de serem pequenas, passam completamente desapercebidas dos que se devem interessar pela sua eficiencia e pela regularidade de sua organização. Entretanto, como em tudo na vida, tambem e principalmente no nosso meio militar, há pequenos detalhes que têm uma grande importancia no conjunto, que perturbam, ás vezes, sensivelmente, a regularidade que buscamos. Haja vista, por exemplo, o caso das cadernetas copistas ou multicopistas para redação e registro das ordens de operações. É muito comum, todos nós sabemos, deslocar-se uma tropa para exercícios, manobras ou campanha, sem que os seus quadros possuam cadernetas proprias para redigir as suas ordens. Cada Comandante de fração de unidade, sub-unidade ou unidade se mune á pressa de papeis de diferentes formatos, de cadernos ou cadernetas improvisadas, donde resulta uma desuniformidade prejudicial, quando não implica em verdadeira anarquia. Os corpos, na sua quasi totalidade, não estão providos dêsse material e, sempre, nas ocasiões precisas, entra em cena o regimem de improvisação, quando não se age desprovido dessas coisas. Na revolução passada houve ordens dadas em papel de telegrama, tiras de papel e até em carteiras de cigarro desdobradas! Uma ordem, porém, traduz a vontade do Chefe, é um documento para provar, a qualquer momento, a responsabilidade das medidas

que tomou. Seria desnecessario, talvez repetir isso. Mas estamos fazendo referencias á realidade, o que se tem passado sob as vistas gerais. O que se passa em relação ás cadernetas de ordens, tambem se passa com os mementos e os roteiros de Cia., Pelotão e Grupo. Não há uniformidade na sua obediencia e organização. Os mementos das ordens são desconhecidos ou esquecidos de muita gente, apesar dos Cursos das Escolas de Armas; e quanto á organização dos roteiros, ainda se notam certas dificuldades e falta de método.

Seria conveniente, pois — e aqui fica — a sugestão por intermedio de «A Defesa Nacional», que o Estado-Maior do Exercito mandasse imprimir cadernetas de ordens em numero suficiente para os corpos do Exercito, que seriam *obrigados* a adquiri-las mediante indenização. Essas cadernetas poderiam conter as abreviaturas necessarias (Dest.º, Brigada, Regimento, B.C., Btl., Cia., P.C., n.º, Carta, etc.) e estabeleceriam a uniformidade desejada. O mesmo quanto aos mementos e roteiros que poderiam ser distribuidos, impressos, em certa quantidade aos corpos a titulo de exemplo e para estudo, sendo que os mementos deveriam incluir tambem os relativos ás ordens comuns que não estão previstas nem bem exemplificadas nos regulamentos. Estes pequenos detalhes representam, para os que vivem na tropa, assunto de grande importancia e de grande urgencia.

(Joinville — Sta. Catarina — Janeiro 1934).

## Inspetoria regional dos tiros de guerra da VI Região Militar

### Eficiencia da instrução

Pelo Cap. Antonio de Castro Nascimento

Inspetor dos Tiros de Guerra da VI Região Militar

I — Esta Inspetoria apresenta as seguintes sugestões para eficiencia da instrução dos reservistas de 2.<sup>a</sup> categoria:

1º) — que os T.G. cujas sédes são em paradas de Corpos de Tropa ou proximidades, façam o 1.<sup>o</sup> periodo de instrução (periodo de recrutas), paralelamente, com êstes, pois destarte, veríamos os pontos cardiais e basicos da instrução soerguidos e concretizados;

II — Que com essa cessão dos dois elementos: — soldado propriamente dito e civil candidato á reservista —; teremos os seguintes resultados:

a) — os futuros reservistas *verão com os olhos*, aquilo que o instrutor com palavras, comumente não são bem entendidas, devido á patente diferença intelectual entre instrutor e instruendo e a falta de material e campos de instrução;

b) — concretizar-se-á melhor a instrução de Combate e Serviço em Campanha que jamais será com-

preendida entre quatro paredes; formar-se-ão os especialistas (fuzileiros, granadeiros e metralhadores), pois tal não se obteria devido a falta de material nos T.G.;

c) — será melhor compreendida a razão de ser do Exercito, pelo elemento civil.

III — Tais jovens serão desarranchados, donde o unico fim de tal mobilização, é de ensinar-se pedagogica e concretamente a instrução, lançando-se neste modo por terra — o *teorismo*, tão apégado aos nossos Estabelecimentos de Ensino.

IV — Os efeitos beneficos serão refletidos ao mesmo tempo sobre os sargentos instrutores, que durante tal periodo estagiarião na tropa em que o seu T.G. esteja permanecendo, facilitando-lhe um meio de freqüêntar obrigatoriamente a instrução dos quadros e tomar conhecimento com os aperfeiçoamentos introduzidos na arte da guerra moderna.

(Cidade do Salvador, Março de 1934).

## Bibliografia

### REVISTA DE ADMINISTRAÇÃO MILITAR.

Temos em mão o n.<sup>o</sup> 1 dessa publicação de Intendencia do Exercito, seguimento que é da antiga «Revista de Intendencia». É mais um orgão de assuntos militares que vem de surgir entre os varios que já contamos no Brasil, cujo fim é ventilar e divulgar no seio das classes militares os conhecimentos tecnicos relativos ao mais importante Serviço dos exercitos modernos.

É o seguinte o seu sumario: Continuando; Reabastecimento em tempo de guerra; Curso

tecnico de material de Intendencia; Papel e importancia do Serviço de Subsistência, perante o Exercito e a Nação; O regimen de massas no Exercito; Provimento de arreitamento pelo E.C.F.E.; Trigo no nordeste?; O conceito do assemelhado; General Xavier de Barros; O Exercito e o seu Chefe; Diversas disposições em vigor para a legalização de contas, confecções de balancetes e administração dos corpos de tropa e estabelecimentos militares.

**Secção  
de  
Veterinaria**

# Arraçoamento dos equinos da tropa

*Plano geral do arraçoamento dos equinos de guerra, em tempo de guerra, elaborado pela Comissão nomeada para esse fim pelo Exmo. Snr. G. Ministro da Guerra e mandado adotar em Diário Oficial de 17-4-934.*

Constitue encargo da presente Comissão o elaborar tão completamente quanto possível, como já se vem procedendo com o arraçoamento de guerra, um plano racional de alimentação dos equinos da tropa, condicionado a moldes essencialmente económicos e de fácil execução nos quartéis, afim de pôr-se um paradeiro definitivo á causa maior do extermínio dêsse precioso auxiliar do homem na defesa da Patria — as distrofias de origem alimentar.

Para que se observe a mais estreita conexão — que aliás nunca deverá faltar — entre o arraçoamento em tempo de paz e de guerra, em vista mesmo da melhor e mais sólida organização definitiva dos órgãos e centros provedores, não nos será lícito desviar muito do critério seguido pela Comissão encarregada de estabelecer o sistema arraçoador de guerra, antes, pelo contrário, será do melhor aviso assentar sobre as mesmas bases o plano que nos incumbe traçar, prevenindo assim, «in límine», toda e qualquer quebra de continuidade.

Ratificando aqui os conceitos emitidos naquela Comissão, no que concerne á prática seguida, até ao presente, para com a alimentação dos efetivos aquartelados, há mister reformar-se radicalmente toda falsa doutrina ainda vigente no Exército, a começar da própria interpretação emprestada comumente ao vocábulo *Ração*, até mesmo á contrafação formal de medidas constantes do próprio preceito regulamentar.

Iniciaremos com a recapitulação do que ficou mais ou menos assente nas reuniões preparatórias :

Instituir um serviço de fomento ao cultivo permanente das bôas forrageiras regionais, feito em maior escala nos departamentos do Serviço de Remonta do Exército e obrigatoriamente nas invernadas dos corpos e estabelecimentos militares, com o duplo objetivo imediato de emancipar a tropa dêsse fornecimento, assás oneroso para a União, e suprir os «fenis do Estado», grandes depósitos forrageiros a serem mantidos pelos Serviços de Subsistências regionais, constituindo fartos reservatórios provedores, nos casos de mobilização ou flagelação das pastagens.

Analisando a natureza do trabalho dos equinos na faina diurna dos aquartelamentos veri-

ficamos que, indivíduos há, que vivem calma e ociosa, conservados nos boxes, inação prolongada, sem ao menos o benéficio do banho de sol e do passeio matinal; a outros utilizados, embora com freqüência, exercícios moderados e andaduras sem verdade, só sendo, muito de longe em número solicitados ao emprego das energias adocicadas pela enervante estabulação; em terreno, constituindo a grande maioria do tipo, vemos animais atendendo á solicitação de toda ordem de serviços, dispendendo eços consideráveis, submetidos que sãamente, a provas de energia.

Diante dêsse quadro revelado muitas diversidade funcional do rebanho olas rece obvio que deveremos estabelecerlos cialmente, normas correspondentes culdêsses diversos emprêgos, abrangendo categorias — séla, tração e dorso-traçadas segundo os diferentes padrões de 300, 400 e 500 quilos, já considerados também sistema arraçoador de guerra.

A ausência destas normas, que se estribam nos modernos preceitos da higiene alimentar dos animais domésticos, acarreta aos equinos do Exército constantes oscilações ao seu equilíbrio normotrófico, e vem daí as numerosas baixas do serviço por desnutrição ou maras crônico, ergastenia ou astenia geral, miséfisiológica, anemia perniciosa, etc., etc. Como exemplo de consequências diversas das que mos de mencionar, um só episódio, que registra na nossa Escola de Cavalaria, para acentuar os inconvenientes daquela vivência: durante os quatro dias de 105 do ano de 1932 foi mantido, partindo daquela corporação, a mesma raça animal que atendia ao rigor dos exercícios vinham sendo submetidos, e, como a ocorrência de alguns casos de perdas gestivas, três aguamentos incipientes outras de carácter mais ou meno os dentes reveladores do quanto é de bem, o excessivo regime alimentar.

Nas condições presentes do nosso reino, é tarefa difícil de bem reanimação de tabelas para o exato normal do cavalo militar, tão respeitável — e como justamente se requer

elementos forrageiros, em virtude de serem nossas pastagens, na sua generalidade, de teor nutritivo e os bons espécimes forrageiros ainda de reduzidíssimo cultivo no país, ficientes, portanto, para assegurar o quanto necessário ao rebanho mantido pelo exército. Para animais adultos, sujeitos à excitação motora, em país cujo sólo em sua extensão se resente da falta dos sais de clo, tão indispensáveis ao metabolismo regulados grandes organismos, é condição essencial a ser observada, maximamente para com animais pulados, que entre na ração o feno de leguminosa de boa qualidade. Em torno desse elemento poderão variar, sem grandes inconvenientes, dentro de certos limites, aliás previstos, o volume e natureza dos alimento concentrados, bem como o volume e a consiste nutridora dos capins, que constituem o astro e o agente refrescante das copiosas e beberá seja-nos permitido adiantar que, e coi produzir os resultados desejados,

II — Quando as regiões militares, será medida idêntica urgência generalizar-se por civil canições a adoção do feno de alfafa, do arranjo arraçoador normal do solo de tropa, afim de se botar um parágrafo ao raquitismo infreque que, muito particularmente no Norte, arruina os nossos equinos guerra. As perdas por desnutrição, de resto verdadeiramente alarmante, segundo notada no próprio Serviço de Remonta do exército, excedem de muito ao total das resultantes de todas as demais causas da incidência. Não se pretende, pois aduzir ao elevado o por que chega, até ali, aquela rica leguminosa, como argumento bastante para contrariedade que vimos de afirmar. Assentamos aqui, tanto, como base calcícola da ração normal, militar, o feno de alfafa, até que se maior rendimento cultural as forrageiras dos gêneros stilozantes, sudium, trifolium, crotalaria, arachis, toria, etc.

ento aos grãos cerealíferos, somos Temos de se abstraem de considerar as propriedades alimentícias da aveia, Intendemos considerar o milho como o cereal antiga indicação econômica para o caso. n orgão mal produzimos, além de apontar, orgânicas da colheita, é assás mirrada Brasil, cujo ido, por isso, bem longe de classes renome que firmou, na Europa, lativos acavalado; contudo, para não sermos moderados

taxados de intransigentes e admitindo como real uma extraordinária ação excitante neuromuscular, que lhe é geralmente atribuída, não deixaremos de incluí-la na ração dos animais de séla, quando utilizados em serviços de natureza especial. Um paralelo, estabelecido entre os dois cereais, não deixará dúvida sobre a preferência dispensada ao milho: em média, o valor nutritivo do milho e da aveia de boa qualidade é de 76,8% e 58,1% respectivamente; si o coeficiente de digestibilidade é, em média, maior nas proteinas e gorduras da aveia (80% nas proteinas e 71% nas gorduras), o correspondente às substâncias carbohidratadas é muito superior no milho que na outra gramínea (92% m., 75% av.).

Quanto à fração do verde, que deve completar uma verdadeira ração, isto é, o «quantum» nutritivo para 24 horas, vale, aqui acentuarmos, ser devéras insuficiente a dose que vem sendo distribuída aos animais em argola. Si disso quizermos ter prova evidente, bastar-nos-a determinar, pelo cálculo, a relação nutritiva dos diversos arranjos ora em vigor, para verificarmos de pronto que, em todos êles, aquela relação pouco se afasta do índice limite, quando é bem sabido que, para animais de trabalho, se requer de 1:7,5 a 1:9,5.

No concernente à distribuição conveniente, da ração ordinária, em refeições estabelecidas segundo a natureza e horário do trabalho animal, há mister corrigir-se a maneira arbitrária, por que se vem procedendo, devendo-se fazer adotar vasilhame graduado de capacidade aferida para 2 litros, afim de bem regularizar a distribuição dos cereais. Os fenos, de medição difícil de precisar, em virtude de se apresentarem, ao consumo, comprimidos em grandes fardos, deveriam merecer, também, certo controle no ato da distribuição aos animais, para evitar-se o modo irregular posto em prática pelos homens de serviço nas cavalariças.

Pensamos que seria vantajoso praticar-se, logo à saída do depósito, a divisão dos fardos em pedaços, de espessura uniforme, de peso mais ou menos equivalente ao estabelecido para cada ração, afim de dar mais uniformidade a essa distribuição.

Há um outro ponto, que exige o cuidado desta Comissão, é o que se prende ao clorureto de sódio, composto salino tão indispensável aos indivíduos que recebem grandes doses de vegetais como alimento, para compensar o excesso de potássio veiculado, para o organismo, por êsses comestíveis naturais. Duas práticas seriam de boa aceitação: ou a irrigação do feno

de alfafa com agua salgada, na ocasião de ser esta distribuída aos animais, ou a maceração dos grãos cerealíferos da ração, na dissolução salina aquecida, preparada uma hora antes de ser dada a refeição dos concentrados. Este último processo parece-nos o de melhor indicação, pois que, além de operar o amolecimento do tegumento endurecido do grão, age como excelente condimento euepeptico e excitante glandular, servindo, por outro lado, para impedir a ulterior fermentação dos alimentos desprezados no cocho.

Na Europa, é comum o uso do feno salgado ou a irrigação das palhas forrageiras com agua de sal. A agua de bebida faz parte integrante da ração diária do cavalo e em caso algum poderá ser descurada a sua regular administração. O líquido potável deve ser administrado sempre meia hora antes e, pelo menos, duas horas depois das grandes refeições, afim de evitar-se a diluição demasiada dos sucos digestivos, quando os animais em plena digestão. Esta prática, que em geral não é observada nos quarteis, tem sempre produzido os melhores resultados para com animais estabulados, em vista do melhor aproveitamento dos princípios nutritivos da ração. Nas corporações sediadas no norte do país e, de um modo geral, para todo o território nacional, nos meses em que o calor é rigoroso, a agua potável deve ser distribuída, aos animais em argola, de 3 em 3 horas. Julgamos como muito bem acertado o sistema das quatro refeições geralmente adotado, no arraçoamento dos animais da tropa. A fragmentação da grande massa forrageira, que constitue o volumoso repasto dos solípedes, é ato que se impõe em função da própria divisão do trabalho digestivo e em favor da maior digestibilidade dos alimentos e sua mais franca assimilação. Os elementos forrageiros, que constituem as rações, terão ordem de distribuição segundo o programa de trabalhos a que são diariamente submetidos os animais.

Si a maior soma de esforços é exigida pela manhã, como só acontecer na tropa, as duas melhores refeições, isto é, as mais nutrientes, deverão ser a da noite e da madrugada. Sempre associar o cereal ao feno, para melhor digestão do concentrado, uma vez que conhecemos a poderosa ação sialógena dos princípios aromáticos dos fenos de bôa qualidade. A refeição do verde deverá ter preferência á volta do trabalho, como alimento refrescante e aquífero, mais indicado para as horas destinadas ao mais longo repouso.

\*\*

Partindo da base por nós prefixada, lá atrás, estabeleçamos o mínimo de 2,0 quilos de milho, em grão, e 2,0 de feno de alfafa como indispensáveis ao entretenimento das coes de nutrição dos padrões de 300 e 400 quilos de peso, e 2,5 quilos de milho, em grão e 2 de feno de alfafa para os modelos maiores de 400 e 500 quilos, quando em identicas condições de manutenção, isto é, quando inativadas baixas, recolhidas ás invernadas ou baixas ás enfermarias veterinárias. Como complemento, em verde, requerido para constituir integral do regime de manutenção, considerando englobadamente todos os padrões, desde o de 300 ao de 500 quilos, 10 a 14 quilos de forragens verdes serão suficientes para que elabore o ato digestivo em bôas condições higienicas.

No que toca ao arraçoamento de trabalho para os modelos ou padrões anteriormente analisados, deverá ser determinado, em função do esforço que os mesmos tiverem de despendere, cotidianamente, calculado segundo um critério bastante geral e relativo, por isso que seremos forçados a considerá-los individualmente, mas reunidos em grandes grupos funcionais, realizando esforços de razável intensidade, ora no desempenho dos programas de instrução e adestramento, para os múltiplos emprêgos exigidos ao cavalo da tropa, ora execução de competições esportivas, como sejam os concursos hípicos, as marchas de resistência e as partidas de polo.

Esta nova maneira de estudar o problema do arraçoamento do cavalo militar, embora possa causar, a muitos, certa estranheza, cito tudo obedece a critério essencialmente econômico e racional, sendo de inteira aplicação na prática, pois que, seu mecanismo, terá grande analogia com o do vale de rações, adotado para o rancho das praças.

A apresentação do modelo anexo, melhorará sobre o que pretendemos que seja feito (Ver o Vale de Forrageamento).

Isto assentado, e como não existe cultura sistematizada das muitas gramíneas que, pela sua riqueza em princípios nutritivos e excelente forrageira, estariam naturalmente indicadas para figurar nas novas rações a serem estabelecidas, como sejam o capim de burro (*cynodon dactylon*), o c. de Rhodes (*Chloris gayana*) o Jaraguá (*hyparrhenia rufa*), o chamado e. kuiu, etc., etc., seremos forçados a enfeixar na denominação de *forragem verde*, a par correspondente nos diversos arranjos que

tida vamos formular, para constituição da  
ela em vista.

G. A. P.

II Bia.

## VALE DE FORRAGEAMENTO

no 1934  
s-Janeiro

Arraçoamento para o dia 12

Categoría	Trabalho intensivo	Trabalho médio	Trabalho leve	Mantençā	Vencendo fóra	Observações
Séla de peso aproximado a 350 Kg.						
Tração de peso aproximado a 400 I.						
Dorso- tração (Cavafar) de peso aproximado a 400 I.	(*)	(*)				

(\*) — Ao ratores que servem de montada aos soldados  
atôres (trônes dorso-tração cavafar), quando em  
balho médio ou intensivo, acrescentar 1/6 dos concentra-  
da raça que é distribuída aos trôtes simples do  
mesmo peso.

Segundo a região do país onde se tenha  
utilizar a presente tabela, as gramíneas  
forrageiras locais preencherão, na medida de  
as possibilidades nutritivas, a parte consi-  
dada sob aquela denominação de *forragem*  
*de*.

Nos estados do sul são freqüentes as man-  
as da famada grama comprida (*Paspalum*  
*notatum*), grama das roças (*Paspalum* *plicatum*), grama forquilha (*Paspalum* *notatum*),  
pim nó (*Axonopus compressus*), c. assú  
*eragrostis bahiensis*), c. limão do Rio Grande  
*erostis montevidensis*), c. milhã (*Paspalum*  
*gatum*), c. favorito (*Tricolena rosea*), c. de  
o ou venezuela (*Paspalum scoparium*), c.  
lastro (*Panicum numidianum*), c. papuão  
guatemala (*Brachiaria plantaginea*), etc. Em  
ato-Grossô e Goiás são comuns o c. felpudo,  
c. capivara (*Panicum laxum*), a grama jar-  
m (*Stenotaphrum glabrum*), o c. jacobina  
*chloris bahiensis*), o c. elefante, o gordura,  
jaraguá, o limão, o mimoso, a grama do  
ntanal, etc. Nas Unidades do extremo norte,  
c. andréquicé ou peripomonga (*Leersia he-*

xandra), o c. canarâna (*Panicum apressum*),  
o c. de praia (*Panicum littorale*), o c. de  
colônia (*Panicum numidianum*), o c. membêca  
(*Andropogon virginicus*), o c. frêcha (*Gynerum*  
*sagittatum*), etc.

## INSTRUÇÕES PARA APLICAÇÃO E USO DA TABÉLA ÚNICA

I. — Entender-se-á por trabalho leve o em-  
prêgo moderado dos animais, em andaduras  
suaves (passo e trôte), feito no páteo do  
quartel ou nas proximidades dêste, como seja  
o que geralmente está compreendido no pri-  
meiro período da instrução dos recrutas, os  
passeios higiênicos de média duração, as atre-  
lagens de adaptação dos tratôres da artilharia,  
a prática do ensilhamento e condução em  
círculo dos cargueiros de metralhadoras e ser-  
viços, etc., etc.

II. — Como trabalho de intensidade média  
considerar-se-á aquêle que corresponde, mais  
ou menos, ao segundo período de instrução.  
Trabalho regular de trôte e galope cadenciados,  
ensaços de saltos de obstáculos e do manejo  
das armas á cavalo, volteio, etc., para animais  
de séla; a instrução progressiva de exterior,  
com duração da metade do dia, para as bate-  
rias, evoluções comuns das secções de metra-  
lhadoras, quando devidamente equipadas, etc.

III. — Por trabalho intensivo compreender-  
-se-á tudo que exigir grande soma de esfor-  
ços animais. Marchas que tomem grande parte  
do dia, períodos de acampamentos e manobras  
de regimento, grandes paradas, concursos e  
competições desportivas de qualquer natureza.

*Nota importante* — Em qualquer dos casos,  
nunca a mudança do regime alimentar deverá  
ser feita bruscamente, de um extremo para  
outro da progressão observada na *Tabéla Única*,  
para arraçoamento de paz do rebanho militar,  
antes, será de toda conveniência, proceder-se  
sempre de modo gradual, passando pelas nor-  
mas intermediárias. *Exemplo*: A interrupção  
do Domingo, nos regimes de *trabalho intensivo*,  
levará os animais assim utilizados, do Sabado  
para Domingo, ao regime para *trabalho médio*  
e, nunca, para o de manutenção ou *trabalho leve*,  
como alguns poderiam supôr.

*Nota final*: O horário e a melhor distri-  
buição dos elementos constitutivos das rações,  
pelas refeições distribuídas nas 24 horas, fica-  
rão ao critério dos Cmtes. de Unidades, me-  
diante parecer do veterinário, bem como a  
classificação de outras modalidades do trabalho  
animal, de natureza diversa dos que foram espe-  
cificados nestas «Instruções».

# Arraçoamento normal do cavalo militar, quando na vida de aquartelamentos

## RAÇÕES PARA TEMPO DE PAZ.

## TABÉLA ÚNICA.

### RAÇÕES DE MANTENÇA

Para os padrões de peso aproximado a 300 Kgs. e 350 Kgs.	Milho em grão 2.000gs.0 Feno de alfafa 2.000gs.0 Forrag. verde 8e10.000gs.0 Sal 20gs.0	Para os padrões de peso aproximado a 400 Kgs. e 500 Kgs.	Milho em grão 2.500g Feno de alfafa 2.000g Forrag. verde 12e14Kg Sal 20g
----------------------------------------------------------	-------------------------------------------------------------------------------------------------	----------------------------------------------------------	-----------------------------------------------------------------------------------

### RAÇÕES DE TRABALHO

(Compreendem-se os padrões dorso-tração (muar) de 300 Kgs., séla de 350 Kgs., séla de 400 Kgs. trator de 400 Kgs.)

#### Arranjos forrageiros para TRABALHO LEVE:

Padrão dorso-tração (muar) de peso aproximado a 300 Kgs.	Milho em grão 2.000gs.0 Feno de alfafa 2.000gs.0 Forrag. verde 8.000gs.0 Sal 20gs.0	Padrão séla (cavalal) de peso aproximado a 350 Kgs.	Milho em grão 2.500g Feno de alfafa 2.500g Forrag. verde 10.000g Sal 20g
Padrão trator (cavalal) de peso aproximado a 400 Kgs.	Milho em grão 3.000gs.0 Feno de alfafa 2.500gs.0 Forrag. verde 12.000gs.0 Sal 20gs.0	Padrão séla (cavalal) de peso aproximado a 400 Kgs.	Milho em grão 3.000g Feno de alfafa 2.500g Forrag. verde 12.000g Sal 20g

#### Arranjos forrageiros para TRABALHO MÉDIO

Padrão dorso-tração (muar) de peso aproximado a 300 Kgs.	Milho em grão 3.000gs.0 Feno de alfafa 2.000gs.0 Forrag. verde 10.000gs.0 Sal 20gs.0	Padrão séla (cavalal) de peso aproximado a 350 Kgs.	Milho em grão 3.500g Feno de alfafa 2.500g Forrag. verde 12.000g Sal 20g
Padrão trator (cavalal) (1) de peso aproximado a 400 Kgs.	Milho em grão 4.000gs.0 Feno de alfafa 3.000gs.0 Forrag. verde 10.000gs.0 Sal 20gs.0	Padrão séla (cavalal) de peso aproximado a 400 Kgs.	Milho em grão 4.000g Feno de alfafa 3.000g Forrag. verde 12.000g Sal 20g

(1) — Os tratores que são cavalgados pelos soldados condutores receberão mais 1/6 dós concentrados da ração.

#### Arranjos forrageiros para TRABALHO INTENSIVO

Padrão dorso-tração (muar) de peso aproximado a 300 Kgs.	Milho em grão 3.500gs.0 Feno de alfafa 2.500gs.0 Forrag. verde 10.000gs.0 Sal 20gr.0	Padrão séla (cavalal) de peso aproximado a 350 Kgs.	Milho em grão 4.000g Aveia 1.000g Feno de alfafa 3.000g Forrag. verde 10.000g Sal 20g
Padrão trator (cavalal) (2) de peso aproximado a 400 Kgs.	Milho em grão 4.500gs.0 Aveia 1.500gs.0 Alfafa 3.000gs.0 Forrag. verde 12.000gs.0 Sal 20gs.0	Padrão séla (cavalal) de peso aproximado a 400 Kgs.	Milho em grão 4.000g Aveia 2.000g Alfafa 3.000g Forrag. verde 12.000g Sal 20g

(2) — Proceder como foi assinalado na observação (1).

NOTA: — Os padrões de séla e tração quando no regime de trabalho intensivo receberão um "MASH" todos os 8 g.

#### Arranjos forrageiros para o padrão tratôr de peso aproximado a 500 gs. (3)

Para TRABALHO LEVE	Para TRABA. MÉDIO	Para TRABAL. INTENSI
Milho em grão 4.000gs.0 Feno de alfafa 3.000gs.0 Forragem verde 12.000gs.0 Sal 25gs.0	Milho em grão 5.000gs.0 Feno de alfafa 3.000gs.0 Forragem verde 14.000gs.0 Sal 25gs.0	Milho em grão 5.500g F. de trigo 1.000g F. de arroz 1.000g Alfafa 3.000g Forragem verde 14.000g Sal 25g

(3) — Observar o que foi recomendado nas notas (1) e (2).